



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

Conceções de Professores acerca do Currículo de Educação
Física no Primeiro Ciclo de Ensino Básico

Beatriz Gomes Costa



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Beatriz Gomes Costa

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

Conceções de Professores acerca do Currículo de Educação
Física no Primeiro Ciclo do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Professora Doutora Margarida Alves
Professor Doutor Fernando Santos
Professora Doutora Linda Saraiva

Fevereiro de 2023

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao Instituto Politécnico de Viana do Castelo e à Escola Superior de Educação que me acolheram durante cinco anos e que me ajudaram a construir o sonho.

Agradeço aos meus orientadores, por não terem desistido de mim. Não há palavras que cheguem para demonstrar a minha gratidão. Agradeço, sobretudo, o esforço e dedicação.

Agradeço a todos os professores que se cruzaram no meu caminho. Agradeço a paciência, o empenho, a dedicação e a amizade.

Agradeço à minha família, por terem estado lá nos momentos mais difíceis, por me terem ajudado ao longo destes anos. Agradeço por não me terem deixado desistir do sonho.

Agradeço à minha família do coração, por me apoiarem e por não me deixarem sozinha.

RESUMO

O presente relatório foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, integrante no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este relatório encontra-se dividido em três grandes capítulos, subdivididos em secções. O primeiro capítulo diz respeito às caracterizações dos contextos relativos à Prática de Ensino Supervisionada, mais especificamente, aborda as características dos agrupamentos e dos meios locais, das escolas, das salas de atividades e dos grupos de crianças. O segundo capítulo refere-se ao estudo, sendo que o objetivo do mesmo foi analisar as perceções de professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico relativamente ao programa de Educação Física, especificamente no que se refere às estratégias e desafios associados à sua implementação. Participaram neste estudo cinco professores titulares de turma, pertencentes a uma escola pública de uma freguesia de Viana do Castelo. Os dados foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas e analisados recorrendo à análise de conteúdo. Os resultados sugerem que é perceptível a desvalorização da Educação Física em contexto escolar. Os professores, apesar de saberem quais as soluções a adotar face aos constrangimentos emergentes aquando da implementação do currículo de Educação Física, acabam por ser influenciados por um sistema capitalista e que sustenta visões redutoras acerca do desenvolvimento das crianças, o que não lhes permite implementar alterações significativas na sua prática pedagógica, nem atribuir significados adequados à Educação Física. Serão necessárias alterações sistémicas para que a Educação Física no 1.º Ciclo do Ensino Básico se situe como uma matéria relevante para o desenvolvimento das crianças e que o currículo de Educação Física seja implementado concertadamente. No terceiro e último capítulo apresenta-se a reflexão global, referente ao percurso e aprendizagens realizadas durante a Prática de Ensino Supervisionada.

Palavras-chave: Aprendizagem; Crenças; Crianças; Escola; Pedagogia

ABSTRACT

This report was prepared within the scope of the curricular unit of Supervised Teaching Practice, part of the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education. This report is divided into three large chapters, subdivided into sections. The first chapter concerns the characterization of the contexts related to the Practice of Supervised Teaching, more specifically, addresses the characteristics of groups and local means, schools, activity rooms and groups of children. The second chapter refers to the study, and its objective was to analyze the perceptions of teachers of the 1st Cycle of Basic Education regarding the Physical Education program, specifically with regard to the strategies and challenges associated with its implementation. Five class teachers participated in this study, belonging to a public school in a parish of Viana do Castelo. Data were collected through semi-structured interviews and analyzed using content analysis. The results suggest that the devaluation of Physical Education in the school context is noticeable. Teachers, despite knowing what solutions to adopt in the face of emerging constraints when implementing the Physical Education curriculum, end up being influenced by a capitalist system that sustains reductive views about children's development, which does not allow them to implement changes formations in their pedagogical practice, nor assign adequate meanings to Physical Education. Systemic changes will be necessary so that Physical Education in the 1st Cycle of Basic Education becomes a relevant subject for the development of children and that the Physical Education curriculum is implemented in concert. In the third and last chapter, the global reflection is presented, referring to the path and learning carried out during the Supervised Teaching Practice.

Keywords: Beliefs; Children; Learning; Pedagogy; School

Índice

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
LISTA DE ABREVIATURAS	11
LISTA DE FIGURAS	12
LISTA DE TABELAS	13
ÍNDICE DE ANEXOS	14
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – CARATERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS EDUCATIVOS	16
Caraterização do Contexto Educativo do Pré-escolar	16
Caraterização do agrupamento e do meio	16
Caraterização do Jardim de Infância	16
Caraterização da sala e do grupo de crianças	18
Percurso de Intervenção Educativa no Pré-escolar	25
Projeto Casa da Árvore	31
Caraterização do Contexto Educativo do 1.º Ciclo do Ensino Básico	34
Caraterização da Escola	34
Caraterização da Sala de Aula e Rotinas	35
Caraterização da Turma	37
Percurso de Intervenção Educativa no 1.º Ciclo do Ensino Básico	39
Capítulo 2 – O ESTUDO	46
Enquadramento do estudo	46
Justificação e pertinência do estudo	46

Objetivo do estudo e questões de investigação	48
Fundamentação teórica do estudo	49
A importância da Educação Física no desenvolvimento de crianças na sociedade contemporânea.....	49
Marginalização da Educação Física no 1.º Ciclo do Ensino Básico e as suas consequências/impacto	49
Análise do Programa de Educação Física no 1.º Ciclo do Ensino Básico Matriz da carga horária no 1.º Ciclo do Ensino Básico	52
Operacionalização do programa - estratégias e desafios associados.....	55
Necessidades de desenvolvimento das crianças em período pós-pandémico	57
Índices de competência motora e níveis de atividade física de crianças na atualidade .	59
Metodologia	62
Opções metodológicas	62
Posicionamento do investigador.....	62
Participantes.....	64
Procedimentos de Recolha de Dados	65
Análise de dados	67
Apresentação e Discussão dos Resultados	70
Potencialidades e Premissas da Educação Física	70
Desafios e Constrangimentos na Operacionalização da Educação Física.....	73
Estratégias para a Operacionalização da Educação Física	81
Atividades de Enriquecimento Curricular	85
Programa de Educação Física e a Realidade Atual.....	86
Relevância dos Conteúdos Programáticos.....	89
Conclusões	94

Limitações do estudo e recomendações futuras	94
CAPÍTULO 3 – REFLEXÃO GLOBAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	95
REFERÊNCIAS.....	99
ANEXOS	104

LISTA DE ABREVIATURAS

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

AECS – Atividades de Enriquecimento Curricular

AF – Atividade Física

EC – Educadora Cooperante

EE – Educadora Estagiária

EF – Educação Física

h – Horas

JI – Jardim de Infância

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

min – Minutos

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OMS – Organização Mundial de Saúde

PC – Professora Cooperante

PE – Professora Estagiária

PES – Prática de Ensino Supervisionada

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Maquete do Projeto da Casa da Árvore	33
Figura 2 - Projeto da Casa da Árvore	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Blocos do Programa de EF	53
Tabela 2 - Componentes do currículo do 1.º CEB, no 1.º e 2.º anos.....	53
Tabela 3 - Componentes do currículo do 1.º CEB, no 3.º e 4.º anos.....	53
Tabela 4 - Categorias e Subcategorias.....	69

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Consentimento informado para a participação nas entrevistas.....	105
Anexo 2 - Guião das entrevistas	109
Anexo 3 - Transcrições das entrevistas	112

INTRODUÇÃO

Este relatório foi desenvolvido no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), inserida no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), sendo que se encontra dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo apresentam-se as caracterizações dos contextos em que decorreu a PES, e aborda-se a forma como decorreu este percurso em ambos os contextos. Inicialmente, apresenta-se a caracterização do contexto educativo em que decorreu a intervenção dirigida a crianças em idade pré-escolar, especificamente a caracterização do agrupamento e do meio; a caracterização do jardim de infância; e a caracterização da sala e do grupo de crianças. De seguida, apresentam-se diversos aspetos fundamentais para a caracterização do contexto educativo de 1.º CEB, a saber: a caracterização da escola; a caracterização da sala de aula e rotinas; e a caracterização da turma. Apresentam-se, ainda, as estratégias, aprendizagens e desafios associados a estes contextos.

No segundo capítulo descreve-se o estudo realizado. Durante o decorrer do capítulo visa-se perceber quais as conceções dos professores do 1.º CEB relativamente ao programa de Educação Física (EF). Fizeram parte deste estudo cinco professores titulares de turma. Os dados foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas e analisadas recorrendo à análise de conteúdo. Desta forma, o capítulo é composto por: a justificação e pertinência do tema; o objetivo do estudo e as questões de investigação; a fundamentação teórica do estudo e metodologia; a apresentação e discussão dos resultados; e, por fim, as conclusões e principais limitações do estudo.

No terceiro capítulo apresenta-se a reflexão global, na qual se aborda o contributo da PES para o futuro profissional, bem como as aprendizagens adquiridas e dificuldades sentidas.

CAPÍTULO 1 – CARATERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS EDUCATIVOS

Caraterização do Contexto Educativo do Pré-escolar

Caraterização do agrupamento e do meio

O Jardim de Infância (JI) onde decorreu a PES, localiza-se a Norte de Portugal, na cidade de Viana do Castelo, numa das 27 freguesias que a compõem (Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2021). Esta cidade caracteriza-se pelo mar, pela pesca e pelas belas paisagens, desde o conhecido Santuário de Santa Luzia aos locais mais recônditos, como a Lagoa de Esturranha. Com cerca de 85 784 habitantes, sendo 45 282 do sexo feminino e 40 502 do sexo masculino (Instituto Nacional de Estatística, 2021), é uma cidade com muito para oferecer. Destacam-se ainda as festas de Nossa Senhora da Agonia, o reconhecido navio Gil Eannes e a típica gastronomia, desde o peixe fresco, às bolas de Berlim da pastelaria Zé Natário. A União de Freguesias onde decorreu a PES, é composta por 25 158 habitantes, sendo que 13 470 são do sexo feminino e 11 688 são do sexo masculino (Instituto Nacional de Estatística, 2021). O agrupamento é composto por nove escolas.

Caraterização do Jardim de Infância

O JI encontra-se em funcionamento a partir das 07h45min (minutos). Entre as 07h45min e as 09h (horas), realiza-se o acolhimento das crianças. A partir das 09h até às 12h, realizam-se as rotinas e atividades da manhã. Entre as 12h e as 13h30min, realiza-se o almoço e o recreio. A partir das 13h30min até às 15h30min, realizam-se as rotinas e atividades da tarde. Entre as 15h30min e as 18h30min, as crianças ficam em horário de prolongamento, com uma Auxiliar de Educação do JI. O edifício do JI é coincidente com o edifício do 1.º CEB. O espaço exterior é comum e está dividido por uma rede, em duas áreas. Uma área para o JI e outra área para o 1.º CEB. Podemos assumir que o recreio do JI está dividido em várias zonas. Na primeira zona, junto ao portão de entrada, numa área onde o chão é de cimento, as crianças podem andar de triciclo e fazer jogos de chão. Os triciclos são guardados no interior do JI, na entrada. Os jogos de chão são compostos pelo jogo da macaca, quadrados coloridos, entre outros.

Na segunda zona, o chão é revestido com material esponjoso, para amortecer eventuais quedas, e está equipado com várias diversões, incluindo: baloiços, equipamento para trepar e escalar, escorregas, túneis, balancés, uma escada presa na árvore para trepar/baloçar. Existe ainda uma terceira zona, junto às janelas do edifício, que é coberta. Caso esteja a chover, as crianças podem permanecer nesta área. De referir que, ao longo de todo o recreio, existem árvores, dando sombra e fresca às crianças, assim como inúmeras brincadeiras, seja a descobrir animais na terra, seja a brincar com as folhas. Na lateral do edifício existe ainda uma horta biológica.

No interior, o edifício é composto por várias áreas distintas. Na entrada ficam estacionados os triciclos, para que depois as crianças possam usufruir deles no recreio. Ainda na entrada, no lado direito, fica a biblioteca. Esta área está delimitada por uma pequena cerca e normalmente fechada. As crianças só lá vão quando têm autorização. Na biblioteca podem requisitar livros e sentar-se a ouvir histórias. Existem também cenários de teatros e fantoches. No JI existem três salas com grupo atribuído, com crianças dos três aos seis anos. Cada sala conta com uma Educadora de Infância e uma Auxiliar de Educação. De referir que o JI conta com três Educadoras titulares e três Educadoras sem grupo atribuído. Artigo 79.º – Redução da componente letiva, (Diário da República Eletrónico, 2012, pp. 32-33).

Existe uma sala polivalente usada pelas Educadoras, seja para trabalhos manuais, como para tratar de outros assuntos. A sala está equipada com várias mesas, cadeiras, armários, estantes, um lavatório e um computador. Nesta sala também são guardados vários materiais escolares, livros e brinquedos. Existem duas casas de banho, para as crianças, junto às três salas. Existe uma sala de prolongamento, destinada às crianças que permanecem no JI depois das 15h30min. Esta está equipada com vários brinquedos e materiais para que as crianças possam brincar livremente. Existe um laboratório de ciências, equipado com diversos materiais destinados à realização de experiências.

Existe também um ginásio, com vários equipamentos: bancos; bolas pequenas, médias e grandes, de diferentes materiais; material esponjoso; arcos pequenos, médios e grandes; caminhos de crocodilo; trampolim; paraquedas; televisão; rádio. O ginásio é um

espaço polivalente. É usado em diversos momentos: para receber as crianças de manhã, até que cheguem as Educadoras de Infância; para a hora do recreio, pois, caso esteja a chover, as crianças permanecem neste local a ver um filme; para as sessões de música e dança; e para as sessões de motricidade, ioga, drama, ou outras atividades. Existe uma outra sala que é usada como arrecadação, onde são guardados os produtos de limpeza, e recursos, como papel higiênico. No JI existe ainda um gabinete, usado pelas Educadoras de Infância, para realizarem as suas reuniões. Uma casa de banho para as Educadoras e Auxiliares de Educação. Ao lado da casa de banho existe uma lavandaria, equipada com máquinas de lavar e secar a roupa. Por último, a cantina, equipada com várias mesas, cadeiras, um lavatório e também eletrodomésticos: fogão, forno, frigorífico e micro-ondas.

Caraterização da sala e do grupo de crianças

A sala onde decorreu a PES está dividida em várias áreas. À porta da sala existem dois cestos para que as crianças coloquem as mochilas. Na área da entrada, ainda antes de entrar na sala propriamente dita, existe uma mesa com o computador; estantes com vários jogos; um carrinho com os copos que contêm os marcadores de cada criança; um armário onde são guardados vários materiais escolares; um outro armário, aberto, com mais materiais; uma mesa-redonda com várias cadeiras, onde as crianças podem fazer os jogos de mesa. Nesta área estão também os cabides, onde as crianças penduram as suas batas e casacos. Cada cabide está assinalado com o nome de cada criança. Existe ainda um armário com várias divisões. Cada divisão pertence a uma criança, sendo que lá são guardados desenhos que estas vão fazendo.

Já na sala, esta está dividida em 13 áreas. Cada área tem um limite de lotação. Na área dos desenhos, as crianças têm ao seu dispor folhas brancas e os seus lápis de cor. Vão buscar aquilo que precisam à área da entrada e sentam-se, à mesa grande da sala. Na área das pinturas, as crianças têm num pequeno armário, de fácil acesso, na sala, lá têm ao seu dispor: folhas recicláveis, pincéis e tintas. Sentam-se à mesa grande da sala. Na área das colagens, no mesmo armário que o das pinturas, têm à sua disposição pincéis, cola, revistas, folhas recicláveis e tesouras. Na área da modelagem, no mesmo armário, as

crianças têm uma caixa que contém o barro/plasticina e os diferentes utensílios, (rolos, tesouras, formas), para moldarem. Na área dos projetos, normalmente as crianças reúnem-se numa mesa-redonda, à parte do grupo, que fica junto às janelas. Nessa área, as crianças desenvolvem projetos que estejam a decorrer no momento e apoiam-se entre si, para chegarem a um objetivo final. A área dos jogos de chão situa-se num tapete que existe no centro da sala. Os jogos de chão incluem: legos, blocos, animais, pistas, carros, entre outros. Estes materiais estão guardados em caixas.

A área dos jogos de mesa situa-se na entrada, as crianças escolhem um jogo e sentam-se à mesa-redonda. Os jogos existentes são: jogos de enfiamentos de contas; jogos de matemática; jogos de associação de cores; jogos de figuras geométricas; jogos relacionados com profissões; puzzles, quadros brancos para desenharem com marcadores, entre outros. A área do faz de conta é composta por: uma cama e mantas; um armário com roupas, sapatos e acessórios; um espelho; uma cozinha com lavatório e diversos utensílios (copos, pratos, talheres); comida feita de plástico; uma mesa e cadeiras; bebés e carrinho. A área da biblioteca é composta por um carrinho com variados livros, pufes e também um pequeno teatro. Na parte do teatro as crianças têm ao seu dispor fantoches para que possam imaginar peças. Na área do quadro de giz, as crianças têm a possibilidade de fazer desenhos no quadro, conforme os seus gostos. A área do computador situa-se na entrada, as crianças podem fazer variados jogos, tais como, puzzles, jogos de matemática, entre outros. Na área da costura, as crianças têm ao seu dispor uma caixa com linhas, agulhas arredondadas e moldes. A área da areia, situa-se junto a uma janela, as crianças têm ao seu dispor um barco grande contendo areia dentro, dando-lhes a possibilidade de a manipularem e fazerem construções.

De referir, ainda, que esta sala tem com uma boa iluminação natural, devido às grandes janelas existentes. Existe ainda um computador; projetor e respetiva tela de projeção; armário com documentação das crianças. Está equipada com aquecimento e existe um lavatório, para que as crianças possam lavar as mãos, depois de fazerem alguma atividade, sem precisarem de se deslocar à casa de banho. Em todas as paredes da sala, também existem vários materiais afixados, sendo eles: comboio com os aniversários de cada criança; abecedário representado de várias formas; várias imagens (corpo humano,

emoções, locais de casa...); números do um ao 10; desenhos das crianças que representam as regras da sala (na escola sei... esperar, ouvir, brincar, arrumar, ser feliz...); quadro das tarefas (comboio, mochilas, guardanapos, quadros, tempo, cartões e avaliar); quadro das presenças; quadro das áreas (área dos desenhos; área das pinturas; área das colagens; área da modelagem; área dos projetos; área dos jogos de chão; área dos jogos de mesa; área do faz de conta; área da biblioteca/teatro; área do quadro de giz; área do computador; área da costura; área da areia); faixa com os números do um ao 31, que representam os dias do mês; faixa com os dias da semana e o quadro do tempo.

No que diz respeito às rotinas da manhã, as crianças começam por fazer jogos de mesa, até que cheguem as restantes crianças do grupo. À medida que vão chegando, assinalam com um “P”, a sua presença, na tabela de dupla entrada que está afixada na sala. Quando o grupo está completo, sentam-se em roda, no tapete da sala. Fazem o relaxamento, respirando ao som da flauta e, de seguida, cantam a canção dos bons dias. Para a distribuição dos cartões, para que se saiba quem irá fazer as tarefas do dia, são usadas diferentes estratégias, recorrendo à matemática, ao abecedário, ou até a experiências.

As tarefas do dia são as seguintes: Comboio – a criança fica responsável por chamar os colegas para o comboio; Mochilas – duas crianças ficam responsáveis por distribuir as mochilas nas horas dos lanches; Guardanapos – a criança distribui os guardanapos pelas mesas, na hora dos lanches da manhã e tarde; Quadros – a criança coloca o quadrado no local correto, na faixa numérica para preencher o dia do mês. Coloca o quadrado no local correto, na faixa com os dias da semana. Contabiliza as crianças presentes. Escreve a data no quadro de giz e coloca um “F”, de falta, no quadro das presenças, caso alguma criança esteja a faltar; Tempo – a criança verifica o estado do tempo, pega na imagem correta e coloca-a no quadro do tempo, no respetivo dia da semana. De seguida, pega na bola colorida correta, de acordo com o estado do tempo, para colocar no copinho correspondente à semana em questão. Cartões – a criança fica responsável por chamar os colegas para que estes escolham a área onde querem brincar. Avaliar – a criança avalia a sessão, fazendo um resumo do dia. Ao longo do dia, as crianças têm também as rotinas da higiene e dos lanches.

De referir que, ao longo das sessões, as Educadoras Estagiárias (EE) apresentaram e incluíram uma música sobre os estados do tempo nas rotinas das crianças, para que completassem o quadro do tempo. De notar que existiam também rotinas semanais, sendo elas: segunda-feira – ioga; terça-feira – música; quarta-feira – EF; quinta-feira – música; e sexta-feira – dia livre. Este grupo era composto por 25 crianças, sendo que 14 eram do sexo feminino e 11 do sexo masculino. Quatro das crianças tinham três anos; 13 crianças tinham quatro anos; sete crianças tinham cinco anos e uma criança tinha seis anos. Não existia nenhuma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Este grupo caracterizava-se por ser heterogéneo, essencialmente devido à discrepância das idades. Demonstrou sempre ser participativo e opinativo, as crianças sempre tiveram grande abertura para debater certos assuntos, demonstrando ter um grande espírito crítico. A principal dificuldade sentida, era conseguir sempre envolver todo o grupo nas atividades, conseguindo “chegar” tanto às crianças de três anos, como às de seis anos.

Neste momento, recorrendo às OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016), irei fazer uma descrição do grupo mais pormenorizada. Em relação à Área da Formação Pessoal e Social, é de destacar que, neste grupo, existia sempre uma grande preocupação com o bem-estar de cada criança. Estas tinham plena consciência, e estavam sempre a ser lembradas, de certas regras, como: saber ouvir, saber esperar, ser amigo, ajudar o outro, entre outras. Assim como, se algo corresse menos bem, se existisse algum desentendimento entre as crianças, estas eram chamadas de parte para que refletissem sobre os seus comportamentos, existindo assim uma harmoniosa coordenação do grande grupo.

Cada uma das crianças tinha também várias oportunidades de partilhar algo que a estivesse a preocupar, fosse na roda da manhã, ou noutra momento do dia, sendo que, dessa forma, sentia-se escutada e valorizada. Eram encorajadas, não só, a desenvolver-se como seres individuais, como também a saberem relacionar-se com os outros, desenvolvendo-se assim a autoestima, a autonomia e também a convivência democrática. De notar que a maior parte do grupo estava familiarizado com as rotinas da sala, e com as regras, existindo apenas algumas crianças mais novas que ainda necessitavam de ser chamadas à atenção, para que mantivessem um comportamento adequado.

No que diz respeito à Área de Expressão e Comunicação, relativamente ao Domínio da EF, de uma forma geral, o grupo sentia-se sempre muito entusiasmado. Normalmente, apenas duas crianças de três anos, acabavam por não demonstrar tanto interesse, sendo preciso encorajá-las a participar nas atividades. Relativamente a situações de jogos, as crianças mais velhas acabavam por auxiliar as mais novas, pois estas ainda não compreendiam tão bem as regras e, por vezes, ficavam um pouco tristes se fossem, por exemplo, “apanhadas”, num jogo de “apanhadas”. Em relação aos deslocamentos e equilíbrios, as crianças estavam bem desenvolvidas e eram constantemente desafiadas, tanto a saltar de alturas maiores, como a trepar bancos com inclinações. Algumas revelavam ter ainda um pouco de receio, por exemplo ao saltar de alturas maiores, ou ao saltar a pés juntos.

Importante referir que, muitas das vezes, algumas das crianças mais novas tinham mais facilidade em realizar determinados exercícios, do que algumas das crianças mais velhas. Podemos, neste momento, refletir que a aptidão física não tem a ver com a idade, mas sim com o desenvolvimento de cada criança. Relativamente às perícias e manipulações, as crianças deste grupo não estavam ainda tão desenvolvidas neste campo. Começamos por introduzir um novo material, sendo este as “bolas”, aquando da implementação das sessões, treinando o lançar, o receber e o lançar com precisão. As crianças demonstraram conseguir realizar os exercícios, mas ainda não estavam muito familiarizadas com este material e, por isso, dispersavam um pouco a atenção.

No Domínio da Educação Artística, mais especificamente, no Subdomínio das Artes Visuais, as crianças gostavam bastante de fazer desenhos relacionados com temas, e gostavam de aceder à internet para pesquisar imagens. Em relação a desenhos, recortes, colagens e pinturas, algumas tinham mais facilidade que outras. Algumas das crianças mais velhas, faziam ainda desenhos muito vagos e abstratos, assim como as crianças mais novas, sendo que, algumas delas, ainda só desenhavam linhas e rabiscos. Na parte dos recortes e colagens, algumas das crianças mais novas precisavam de auxílio na pega da tesoura. Em termos de pinturas, gostavam bastante de usar as tintas, os pincéis e os seus dedos para colorir.

No Subdomínio do Jogo Dramático/Teatro, as crianças conseguiam utilizar e recriar objetos, atribuindo-lhes novos significados. Por vezes, acabavam por se repetir ideias do grupo, mas, de uma forma geral, conseguiam inventar algo no momento. No que diz respeito a representar personagens, situações ou objetos, com o seu próprio corpo, notava-se que ficavam ainda um pouco inibidas ao apresentarem algo perante o grupo.

No que diz respeito ao Subdomínio da Música, notou-se, desde o primeiro dia, que as crianças reagiam muito bem a atividades relacionadas com este. Estavam já muito familiarizadas com o trabalho de ritmo, conseguindo interpretar e seguir movimentos corporais. Este grupo sempre teve também uma grande capacidade de memorização de canções e acalmavam bastante quando cantávamos com eles, ou quando colocávamos músicas na coluna. Estavam também bastante à vontade com os instrumentos musicais, tais como: clavas, guizos, jogos de sinos, entre outros. De notar que às terças-feiras e quintas-feiras, tinham sessões de música com uma professora especializada na área.

No subdomínio da Dança, as crianças conseguiam acompanhar movimentos simples feitos pelas EE, e de uma forma geral, todas gostavam de fazer coreografias, apenas algumas das crianças mais novas, por vezes, não demonstravam tanto interesse, acabando por dispersar a sua atenção.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, de uma forma geral, todas as crianças conseguiam expressar-se corretamente, existindo apenas alguns momentos em que era necessário corrigir eventuais lapsos na conjugação dos verbos. De reparar que, as crianças mais velhas, comparativamente às crianças mais novas, conseguiam já formular diálogos, com uma melhor construção frásica. Notava-se também que algumas tinham, ainda, dificuldades em expressar-se, necessitando de vários estímulos para que conseguissem falar perante o grupo. De referir que, conseguiam identificar o número de sílabas de uma palavra, através das palmas. Existia apenas uma criança no grupo que tinha bastantes dificuldades de fala, e estava já a ser acompanhada. Era necessário pedir que repetisse várias vezes, para que assim a percebêssemos e para que treinasse os segmentos das palavras. No que concerne à escrita, as crianças entre os quatro e os seis anos já

conseguiram escrever o seu nome e a data, sendo que algumas ainda revelavam dificuldades neste processo, precisando de ajuda e incentivo.

Relativamente ao Domínio da Matemática, as crianças estavam constantemente a trabalhá-lo, quer fosse na distribuição dos cartões, onde tinham de verificar quantos já tinham sido dados e quantos faltavam dar, quer fosse na contagem das crianças presentes, onde tinham de contar quantas estavam presentes e depois perceber quantas estavam a faltar. Também associavam quantidades, através de diferentes formas de representação, ao numeral. Algumas tinham ainda dificuldades neste nível, não reconhecendo ainda o numeral. Quase todas conseguiam contar, corretamente, até ao 10, sendo que, algumas, tinham ainda dificuldade em contar, apenas até ao cinco, normalmente eram as crianças mais novas que revelam esta dificuldade. Conseguiram também ordenar os números de um a oito. No que diz respeito ao tratamento de dados, este era mais explorado pelas crianças mais velhas.

No final de cada mês, faziam o tratamento de dados dos quadros (quadro das presenças e quadro do tempo). Este campo foi também explorado com todo o grupo, através de atividades, como por exemplo, a contagem de elementos familiares, sendo que, fizemos uma tabela, que ficou afixada na sala. As figuras geométricas eram constantemente exploradas, quer fosse através dos jogos de mesa, quer fosse em conversas, em que se associavam certos objetos às formas. No que diz respeito à orientação e reconhecimento de locais, as crianças revelavam ter grande capacidade de se orientarem. Pudemos perceber isto através de uma caça ao tesouro realizada com o grupo e também em momentos das rotinas, em situações como “senta-te ao lado de...”; “está entre tal e tal...”.

Em relação à Área do Conhecimento do Mundo, as crianças revelavam sempre um grande entusiasmo, quer fosse na realização de atividades experimentais, quer fosse na exploração da natureza. Demonstravam sempre ter já muitas ideias sobre os assuntos abordados, muitas delas, ideias corretas. Era um grupo bastante ativo e com grande espírito crítico, querendo sempre demonstrar que já sabiam e que já conheciam os assuntos.

Percurso de Intervenção Educativa no Pré-escolar

O percurso de intervenção educativa no Pré-escolar iniciou-se no 1.º semestre, em PES. A PES realizou-se durante 13 semanas, sendo que três delas foram de observação e intervenção, e 10 foram de regência, em alternância com o par de estágio. A PES realizava-se em três dias por semana, (segunda-feira, terça-feira e quarta-feira), sendo que houve duas semanas intensivas, realizando-se nos cinco dias da semana. Durante as três semanas de observação e intervenção ficamos a conhecer o grupo com que iríamos trabalhar e também o método de trabalho da Educadora Cooperante (EC). Estas semanas foram também propícias ao conhecimento das características individuais de cada criança.

Durantes as observações, apropriamo-nos das rotinas, dos métodos de trabalho e também do desenvolvimento de cada criança. Estas semanas revelaram ser também muito importantes para que as crianças se adaptassem à presença das EE, sendo que começamos a interagir com elas, aos poucos. Na última semana de observação fomos desafiadas pela EC a tentar perceber o que seria importante trabalhar com o grupo de crianças, daquilo que já tínhamos observado. Ao refletirmos sobre isto, verificamos a necessidade de reforçar as relações interpessoais. Decidimos abordar esta componente, pois fomos ouvindo algumas situações do género: "O x não quer ser meu amigo"; "A y bateu-me"; "O w não quer brincar comigo". Desta forma, pensamos que seria do interesse das crianças trabalhar essa parte, para que todos percebessem a importância da amizade e se sentissem ouvidos. Planeamos, desta forma, atividades que fossem ao encontro do desenvolvimento e melhoramento das relações interpessoais.

Na primeira semana de implementação, trabalhamos a área do conhecimento do mundo, através de uma experiência de flutuação, recorrendo a vários objetos, a um quadro POER (Prevê, Observa, Explica e Reflete) e a uma tina com água. De forma a trabalhar o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, realizamos uma atividade, em grande grupo, onde fizemos uma teia da amizade. E lemos o livro "O pequeno livro da amizade", de Christine Coirault, publicado, pela primeira vez, em 2002, de forma a refletirmos sobre "o que é ser amigo?". No subdomínio das artes visuais, fizemos uma árvore da amizade, através da carimbagem das mãos das crianças, com tintas. No domínio da EF, estruturamos a sessão em três momentos: aquecimento – jogo de corrida e jogo dos arcos;

desenvolvimento – circuito com várias estações, de forma a trabalhar as perícias e manipulações (agarrar e lançar); e relaxamento – reprodução de movimentos feitos pela EE, ao som de uma música calma. No domínio da matemática, trabalhamos as contagens e a identificação do numeral, através da “máquina da amizade”, criada pelas EE.

Na segunda semana de implementação, de forma a dar continuidade às relações interpessoais, desenvolvemos novas atividades, que fossem ao encontro da família. Nesta semana, demos também continuidade à questão dos sonhos das crianças, nascendo assim um projeto. De forma a trabalhar o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, nesta semana, optamos por construir um jogo da memória referente às famílias de palavras. Esta atividade foi apresentada em grande grupo e depois trabalhada em pequenos grupos. Todas as crianças experimentaram o jogo, e este revelou ser muito bom para trabalhar a linguagem oral e a contagem de sílabas. No domínio da matemática, nesta semana, optamos por trabalhar o tratamento de dados, num gráfico de barras, através da contagem dos elementos familiares de cada criança. No subdomínio do jogo dramático/teatro, as crianças foram desafiadas a transformar um objeto noutra coisa qualquer, trabalhando assim a imaginação.

No subdomínio das artes visuais, nesta semana, as EE levaram a “casa dos sonhos” e a “coruja Tobias”. Estes elementos, daquele momento em diante, fizeram parte das sessões seguintes. Neste dia, a “coruja” lançou um desafio às crianças. Desenharem um sonho que tivessem para a escola, ou para a sala, e colocarem-no na “casa dos sonhos”. Depois de realizados os desenhos, exploramos os mesmos, através de um diálogo. As crianças conseguiram compreender que não poderíamos realizar todos os seus sonhos e, que por isso, teríamos de fazer um tratamento de dados. As crianças mostraram estar conscientes, partilhando as suas ideias do que seria, ou não, viável para a escola. Conseguimos excluir vários grupos e fizemos depois uma votação, chegando assim ao projeto da casa na árvore. As crianças consolidaram também a parte dos desejos e necessidades, refletindo sobre o dinheiro que teríamos de gastar nos seus sonhos. Enunciaram ainda os materiais que teríamos de usar na construção da casa na árvore. No domínio da EF, estruturamos a sessão em três momentos: aquecimento – jogo da locomoção dos animais; desenvolvimento – circuito com várias estações, de forma a

trabalhar os deslocamentos e equilíbrios (rastejar, saltar, rebolar, equilibrar-se e também usar a força de braços) e relaxamento – alongamento dos membros inferiores e superiores, ao som de uma música calma.

Na terceira semana de implementação, demos continuidade ao projeto da casa da árvore e decidimos começar a explorar o Natal, pois as crianças começaram a falar sobre o mesmo. Tentamos, nesta semana, perceber o que queriam fazer, na sala, para explorar esta época. No domínio da matemática, optamos por reforçar uma atividade, já realizada anteriormente, sendo esta o jogo do encaixe. Nesta atividade, as crianças tinham de ligar o numeral à imagem de árvores correspondente, montando assim, o puzzle. No subdomínio das artes visuais, para dar continuidade ao projeto da casa da árvore, as crianças deram continuidade à construção da maquete. Para trabalhar o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, decidimos explorar, novamente, o jogo da família de palavras, para reforçar conhecimentos. Nesta semana, abordamos também uma história “O Sonho de Natal”, de Patrícia Engel Secco, publicado em 2001, para que começássemos a explorar o mesmo. A história estava ligada, além do Natal, aos sentimentos e relações interpessoais. Inicialmente, fizemos uma atividade de pré-leitura, que consistiu em que as crianças criassem uma história, a partir de vários objetos que foram levados pelas EE. Depois da leitura, realizou-se um diálogo sobre os sentimentos e como estes são um presente importante. No decorrer do diálogo elaboramos uma cartolina intitulada “O Natal é...”, sendo que, cada criança, deu a sua opinião.

Na quarta semana, para dar continuidade àquilo que as crianças propuseram em sessões anteriores, relacionado com o Natal, elaboramos atividades que fossem de encontro a isto. As atividades propostas foram: confeção de bolachas, para que levassem para casa; e elaboração dos respetivos sacos das bolachas. No subdomínio das artes visuais, realizamos então os sacos para colocar as bolachas. As crianças tiveram de os colorir, ao seu gosto, usando os dedos e tintas. De forma a trabalhar o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, e o domínio da matemática, fizemos a receita das bolachas. Inicialmente, apresentamos um PowerPoint com a receita, os respetivos ingredientes e quantidades. Depois, em pequenos grupos, fizemos a receita e moldamos as bolachas. Esta atividade revelou-se muito rica do ponto de vista educativo, pois conseguimos trabalhar a

linguagem oral e abordagem à escrita, através da leitura da receita, e também a área da matemática, através das quantidades de cada ingrediente, existindo assim uma interdisciplinaridade. Além disso, conseguimos ainda trabalhar a motricidade fina, durante a confeitura da receita (partir os ovos, mexer os ingredientes e moldar as bolachas). No final, as crianças mais velhas elaboraram um pictograma da receita, demonstrando saber que ingredientes tínhamos usados e que quantidades.

No domínio da EF, esta sessão teve de ser adaptada para o exterior, sendo que mantivemos a estrutura da sessão em três momentos: aquecimento – corrida e dança; desenvolvimento – circuito com várias estações para trabalhar os deslocamentos e equilíbrios (saltar a pés juntos; caminhar, equilibrando-se) e perícias e manipulações (agarrar e lançar); e relaxamento – alongamento dos membros superiores e inferiores. Trabalhamos a área do conhecimento do mundo, através de uma experiência que envolveu a atração de um íman, em grande grupo. Para tal, levámos alguns objetos e ímanes e fizemos previsões e conclusões, comparando, no fim, os resultados.

A quinta semana coincidiu com a semana intensiva. Nesta semana, voltamos a reforçar e a ligar o projeto da casa da árvore às atividades, e às diferentes áreas do conhecimento. No domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, através de uma imagem, as crianças foram desafiadas a imaginar uma história. Trabalhamos a área do conhecimento do mundo, através de uma experiência que envolveu a atração de um íman, dando continuidade a algo já explorado anteriormente. Desta vez, as crianças tinham de retirar objetos de dentro de uma tina com água, usando apenas o íman.

No subdomínio da música, existiram três fases: começamos por trabalhar a pulsação, ao som de uma música, usando o nosso corpo para sentir a mesma; de seguida, exploramos as clavas, ao som de uma segunda música; para finalizar, trabalhamos o sentido da audição, ouvindo os sons que nos rodeavam, no exterior, partilhando-os, no final, em grande grupo. No domínio da EF, estruturamos três momentos: aquecimento – corrida e realização de movimentos dos membros inferiores e superiores; desenvolvimento – circuito com várias estações para trabalhar deslocamentos e equilíbrios (saltar, rastejar, trepar, saltar a pés juntos e deslizar) e perícias e manipulações (agarrar e lançar); e

relaxamento – reproduzir os movimentos da EE, ao som de uma música calma. Para trabalharmos o domínio da matemática, realizamos as medições para a casa da árvore, no exterior, usando, inicialmente, as passadas e depois o metro. Assinalamos com giz, no chão, as medições, conseguindo, desta forma, visualizar o formato da casa. Nesta semana, para trabalharmos o subdomínio da dança, colocamos várias músicas e fizemos coreografias simples com as crianças. No subdomínio das artes visuais, desafiamos as crianças a recolherem elementos da natureza (paus, folhas, pedras) e depois a usarem-nos para fazerem obras de arte.

Relativamente às áreas do conhecimento, penso que conseguimos trabalhá-las todas, contudo, algumas foram mais exploradas que outras. O subdomínio da música, por exemplo, foi ligeiramente menos explorado, pois as crianças já tinham música duas vezes por semana, com uma professora especializada nesta área. De referir que, apesar de não termos estruturado nas planificações atividades de música, o certo é que estas surgiram naturalmente, no decorrer das sessões. As crianças sempre reagiram muito bem à música, e, por esse motivo, quando precisávamos que se acalmassem, improvisávamos movimentos relaxantes, ao som de uma música. O subdomínio da dança também foi menos explorado, pois as crianças tinham dança, uma vez por semana, com uma professora especializada na área.

Penso que as atividades planeadas foram todas adequadas ao grupo, tendo em conta as faixas etárias, sendo que era um grupo heterogéneo. Penso que todas as crianças conseguiram apropriar-se das atividades e retirar conhecimentos das mesmas. Ao longo das semanas, fui ficando cada vez mais familiarizada com as dinâmicas e as rotinas. Senti-me cada vez mais à vontade com todas as crianças do grupo e com o seu método de trabalho, conseguindo arranjar estratégias que me ajudassem durante as implementações. É de ressaltar o apoio por parte da EC e do par pedagógico, pois sem a sua ajuda, teria de adaptar certas atividades e de as prolongar durante mais tempo.

No que concerne às áreas em que senti mais dificuldades, foram as seguintes: inicialmente, tive alguma dificuldade em perceber que atividades de EF seriam apropriadas para aquele grupo em específico. Ao longo das sessões, consegui perceber melhor o grupo

e as suas destrezas físicas e assim conseguir adaptar as atividades. Uma outra área em que senti dificuldades, foi a área do conhecimento do mundo, pois, por vezes, tinha receio de passar uma ideia errada às crianças e de não conseguir explicar claramente os conceitos. Para além do que já foi referido, de mencionar que nas primeiras semanas senti ainda dificuldades a: saber gerir o grupo e arranjar estratégias que me ajudassem nesta gestão. Desprender-me das planificações e adaptar as atividades no momento, tendo a capacidade de desenvolver diálogos com intencionalidade e ligações com as várias áreas do conhecimento e com aprendizagens já realizadas anteriormente. Conseguir envolver todo o grupo e conseguir chegar a todas as crianças, tanto as de três como as de seis anos. Conseguir transmitir “magia” às crianças, promovendo a motivação e entusiasmo das mesmas. Conseguir dar mais ênfase aos diálogos, sendo espontânea e divertida e partilhar experiências pessoais com as crianças, para que elas se relacionassem com as mesmas. De referir o constante apoio da EC e os seus conselhos, para que melhorasse, progressivamente, as implementações.

Apesar destas dificuldades, é de notar que este percurso foi, sem dúvida, uma mais-valia para o meu futuro enquanto Educadora. As dificuldades foram, aos poucos e poucos, sendo ultrapassadas. O facto de ter um grupo ao meu encargo e planear atividades para o mesmo, foi extremamente gratificante. Consegui pôr em prática aquilo que fui aprendendo ao longo dos anos, e assim desenvolver certas competências, nomeadamente: trabalhar o planeamento e respetivas adaptações das atividades, no momento de implementação. Ter a capacidade de perceber o que cada criança precisava mais de trabalhar. Saber gerir e criar estratégias para cada momento das rotinas. Trabalhar a interdisciplinaridade, sem nunca esquecer a intencionalidade educativa. Saber gerir os diálogos e aproveitar aquilo que as crianças iam dizendo, sabendo “puxar” por elas, fazendo com que trabalhassem o pensamento crítico, tornando-se, desta forma, cidadãos conscientes. Ter a capacidade de ser divertida, de transmitir magia e entusiasmo, de fazer com que as crianças se sentissem felizes e que tirassem proveito das experiências.

No que concerne à dinâmica da sala e às rotinas, estas tentaram ser sempre respeitadas e tentamos seguir sempre o método utilizado pela EC. Desta forma, penso que as crianças continuaram a ter uma segurança e uma rotina apropriada. A dinâmica das

rotinas mantinha-se sempre igual, sendo que, na parte da distribuição dos cartões, tentávamos adicionar um elemento diferente a cada sessão, para que as crianças continuassem a sentir-se motivadas e prestassem atenção. De referir que, integramos uma música, sobre os estados do tempo, nas rotinas das crianças.

Resumidamente, penso que fomos ao encontro dos interesses das crianças, na medida em que, de uma semana para a outra, tentávamos adaptar e criar atividades de acordo com aquilo que as mesmas iam falando. Nunca tínhamos um tema definido, tentando sempre trabalhar em formato de projetos, conforme os assuntos que iam surgindo, através dos diálogos de grande grupo. Tentamos sempre manter os ideais da EC, dando liberdade às crianças de se expressarem, de pensarem criticamente sobre os assuntos e serem elas a orientar aquilo que iríamos trabalhar. De referir que as crianças estavam bastante familiarizadas com as regras da sala e eram bastante participativas e interessadas nos assuntos. Destaco isto como uma mais-valia para nós, pois este grupo foi, sem dúvida, espetacular e ajudou-nos imenso nas nossas intervenções. Revelaram sempre ter grandes conhecimentos e pensamento crítico sobre os assuntos, tendo sempre uma opinião a partilhar.

Projeto Casa da Árvore

No que diz respeito ao projeto implementado durante as sessões, este surgiu em conversa com a EC, pois o seu método de trabalho centrava-se em projetos, partindo de ideias das crianças. Munidas de algumas informações, dadas pela EC, fomos construindo atividades, onde, através das mesmas, conseguíssemos chegar a um projeto comum do grupo. Inicialmente, as crianças foram desafiadas a desenharem um sonho que tivessem para a sala, ou para a escola. Foram muitas as ideias, por isso, o passo seguinte, foi criar categorias dos desenhos. Fizemos isto em diálogo de grande grupo e fomos arranjando categorias e excluindo alguns sonhos. As crianças perceberam que nem todos os sonhos seriam concebíveis e demonstraram ter pensamento crítico sobre isto.

Depois deste tratamento de dados, fizemos uma votação entre os sonhos que se repetiram mais vezes e surgiu assim o sonho em comum das crianças, terem uma casa na

árvore. Ao longo das semanas, fomos então criando atividades que se ligassem ao projeto, fazendo com que as crianças pensassem criticamente sobre o mesmo. Nomeadamente, apresentamos histórias que se ligavam ao projeto, sendo elas: “A árvore generosa”, de Shel Silverstein, de 1964, e “Os três porquinhos constroem uma casa da árvore”, história adaptada pelas EE. Como passo seguinte, as crianças começaram a pensar nas ajudas que precisaríamos e quais os materiais a usar. Demonstraram, desde logo, estarem bastante conscientes, referindo que, sozinhos, não iríamos conseguir construir a casa da árvore. Algumas das crianças referiram que poderíamos pedir ajuda aos seus familiares. No que diz respeito aos materiais, as crianças referiram que teríamos de usar madeira, pregos, parafusos, martelo, serra, entre outros.

Seguidamente, criamos uma atividade de exploração da árvore, no recreio do JI. Dirigimo-nos com as crianças ao exterior e escolhemos, em conjunto, a árvore do projeto. De seguida, aproveitamos o momento, para que as crianças explorassem a árvore (tronco, folhas, ramos...). Para que as crianças percebessem o formato da casa e como poderíamos construí-la na árvore, criamos uma maquete do projeto. Ao longo de várias semanas, fomos construindo a maquete e adicionando vários elementos à mesma. Todas as crianças participaram na construção e deram a sua opinião sobre a sua estrutura.

Devido a alguns imprevistos, que foram surgindo durante a realização do projeto, para que as crianças percebessem que existem sempre imprevistos na nossa vida, e que podemos sentir diferentes emoções no desenrolar, apresentamos a história adaptada dos três porquinhos e, de seguida, desafiamos-las a desenharem aquilo que estavam a sentir com o projeto. Outro dos pontos focais deste projeto, foi realizar as medidas à volta da árvore e desenhar com giz no chão, para que as crianças se apropriassem de algumas noções de medida e que percebessem qual o formato que a casa iria ter.

Devido a vários casos positivos de SARS-COV-2, tivemos de alongar o projeto da casa da árvore, já depois de terminadas as implementações. Com várias ajudas externas, conseguimos concretizar o projeto e o sonho das crianças. Conseguimos arranjar paletes, através de familiares e assim reutilizar materiais. Para a construção da casa, contamos com a ajuda de familiares, da associação de pais, e a ajuda da EC. Destaco este projeto como

algo bastante positivo no meu percurso enquanto Educadora, pois consegui perceber as diferentes fases de um projeto e como conseguimos interligá-lo com as diferentes áreas do conhecimento. Através do mesmo, também conseguimos arranjar estratégias e atividades para que todas as crianças estivessem por dentro do assunto e soubessem o que estava a acontecer.



Figura 1 - Maquete do Projeto da Casa da Árvore



Figura 2 - Projeto da Casa da Árvore

Caraterização do Contexto Educativo do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Caraterização da Escola

A escola básica onde decorreu a PES pertence ao mesmo agrupamento de escolas do contexto do Pré-Escolar. Este agrupamento de escolas detém uma oferta formativa que vai desde o Pré-Escolar, até ao Ensino Secundário, existindo, ao todo, nove escolas. Esta escola encontra-se bem localizada, ficando próxima de vários pontos de interesse da cidade. Fica próxima do centro, da biblioteca, de várias escolas, de postos comerciais, entre outros. Contudo, não existem os melhores acessos, sendo que os encarregados de educação não têm onde parar os carros, quando deixam os alunos na escola. Na escola existem oito salas, sendo que existem duas turmas do 1.º ano, uma turma com 21 alunos e a outra turma com 24 alunos. Existem duas turmas do 2.º ano, uma turma com 21 alunos e a outra turma com 17 alunos. Existem duas turmas do 3.º ano, uma turma com 21 alunos e a outra turma com 22 alunos. E, por fim, existem duas turmas do 4.º ano, uma turma com 21 alunos e a outra turma com 24 alunos. Todas estas turmas perfazem um total de cerca de 170 alunos.

No que diz respeito ao número de docentes, esta escola conta com a coordenadora da instituição, com oito professores titulares e cinco professores de apoio (uma professora de música em coadjuvação; uma Educadora em part-time e coadjuvação, na área das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC); uma professora de ensino especial; e duas professoras com parte de uma turma, com redução de horário). Relativamente ao número de não docentes, esta escola conta com o apoio de cinco funcionárias, três cozinheiras, uma tarefeira, e uma terapeuta, em part-time. Na escola, as Atividades de Enriquecimento Curricular (AECS) disponibilizadas são intituladas de “Aprender a brincar”, sendo que se fazem atividades de EF, de jogos tradicionais, de expressão plástica, entre outros. Estas atividades são realizadas no horário de prolongamento.

No que concerne aos espaços, existem oito salas de aula, como já foi, anteriormente, referido, distribuídas pelo primeiro e segundo pisos. Existe uma biblioteca, sendo que uma funcionária é responsável pela mesma. Existe uma cantina, uma sala de TIC, um ginásio, uma sala de ciências, uma sala de professores, nove casas de banho para raparigas e nove casas de banho para rapazes, distribuídas pelos dois pisos. Existem ainda

duas casas de banho para o corpo docente e não docente. No espaço exterior, o recreio é composto por várias áreas. Existe uma área com um campo de futebol e basquetebol, com pavimento devidamente adaptado e delimitado. Existe uma outra área com árvores e flores, com pavimento em terra e onde existem alguns pneus coloridos. E existe também uma área em cimento, com uma cobertura, desde o portão da entrada, até à área das salas, para que, no tempo de chuva, os alunos consigam, igualmente, usufruir do espaço exterior. Nesta parte cimentada, existem também árvores de grande porte, que criam zonas de fresca e alguns bancos.

Caraterização da Sala de Aula e Rotinas

A sala de aula onde foi realizada a PES, no 1.º CEB, caracterizava-se por ser uma sala de aula bastante luminosa e acolhedora, localizando-se no primeiro piso da escola. A sala estava equipada com vários materiais e equipamentos. Esta contava com um quadro de giz, uma tela de projeção e respetivo projetor. Vários quadros de cortiça, em todo o redor da sala. Os quadros de cortiça estavam todos preenchidos. Alguns deles estavam preenchidos com os conteúdos que os alunos já tinham dado, tais como letras e números. Um outro quadro de cortiça continha informações sobre os alunos, sobre a turma e sobre as regras da sala e comportamento, este localizava-se junto à secretária da professora. Outro dos quadros tinha afixados desenhos dos alunos. E, por fim, outro quadro de cortiça tinha afixados trabalhos de expressões artísticas, conforme as épocas festivas.

A sala dispunha também de aquecimento, com radiadores, e várias janelas que permitiam a entrada de luz natural, todas elas com estores, caso fosse preciso tornar a sala mais escura. Na área da secretária da professora existia um computador, equipado com colunas. Na secretária também existia vários materiais de escritório (canetas, lápis, borrachas, marcadores, giz, tesouras, furadores, agrafadores, entre outros). No fundo da sala, existiam cabides para os alunos pendurarem os casacos e as lancheiras. Na parede, por cima dos cabides, existia um outro quadro de cortiça, onde estavam afixadas várias cartolinas com matérias já exploradas pelos alunos (roda dos alimentos, tipos de casas, entre outros). No fundo da sala, os alunos deixavam também as mochilas, todas juntas num

canto. Ainda nesta área, existia um armário, onde os alunos deixavam os livros, que levavam como trabalho para casa, para que fossem corrigidos. Neste mesmo armário, existia uma caixa com lápis e marcadores que servia para todos os alunos da turma, caso não tivessem.

Nesta parte do fundo da sala, existiam também ecopontos para os alunos fazerem a reciclagem. Perto da área dos cabides, no fundo da sala, existiam mais dois armários. Um dos armários continha as capas com as informações dos alunos e alguns materiais como: cadernos, papel de impressão, cartolinas, lápis, marcadores, entre outros. Estes materiais eram de cada um dos alunos. Caso precisassem de algum caderno novo, ou outro material, pediam à professora se poderiam ir ao armário retirá-lo. No outro armário estavam dispostos os ábacos dos alunos, e mais alguns materiais, tais como: colares de contas, copos, desinfetantes, mochilas, capas dos manuais, entre outros.

Relativamente à disposição das mesas na sala, estas estavam dispostas por grupos, perfazendo, na totalidade, cinco grupos. Um dos grupos era constituído por seis crianças que ficavam com uma professora auxiliar, pois esses alunos revelavam mais dificuldades que a restante turma. Os outros quatro grupos, ficavam com três, ou quatro elementos, cada um, sendo que, em cada grupo, estavam misturados alunos que revelam mais dificuldades e alunos que revelavam menos dificuldades, para que se conseguissem ajudar mutuamente. Existiam ainda mesas, ao longo de uma das paredes da sala, para que se colocassem as caixas dos alunos, onde estes guardavam os manuais e materiais usados diariamente.

No que diz respeito às rotinas, os alunos começavam sempre por abrir a lição e fazer um breve exercício para rever algum conteúdo, como por exemplo, fazer cálculo mental, ou escrever o abecedário no caderno. Como rotina, sabiam também que deveriam colocar o trabalho para casa no armário, para que depois fosse corrigido, e deveriam ir buscar os livros às suas caixas. No que concerne ao horário da turma, as aulas começavam às 09h e terminavam às 15h30min. Entre as 09h e as 10h30min, destinava-se a primeira parte da aula. De seguida, existia um intervalo de manhã, entre as 10h30min e as 11h, para o lanche da manhã e recreio. Entre as 11h e as 12h30min, realizava-se a segunda parte da aula da

manhã. Entre as 12h30min e as 14h, realizava-se o almoço e o recreio. Entre as 14h e as 15h30min, realizava-se a terceira e última parte da aula.

De notar que as áreas da matemática e do português eram sempre trabalhadas de manhã, salvo raras exceções, e as áreas de expressões e estudo do meio eram abordadas da parte de tarde. À quarta-feira, entre as 14h e as 15h, os alunos tinham aula de música, com uma professora especializada na área. Também à quarta-feira, entre as 11h e as 11h30min, os alunos tinham EF, com a professora titular da turma. À sexta-feira, entre as 11h30min e as 12h30min, os alunos tinham TIC, com uma professora especializada na área. À sexta-feira, entre as 14h45min e as 15h45min, os alunos tinham EF, alternando, de 15 em 15 dias, com atletismo.

Caraterização da Turma

A turma era composta por 21 alunos, sendo que 17 eram do sexo feminino e quatro eram do sexo masculino, com idades compreendidas entre os seis e os sete anos de idade. Dois dos alunos estavam assinalados com NEE. Na turma existiam duas meninas de etnia cigana, uma menina síria e cinco meninas brasileiras. Um grupo de seis alunos ficava com a professora auxiliar, numa das mesas, sendo que estes eram os alunos que revelavam mais dificuldades. Os questionários trimestrais destes alunos tinham de ser adaptados, consoante as dificuldades de cada um. O restante grupo, de 15 alunos, trabalhava com a professora titular da turma. Este grupo era bastante heterogéneo, mas dentro das dificuldades de cada aluno, as professoras conseguiam que todos trabalhassem e aprendessem os conteúdos.

Relativamente ao comportamento, esta turma era bastante boa e acessível. Os alunos eram bastante participativos, respeitadores e educados. Apenas em alguns momentos era necessário chamá-los à atenção, levantando a voz, para que voltassem a cumprir as regras da sala. Trabalhava-se bastante bem e conseguíamos até trabalhar em grupos, pois as mesas estavam dispostas dessa forma. Quando questionados, os alunos tinham sempre uma opinião a dar e mostravam-se sempre interessados em fazer as atividades propostas. De uma forma geral, todos apreciavam as atividades propostas e

estavam atentos, querendo sempre participar. De notar que, alguns dos alunos realizavam com mais facilidades os exercícios, e outros demoravam mais um pouco. Alguns dos alunos mostravam-se um pouco ansiosos e com medo de errar. Nestas situações, era sempre dado encorajamento e reforço positivo. Havia ainda alguns alunos que queriam estar sempre à frente dos outros, como se tudo fosse uma competição. Nestes casos, tentávamos que os alunos percebessem que cada um tem o seu ritmo e que todos conseguimos fazer tudo.

Os dois alunos com NEE, e mais uma aluna, dirigiam-se, em algumas das aulas, e individualmente, para uma outra sala com os professores de apoio. Assim que voltavam, a professora de apoio, normalmente, conversava com a professora titular da turma, para que lhe fizesse um breve resumo do que tinha sido feito no apoio e como estava situado o aluno ao nível das aprendizagens. No que diz respeito à relação entre a professora titular da turma e os alunos, esta era muito boa. Todos os alunos gostavam imenso da professora, demonstrando-o, diariamente, com um carinho ou um desenho. A professora fazia sempre questão de tentar compreender todos os alunos, ouvir as suas queixas, dar-lhes bastante apoio e reforços positivos.

Esta era uma professora que transmitia também muita calma, serenidade e segurança aos alunos. Aquando dos questionários trimestrais, os alunos não sentiam grande pressão, pois a professora deixava-os muito à vontade, como se estivessem apenas a realizar mais uma ficha. Era também uma professora que sabia quando levantar a voz e chamar os alunos a atenção, existindo um grande respeito entre professor-aluno. A professora tentava também manter esta relação de proximidade com os encarregados de educação, tentando sempre que estivessem a par de tudo o que se passava na sala de aula. No que diz respeito à assiduidade e pontualidade, nem todos os alunos eram pontuais e assíduos. Existiam, pelo menos, cinco alunos que, por vezes, faltavam durante semanas, sem darem justificações à professora titular da turma. Alguns destes alunos, por vezes, também chegavam atrasados, sem justificações pertinentes.

Percurso de Intervenção Educativa no 1.º Ciclo do Ensino Básico

O percurso de intervenção educativa no 1.º CEB realizou-se no 2.º semestre. Este realizou-se durante 13 semanas, sendo que três semanas foram de observação e intervenção e 10 semanas de regência, intercaladas com o par de estágio, tal como no 1.º semestre. Durante as três semanas de observação e interação ficamos a conhecer a turma com que iríamos trabalhar e também o método de trabalho da Professora Cooperante (PC). Estas semanas foram também propícias ao conhecimento das características individuais dos alunos e a forma como se relacionavam enquanto turma. Durante as observações, apropriamo-nos das rotinas, dos métodos de trabalho e também do nível de desenvolvimento de cada aluno. Estas semanas foram também importantes para que os alunos, aos poucos, se sentissem à vontade com as Professoras Estagiárias (PE). Na última semana de observação, em conversa com a PC, delineamos os conteúdos a serem abordados na primeira semana, e, a cada semana, íamos sempre aferindo com a PC, os conteúdos a serem dados nas próximas semanas.

Na primeira semana de implementação, foram realizadas atividades das áreas de EF, português, artes visuais, estudo do meio e matemática. Na área de EF, realizamos o jogo do “rabo da raposa”, onde os alunos tinham de “roubar o rabo” (colete) aos colegas. Realizamos também um circuito com três estações, transporte de bolas médias, a pares, com os testemunhos; drible de bola de basquetebol e encesto, com mão direita e mão esquerda; transporte de bola média, a pares, com o auxílio das diferentes partes do corpo (cabeça, barriga, costas...). Para finalizar, os alunos reproduziram os movimentos de relaxamento feitos pela PE, ao som de música calma. Na área de português, abordamos o valor do “ss”, através de uma banda desenhada, com várias palavras com os “ss”, que os alunos tiveram de identificar. Esta atividade foi realizada em grande grupo. Foi também distribuída uma folha com a regra da utilização dos “ss”, que os alunos colaram no caderno. De forma a treinarem a escrita e a utilização dos “ss”, foi dada uma imagem de um “pássaro”, e os alunos tiveram de criar frases com a palavra “pássaro”. Ainda na área de português, começamos a desenvolver o projeto dos livros *cartonero*, onde os alunos tiveram de criar uma história, para fazer parte de um livro *cartonero*.

Na área de artes visuais, como esta semana estava próxima da Páscoa, os alunos foram desafiados a colorirem, recortarem e colarem um molde de um coelho. Na área de estudo do meio, abordamos as árvores de folha caduca e árvores de folha persistente. Para tal, foi apresentado um *PowerPoint*, com várias imagens de árvores. Ao longo da apresentação foram feitas várias questões ligadas ao tema. Foi ainda realizada uma experiência de coloração de folhas de árvores, em grupos. Os alunos tiveram também oportunidade de irem ao exterior e identificar, no recreio da escola, árvores de folha caduca e árvores de folha persistente. Na área da matemática, abordamos vários conteúdos, nomeadamente, a resolução de problemas, através da realização de uma ficha, e a consolidação do número 50, através da resolução de uma ficha.

Na segunda semana de implementação, foram realizadas atividades das áreas de EF, português, artes visuais, estudo do meio e matemática. Na área de EF, realizamos, novamente o jogo do “rabo da raposa”, pois revelou ser um jogo bastante apreciado pelos alunos, de fácil compreensão e de grande empenhamento motor. Estes tinham de “roubar o rabo” (colete) aos colegas. Realizamos também um circuito com três estações, na primeira estação, os alunos tinham de lançar os arcos aos cones, sendo que a distância estava assinalada com sinalizadores; na segunda estação, os alunos tinham de encestar a bola de basquetebol, com a mão direita e mão esquerda, sendo que a distância estava assinalada com sinalizadores; na terceira estação, os alunos tinham de pontapear uma bola de futebol, com o pé direito e esquerdo, para a baliza, sendo que a distância estava assinalada com sinalizadores. Para finalizar, os alunos tiveram de fazer passar um arco pelo seu corpo, passando-o ao colega seguinte, sendo que estavam todos de mãos dadas, numa roda. Na área de português, abordamos um novo conteúdo, sendo este o “ça”, “ço” ou “çu”. Para tal, apresentou-se um vídeo e debateu-se sobre o mesmo. Para que os alunos ficassem com a regra da utilização dos grafemas, distribuiu-se uma folha, para que a colassem no caderno. De forma a consolidar o conteúdo, foram distribuídas imagens relativas aos grafemas, para que os alunos colassem no caderno e de seguida, escrevessem o nome da imagem e duas frases sobre esta.

Na área das artes visuais, decidimos ligar ao tema do 25 de abril e realizamos cravos, feitos com papel crepe verde e vermelho e arames. Cada aluno teve de dobrar o papel

crepe e envolvê-lo no arame. No final, cada um levou o seu cravo para casa. Na área de estudo do meio, abordamos a efeméride do 25 de abril. Começamos por fazer um diálogo com os alunos, de forma a perceber os seus conhecimentos prévios sobre a data. Lemos também o livro “O soldado João”, de Luísa Ducla Soares, e para que os alunos demonstrassem compreensão sobre o mesmo, fizemos um jogo na aplicação *kahoot*, onde a turma jogou em conjunto. Ouvimos ainda a música “Grândola Vila Morena”, para que os alunos tomassem conhecimento da mesma e que percebessem o seu significado, algo que foi depois dialogado. Na área da matemática, abordamos também um novo conteúdo, a introdução dos números sessenta e setenta. Para abordarmos este conteúdo, utilizamos o material multibase, sendo que os alunos, seguindo as indicações da PE, manipularam-no, em grupos de trabalho. Os alunos utilizaram também o quadro de giz, para registar os números indicados pela PE, representando-os no ábaco e por extenso. Para que o conteúdo ficasse registado no caderno, foi distribuída uma folha com a representação dos números abordados.

A terceira semana de implementação foi a semana intensiva. Nesta semana foram realizadas atividades das áreas de EF, português, artes visuais, estudo do meio e matemática. Na área de EF, durante esta semana, exploramos o bloco de atividades rítmicas e expressivas (dança), escolhemos uma música e os alunos começaram a pensar e a apresentar passos, para criar uma coreografia para a mesma. Na área de português, abordamos o grafema <h> e os dígrafos <ch>, <lh> e <nh>. Para tal, levamos para a sala, um “H” grande, feito em material EVA, e afixamo-lo no quadro. Os alunos apelidaram o “h” de “Henrique” e exploraram-se mais palavras com este grafema. De forma a treinar a escrita da letra, distribuiu-se uma folha com exercícios, para que os alunos a completassem e colassem no caderno. Para trabalharmos os dígrafos, a cada dia, o “Henrique”, ganhava um novo amigo, sendo que este tinha três braços e, em cada braço, íamos colando o dígrafo aprendido naquele dia. O processo era sempre semelhante, descobrir palavras com os respetivos dígrafos e escrevê-las no quadro de giz. De forma a treinar a escrita dos dígrafos, distribuía-se uma folha com exercícios, para que os alunos resolvessem e colassem no caderno.

Na área de artes visuais, durante esta semana, os alunos desenvolveram trabalhos ligados às tradições de Viana. Tiveram de contornar e decorar um coração de Viana, através de uma cartolina preta e de lápis de cera. Na área de estudo do meio, foram realizados exercícios que estavam em atraso, relacionados com matéria já abordada anteriormente. Na área da matemática, realizou-se uma ficha de consolidação do número 80, para que os alunos revessem alguns exercícios. Nesta área, durante esta semana, introduzimos também um novo número, o 90. Para tal, levamos um problema simples e apresentamo-lo, através de imagens que fomos colando no quadro. Os alunos fizeram contagens de dois em dois, de quatro em quatro e de 10 em 10. Para se introduzir este novo número, exploramos também o material multibase, sendo que os alunos tinham de seguir as indicações da PE e representar os números indicados. Distribui-se ainda uma folha com a representação do número 90, para que os alunos a colassem no caderno. Visualizou-se e dialogou-se também sobre um vídeo do número 90, da escola virtual. De forma a consolidar o novo número, realizamos uma ficha de consolidação, em modo de jogo *kahoot*, realizado em grande grupo, sendo que todos os alunos tiveram a oportunidade de participar e demonstrar o seu raciocínio. Na área da matemática foi ainda explorada a tabela do 100, que se encontrava afixada no quadro de cortiça da sala. Exploramos a tabela com contagens progressivas, regressivas, de cima para baixo e da esquerda para a direita, questionando os alunos, à vez.

Na quarta semana de implementação, foram realizadas atividades das áreas de EF, português, artes visuais, estudo do meio e matemática. Na área de EF, demos continuidade à exploração do bloco de atividades rítmicas e expressivas (dança), trabalhando o folclore com os alunos, através de passos simples e depois ligando-os com a música. Treinamos também a coreografia elaborada ao longo das outras aulas. Na área de português, abordamos os grafemas <k>, <w> e <y>. Para tal, apresentamos um vídeo da escola virtual e fizemos questões sobre o mesmo, para que os alunos descobrissem que letras iríamos abordar e as palavras associadas. Para que ficassem com um registo deste conteúdo, distribuámos uma folha para que colassem no caderno. Nesta semana, na área de português, apresentamos também os casos de leitura (al, el, il, ol e ul). Apresentamos também um vídeo da escola virtual e fizemos questões sobre o mesmo. De forma a registar

o conteúdo, e para que os alunos treinassem a escrita dos diferentes casos de leitura, distribuíram-se folhas com exercícios, para que os alunos resolvessem e colassem no caderno.

Na área de artes visuais, nesta semana, os alunos foram desafiados a colorirem um desenho com a temática dos lenços dos namorados. Na área de estudo do meio, abordamos as estações do ano. Para tal, visualizamos um vídeo da escola virtual e fizemos questões sobre o mesmo. E ainda, ouvimos e dançamos uma música relacionada com a temática. Na área de matemática, abordamos o calendário, os meses e o número de dias de cada mês. Para tal, levamos para a sala um calendário, feito em EVA, que afixamos no quadro de cortiça da sala. Este quadro serviu de mote para introduzir o tema, realizando-se um diálogo à sua volta, com várias questões feitas pela PE. Também se manipulou o quadro (dias, meses, estado do tempo), não só neste dia, como nos dias seguintes, até ao final do estágio. De forma a registar o conteúdo, distribuiu-se uma folha para que os alunos colassem no caderno. Realizamos também alguns jogos do *wordwall*, relacionados com a temática.

Na quinta e última semana de implementação, foram realizadas atividades das áreas de EF, português, estudo do meio e matemática. Na área de EF, demos continuidade à exploração do bloco de atividades rítmicas e expressivas (dança), lembrando e treinando várias vezes a coreografia feita ao longo das aulas. Na área de português, abordamos os valores do “x” (x com valor de ch; x com valor de ss; x com valor de z e x com valor de cs). Para tal, visualizamos um vídeo da escola virtual, repetindo-o duas vezes, para que os alunos interiorizassem o conteúdo. Os alunos enunciaram palavras com a letra “x”, dizendo-as várias vezes, em voz alta, de forma a perceber a sua sonoridade. Em grande grupo, tentamos perceber qual seria o diferente valor do “x” dessas palavras, escrevendo-a no quadro, dividindo-as em quatro colunas (x com valor de ch; x com valor de ss; x com valor de z e x com valor de cs). De forma a consolidar o conteúdo, distribuímos quatro folhas, uma de cada vez, com pequenos textos, para cada um dos valores do “x”. Em grande grupo, os alunos leram os textos, à vez, e sublinhamos as palavras com a letra “x” e o valor respetivo.

Na área de estudo do meio, realizamos várias atividades para trabalharmos os cinco sentidos com os alunos. Realizamos as atividades em cinco grupos. Para trabalharmos o sentido da audição e da visão, apresentamos um *PowerPoint* com vários áudios e com várias imagens camufladas para que cada grupo adivinhasse o que estava a ouvir ou a ver. Para trabalhar o sentido do olfato, levamos frascos com cheiros, para que cada grupo adivinhasse os aromas, sendo que todos os elementos do grupo cheiravam os frascos. Para trabalhar o sentido do paladar, levamos diferentes alimentos, para que cada grupo adivinhasse o que estava a comer, sendo que todos os elementos do grupo provavam os alimentos. Para trabalhar o sentido do tato, levamos uma caixa forrada, e colocamos diferentes objetos lá dentro, para que cada grupo adivinhasse o que estava a sentir, sendo que todos os elementos do grupo tocavam nos objetos. Utilizamos vendas nos olhos dos alunos, para trabalhar o sentido do olfato, paladar e tato. Na área da matemática, exploramos os blocos lógicos. Para tal, distribuí-se vários blocos, pelos cinco grupos presentes na sala e explorou-se as suas diferentes propriedades (forma, tamanho, cor e espessura). A PE indicava aos alunos que criassem um determinado grupo de blocos lógicos, com diferentes propriedades e estes tinham de seguir as indicações e selecionar apenas as peças que interessavam para formarem aquele grupo. Foi também dada a liberdade de os alunos explorarem os blocos livremente, criando construções com os mesmos. Nesta semana, fizemos ainda uma visita de estudo ao Museu do Traje, inserida no projeto sobre as Tradições de Viana. Realizamos ainda uma apresentação das danças, realizadas na área de EF, entre as duas turmas do 1.º ano e fizemos um lanche de despedida com todos os alunos.

Refletindo agora um pouco sobre todo o percurso deste estágio, é de salientar que ficamos numa turma muito simpática, respeitadora, carinhosa e sempre interessada nos trabalhos que fomos propondo. Olhando para o início, vejo que, tanto eu, como a minha colega de estágio, conseguimos evoluir e, aos poucos, fomos sentindo mais à vontade com a turma e com as rotinas da mesma. De destacar também o papel tão importante da nossa PC, que sempre se mostrou disponível para nos ajudar e encorajou-nos sempre, dando-nos ideias e sugestões para que melhorássemos as nossas implementações.

Foi um estágio bastante desafiante, inicialmente senti-me um pouco perdida, sem saber como aplicar os conteúdos, pois o curso dá-nos a teoria, mas na prática é totalmente diferente, temos alunos a dependerem de nós para aprenderem algo, e isso é realmente assustador, pois não queremos falhar para com eles. Queremos que eles realmente saiam destas semanas a saberem algo. Também eu aprendi muito com os alunos. Aprendi a ser paciente, a saber ouvir, a saber aconselhar, a pensar em diferentes formas de explicar um determinado assunto, a pensar em diferentes estratégias para chegar até aos alunos e como poderia controlar não só a turma, mas também o ritmo de trabalho.

As maiores dificuldades que senti foram: conseguir arranjar estratégias para explicar de uma forma simples os conteúdos; conseguir manter o ritmo de trabalho da turma, tendo em conta os diferentes ritmos de trabalho de cada aluno; conseguir apropriar-me de todos os pormenores que se devem incluir para trabalhar com um 1.º ano; conseguir gerir comportamentos; conseguir apropriar-me dos conteúdos que iria implementar; conseguir sentir-me à vontade a dar os conteúdos. Apesar destas dificuldades e dos obstáculos que foram surgindo, penso que, a cada semana, consegui evoluir mais um bocadinho, enquanto professora, com a certeza de que ainda há um longo caminho a percorrer, pois estamos sempre a aprender. Este estágio foi, sem dúvida, uma mais-valia para o nosso percurso profissional, enquanto futuras professoras. Foi uma experiência gratificante, o facto de podermos realmente pôr em prática aquilo que fomos adquirindo ao longo do percurso escolar, com uma turma do 1.º CEB. Algo menos positivo foi o facto de os prazos serem muito apertados, não nos dando tempo de preparar os conteúdos como gostaríamos de ter preparado, e até adotar outras estratégias para abordá-los.

Capítulo 2 – O ESTUDO

Enquadramento do estudo

Neste subcapítulo é apresentada a justificação e pertinência do estudo, assim como o seu objetivo. Seguidamente, apresenta-se a fundamentação teórica, a metodologia, a apresentação e discussão dos resultados, e, finalmente, as conclusões e limitações do estudo.

Justificação e pertinência do estudo

Focando no atual panorama da sociedade, “a Educação Física (EF) na escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) em Portugal tem tido um percurso sinuoso, intermitente e demasiadas vezes marginal ao currículo escolar” (Neves, n.d., p. 107). Apesar do seu carácter obrigatório, a verdade é que a EF no 1.º CEB revela ainda muitas dificuldades em apresentar-se como uma área regular e sustentável. Esta área assume, por vezes, um estatuto de minoridade face às outras áreas curriculares (Neves, n.d., 2018; Neves & Rodrigues, 2019). A falta de credibilização da EF deve-se a vários fatores, destacando-se, por exemplo, o baixo nível de formação dos professores; a ausência de condições materiais, tanto ao nível de infraestruturas, como ao nível de recursos; e, finalmente, a dificuldade na escolha dos melhores processos para um currículo que permita atingir todos os resultados de aprendizagens visadas (Costa, 2010; Neves, n.d.; Neves & Rodrigues, 2019; Santos et al., 2020).

Esta desportivização da EF gera inúmeras desvantagens e equívocos no modo como se entende a EF no 1.º CEB, “o carácter marginal das abordagens desenvolvidas na área de EF com a melhor das intenções revela-se não só nas formas organizativas com actividades desligadas das necessidades de estimulação das crianças, como na deslocalização das práticas...” (Neves, n.d., p. 113). Atualmente, um dos outros grandes desafios da EF está intimamente relacionado com a escolha de um currículo que permita desenvolver não só os domínios motor e cognitivo, mas também afetivo (Santos et al., 2020). Perante esta falta de credibilização da EF, devemos lembrar-nos que esta é da responsabilidade

institucional do Ministério da Educação, como qualquer outra área curricular, por isso, não deve ser banalizada. Não pode ser vista como uma “ocupação de tempos livres”, ou um “recreio organizado”. A EF faz parte do sistema educativo, logo, deve ter uma intervenção pedagógica e científica direta do professor respetivo (Neves, n.d., 2018).

Esta intervenção pedagógica e científica no 1.º CEB é realizada pelo professor titular de turma, que é responsável por todo o currículo, de forma integral, sendo que pode existir coadjuvação em algumas áreas, por especialistas (Lei n.º 46/86 - Lei de Bases Do Sistema Educativo - 1986-10-14 - Diário Da República, 1986). “A adoção da medida de coadjuvação na sala de aula deve assentar numa lógica de trabalho colaborativo entre os docentes envolvidos” (Despacho Normativo, n.º 10-B, 2018, p. 8). “A medida referida no ponto anterior pode ser adotada, sempre que entendida como necessária, designadamente, nas componentes do currículo de Educação Artística e de Educação Física no 1.º ciclo do Ensino Básico” (Despacho Normativo, n.º 10-B, 2018, p. 8). Para além da responsabilidade institucional, é importante refletir que todas as disciplinas contribuem de forma indelével para o desenvolvimento holístico da criança, para que esta se torne um cidadão capaz e competente, pronto a integrar a sociedade (Bayo & Diniz, 2010; Neves, n.d., 2018; Neves & Rodrigues, 2019). Para muitas crianças, é a primeira oportunidade que têm de realizar atividade física de qualidade. Para além disto, nesta fase, as crianças estão num momento crucial das suas vidas, no que diz respeito às interações com as outras, à participação em experiências motoras e ao desenvolvimento da sua motricidade, daí a sua importância neste nível de ensino (Neves & Rodrigues, 2019).

Contudo, apesar da sua importância, a EF tem sido negligenciada, tanto ao nível da sua marginalização no currículo, como à sua desportivização, como vimos anteriormente, e isso é visível através de práticas empobrecidas e à confusão na escolha do currículo mais apropriado (Santos et al., 2020). Não obstante, é urgente que a EF seja ressignificada e que a sua implementação em contexto de 1.º CEB seja legitimada através das boas práticas; de metodologias holísticas, que possibilitem a aprendizagem em diferentes domínios (motor, cognitivo, afetivo, entre outros); e de uma consistência curricular, refletindo-se num programa e em aulas de qualidade. A EF contribui não só para o desenvolvimento físico-motor, mas permite também trabalhar aspetos pessoais e sociais, como a autonomia, a

cooperação com o outro, a competição, entre outros aspetos (Bayo & Diniz, 2010; Neves, n.d.; Neves & Rodrigues, 2019).

Objetivo do estudo e questões de investigação

O objetivo deste estudo foi analisar as perceções dos professores do 1.º CEB relativamente ao programa de EF no 1.º CEB, especificamente as estratégias e desafios associados à implementação dos diferentes blocos de EF. Para tal, foi definida a seguinte questão orientadora: “Na conceção dos professores, como se operacionaliza o currículo de EF no 1.º CEB?”.

Fundamentação teórica do estudo

A importância da Educação Física no desenvolvimento de crianças na sociedade contemporânea

À medida que a sociedade evolui, também o pensamento do ser humano se altera, consoante os novos desafios e diferentes problemáticas que vão surgindo. A sociedade evolui, mas como é que nós podemos evoluir com ela? Será que devemos seguir todas as modas e tendências? Para alguns, a resposta será sim, para outros, a resposta será não. Na percepção da investigadora, nós devemos evoluir, sim, mas não devemos seguir uma tendência, só porque é tendência. Devemos posicionar-nos enquanto seres pensantes, saber ter um olhar crítico e reflexivo sobre os assuntos. Uma questão que surge neste momento é a seguinte: Será que a escola nos dá estas ferramentas para que nos tornemos seres pensantes e reflexivos? Falando na experiência da própria investigadora, enquanto aluna, durante muitos anos, essa não foi a realidade. Tudo está formatado de um modo muito automático, robótico.

É claro que existiram exceções, mas, nessas exceções, enquanto aluna, talvez não soubesse bem o que fazer, porque, efetivamente, não tinha esse pensamento desenvolvido. Somos seres pensantes, errantes, e, apesar de tudo, cada um de nós transporta consigo as suas ideias, as suas crenças e as suas histórias. Vai haver sempre algo a acrescentar, porque cada um de nós tem o seu próprio pensamento e não existem dois iguais. Apesar de que nos encontramos numa dualidade, na sociedade, em que, de um lado, nos é pedido que constantemente nos interroguemos sobre os assuntos e sobre o nosso papel na sociedade, por outro lado, vivemos numa sociedade de robôs, onde todos têm de aprender as mesmas coisas, ao mesmo tempo.

Marginalização da Educação Física no 1.º Ciclo do Ensino Básico e as suas consequências/impacto

Perante esta introdução, foram já vários os autores que discorreram sobre o importante papel da EF no 1.º CEB, pois estamos em constante evolução de conhecimentos e pensamentos. Incontornavelmente, muitos são os estudos feitos nesta área que nos

alertam para a baixa valorização da mesma. Vários autores referem que a EF tem percorrido um caminho de difícil credibilização, onde não se lhe dá o devido valor, comparativamente com outras disciplinas (Bayo & Diniz, 2010; Bego & Anjos, 2020; Costa, 2010; Neves, n.d., 2018; Neves & Rodrigues, 2019; Ribeiro et al., 2017; Santos et al., 2020). Quando a qualidade do ensino é posta em causa, os professores são alvos fáceis, por assim dizer, colocando-se em destaque a formação dos professores. Vários autores creem que a formação dos professores constitui um dos elementos-chave para a qualidade do ensino (Batista & Graça, 2021; Costa, 2010; Neves, n.d., 2020; Neves & Rodrigues, 2019). Assomase, neste momento, uma questão, será que é redutor o facto de dizermos “Educação Física”? Será que a EF não é muito mais do que o físico? Isto leva-nos a discorrer um pouco sobre a sua história.

A EF, tal como nós a conhecemos atualmente, na sociedade contemporânea, em Portugal, passou por vários períodos de evolução, assim como a formação dos professores de EF. De notar que esta evolução decorre há mais de cem anos. Desde 1836 que já se anunciava, legalmente, a obrigatoriedade dos exercícios físicos na escola, contudo, ou a lei não foi cumprida, ou foi adiada e até revogada por outras disposições legais. Em 1870, D. António Costa, político progressista, apresentou um programa para a reforma da escola primária, no qual inseria para o 1.º grau, a “ginástica elementar”, combinada com “exercícios vocais” e a “higiene popular”. Introduziu, também, a ginástica nas escolas normais de Formação de Professores Primários. Só em 1875 foi apresentada uma nova proposta de instrução primária elementar e complementar, pelo Ministro Rodrigues Sampaio, onde a EF se apresentava como atividade obrigatória na Escola Primária. Esta proposta foi depois aprovada em 1876, pela Câmara dos Deputados (Bayo & Diniz, 2010).

Já em 1978 surgiu a Carta Internacional da EF e do Desporto da UNESCO, sendo que este foi um dos primeiros documentos que reconheceu a prática de EF e do Desporto como um direito de todos, conforme citado no Artigo 1.º (“Carta Internacional Da Educação Física e Do Desporto Da UNESCO,” 1978). Importante referir, também, neste momento, a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), publicada em 1986. No artigo 7.º são apresentados os principais objetivos do ensino básico, sendo de realçar a alínea c), que nos diz o seguinte: “Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e

promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios” (Lei n.º 46/86 - Lei de Bases Do Sistema Educativo - 1986-10-14 - Diário Da República, 1986, p. 3070).

Comparativamente a estes programas iniciais, é óbvio que já muito se alterou e continua a alterar-se. Vários autores defendem que não devia existir uma separação entre as competências necessárias para a participação na sociedade, da educação formal. E se pensarmos em todas as disciplinas que existem, será que deviam ser vistas de forma desintegrada umas das outras? A EF, tanto se relaciona com a matemática, como com o português, como com o estudo do meio, e com as artes. Será que deve continuar então a existir uma separação entre o físico e o intelectual? Vários autores referem que não pode existir esta separação, alertando para a importância da EF na construção do indivíduo na sociedade, destacando que esta está intimamente ligada ao desenvolvimento emocional, intelectual, motor, socializador, cognitivo, afetivo, entre outros (Bego & Anjos, 2020; Neves & Rodrigues, 2019; Ribeiro et al., 2017; Santos et al., 2020).

Importa refletir, neste momento, sobre a importância da EF na vida das crianças. A Carta Internacional da EF e do Desporto da UNESCO, no Artigo 2.º, diz-nos o seguinte, “A educação física e o desporto constituem um elemento essencial de educação permanente no sistema global de educação” (“Carta Internacional Da Educação Física e Do Desporto Da UNESCO,” 1978, p. 3). Se refletirmos sobre o papel da EF na vida escolar das crianças, percebemos a sua extrema importância, pois, infelizmente, nem todas as crianças têm oportunidade de participar em atividades físicas extracurriculares. Para muitas crianças, realizar EF na escola, é a única oportunidade que têm para que consigam praticar alguma atividade física (Bego & Anjos, 2020; Neves & Rodrigues, 2019; Ribeiro et al., 2017; Santos et al., 2020). A criança, nos primeiros anos, encontra-se numa fase da vida que é crucial para que se explorem atividades motoras e físicas, pois, este é o período no qual existe maior predisposição e maior capacidade motora. Caso as crianças não tenham a oportunidade de experienciar os múltiplos benefícios da atividade física de forma regular e consciente estão a ser-lhes retiradas as bases que irão constituir o seu futuro (Bego & Anjos, 2020; Neves & Rodrigues, 2019; Ribeiro et al., 2017; Santos et al., 2020).

Se retirássemos as diferentes aprendizagens progressivas, a nível cognitivo, da vida das crianças, estas não desenvolveriam, por exemplo, a linguagem, ou a contagem. Tal acontece no domínio motor, se a criança, durante o ensino básico, não adquirir as bases, ou seja, as competências motoras fundamentais, isso irá resultar em frustração e fracasso. Caso estas competências não estejam adquiridas e devidamente aprendidas, mesmo nas tarefas mais simples, tais como, agarrar, lançar, manipular, saltar, correr, distinguir a direita da esquerda, entre outras competências, a criança poderá sentir dificuldades, resultando em frustração e sensação de que “não consegue”. De referir que estas competências podem ser adquiridas mais tarde, contudo, será mais difícil para o indivíduo, pois já ultrapassou o período crítico durante o qual lhe é mais fácil dominar essas competências (Bego & Anjos, 2020; Neves & Rodrigues, 2019; Ribeiro et al., 2017; Santos et al., 2020). O desenvolvimento destas competências é então essencial para que as crianças se sintam confiantes e para que ganhem motivação e hábitos, de forma a serem ativas no futuro, pois, se as crianças não desenvolverem estas competências na infância, irão sentir-se incapazes e frustradas durante a sua vida adulta. Além disto, deve-se enfatizar o facto de que se as crianças não realizarem atividades físicas, e se não se alimentarem corretamente, poderão apresentar uma prevalência para o excesso de peso e até para a obesidade (Bego & Anjos, 2020; Costa, 2010; Neves & Rodrigues, 2019; Ribeiro et al., 2017; Santos et al., 2020).

Análise do Programa de Educação Física no 1.º Ciclo do Ensino Básico | Matriz da carga horária no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Apercebemo-nos que a EF é de facto importante para o desenvolvimento holístico da criança, e, se não for devidamente valorizada durante o 1.º CEB, terá inúmeros impactos e consequências negativas na vida futura das crianças (Bayo & Diniz, 2010; Neves, n.d., 2018; Neves & Rodrigues, 2019; Ribeiro et al., 2017; Santos et al., 2020). Analisemos, neste momento, o programa de EF e a matriz da carga horária no 1.º CEB. O programa de EF no 1.º CEB engloba os seguintes blocos:

Tabela 1 - Blocos do Programa de EF

Blocos	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano
Bloco 1 - Perícia e Manipulação	●	●		
Bloco 2 - Deslocamentos e Equilíbrios	●	●		
Bloco 3 - Ginástica			●	●
Bloco 4 - Jogos	●	●	●	●
Bloco 5 - Patinagem			●	●
Bloco 6 - Atividades Rítmicas e Expressivas	●	●	●	●
Bloco 7 - Percursos na Natureza	●	●	●	●
Bloco 8 - Natação	●	●	●	●

(Educação, 2018)

Tendo em mente os blocos apresentados, verifiquemos a matriz da carga horária do 1.º CEB. O Decreto de Lei n.º 176/2014, diz-nos que os componentes do currículo no 1.º CEB, no 1.º e 2.º anos, são os seguintes:

Tabela 2 - Componentes do currículo do 1.º CEB, no 1.º e 2.º anos

Componentes do currículo no 1.º e 2.º anos:	Carga horária mínima semanal:
Português	7 horas
Matemática	7 horas
Estudo do Meio	3 horas
Expressões Artísticas e Físico Motoras	3 horas

(Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de Dezembro - Ministério Da Educação e Ciência - Diário Da República, 2014)

O Decreto de Lei n.º 176/2014, diz-nos que os componentes do currículo no 1.º CEB, no 3.º e 4.º anos, são os seguintes:

Tabela 3 - Componentes do currículo do 1.º CEB, no 3.º e 4.º anos

Componentes do currículo, no 3.º e 4.º anos:	Carga horária mínima semanal:
Português	7 horas
Matemática	7 horas
Inglês	2 horas
Estudo do Meio	3 horas
Expressões Artísticas e Físico Motoras	3 horas
Apoio ao Estudo	1.5 horas

Oferta Complementar	1 hora
Atividades de Enriquecimento Curricular	3-5.5 horas
Educação Moral e Religiosa	1 hora

(Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de Dezembro - Ministério Da Educação e Ciência - Diário Da República, 2014)

Rapidamente verificamos que a carga horária atribuída às áreas de Português e Matemática é bastante superior à carga horária atribuída às Expressões. Sabendo que nas áreas de Expressões Artísticas e Físico Motoras se comportam quatro áreas, sendo elas: expressão e educação físico-motora; expressão e educação musical; expressão e educação dramática e expressão e educação plástica, e que a carga horária semanal destas áreas é de 3h, se dividirmos as 3h pelas 4 áreas, verificamos que restam apenas 45 minutos para cada área.

A questão que se assoma é, será que reduzir a carga horária das áreas de expressões e aumentar a carga horária, por exemplo, das áreas de matemática e português, contribui para o sucesso escolar? Num estudo feito em Vanves-França, em 1950, os alunos de uma escola experimental foram submetidos a um currículo modificado (Costa, 2010). Neste currículo, a semana escolar foi aumentada de 32h para 41,5h e foram introduzidas duas sextas, de meia hora, em cada dia da semana. A atividade académica foi reduzida em 26% e realizava-se apenas da parte da manhã. Durante a tarde, os alunos tinham atividades físicas: ginástica, natação, desportos, e atividades ao ar livre. Receberam também suplementos vitamínicos (Costa, 2010). Os resultados escolares do grupo experimental foram depois comparados com os resultados de alunos de escolas da cidade de Paris. Apesar de terem reduzido em 26% as atividades académicas do currículo oficial no grupo experimental, não se verificaram diferenças entre o rendimento escolar dos dois grupos. Pelo contrário, os alunos do grupo experimental mostraram-se mais calmos, atentos e bem-comportados, e faltaram menos por doença (Costa, 2010). Este estudo vem reforçar a ideia de que é errado pensar que, por aumentarmos a carga horária de certas áreas, supostamente mais importantes, vamos, conseqüentemente, aumentar o sucesso escolar.

Outra questão que se coloca é: como podemos atuar face ao tempo reduzido dado à área das Expressões? Importará mais a qualidade do que a quantidade, mesmo que não

se consigam abordar todos os blocos do programa? É importante que os blocos sejam dados com rigor e de forma aprofundada, para que, pelo menos, os alunos fiquem com boas bases para o futuro? (Bego & Anjos, 2020; Neves, n.d., 2018; Neves & Rodrigues, 2019; Ribeiro et al., 2017; Santos et al., 2020).

Operacionalização do programa - estratégias e desafios associados

Através de diversas leituras, é possível perceber que os autores destacam várias causas para a difícil credibilização da EF, como, por exemplo, o baixo nível de formação dos professores; a ausência de condições materiais, tanto ao nível de infraestruturas, como ao nível de recursos; a questão do tempo reduzido dado às áreas de expressões, e, finalmente, a dificuldade na escolha dos melhores processos para um currículo que permita atingir todos os resultados de aprendizagens visadas, não só os domínios motores e cognitivos, mas também os afetivos (Costa, 2010; Neves, n.d.; Neves & Rodrigues, 2019; Santos et al., 2020). Recentemente, vários autores refletiram sobre o processo delicado pelo qual a EF está a passar, destacando como dificuldades: alunos desinteressados e sem vontade de aprender, professores desanimados, sem didática e sem força de vontade para tentar mudar algo (Batista & Graça, 2021; Bego & Anjos, 2020; Giroux, 2022; Neves, 2020; Santos et al., 2020).

Importa assim questionar, qual o nosso papel enquanto professor? Como podemos alterar esta realidade? Os autores referem que o professor é como um “fante” que tudo segue, acabando assim com a sua autonomia, com a sua bagagem e experiências próprias. Defendem que o professor deve ser um promotor de saberes, mas também de dúvidas. Saber interrogar-se, questionar o seu próprio trabalho, expor as suas questões com os colegas e com os próprios alunos, para que exista uma partilha de ideias. O professor deve ter noção de que não é detentor de todo o conhecimento (Batista & Graça, 2021; Bego & Anjos, 2020; Giroux, 2022; Neves, 2020; Santos et al., 2020). A verdade é que temos ido “com a corrente”, temos ficado à espera que as soluções “caiam do céu”, não nos questionando sobre aquilo que podemos fazer no momento. É claro que as várias condicionantes apresentadas criam desafios aos professores quando chega o momento de

se implementarem os diferentes blocos, por isso é que é necessário pensar em estratégias face à operacionalização do currículo (Batista & Graça, 2021; Bego & Anjos, 2020; Giroux, 2022; Neves, 2020; Santos et al., 2020)

Não existem receitas milagrosas, pois muito se pode dizer sobre como melhorar a EF, aliás, já muito foi dito a este respeito, já muitos artigos foram produzidos. É claro, e óbvio, que já muitas alterações ocorreram neste campo, e já muitas melhorias foram feitas. Enquanto profissionais devemos continuar a olhar para “dentro de nós próprios”, refletindo sobre as pessoas e os profissionais que queremos ser, e em que nos queremos tornar (Batista & Graça, 2021; Bego & Anjos, 2020; Giroux, 2022; Neves, 2020; Santos et al., 2020). Devemos refletir sobre a forma como o currículo está organizado e como integrá-lo numa turma. Refletir como é possível integrar um programa extenso num curto espaço de tempo, sem esquecer as necessidades da turma. Refletir que, talvez, “eu”, enquanto pessoa, preciso de melhorar as minhas aptidões ao nível da EF. Refletir sobre como se pode fazer muito, com tão pouco. Refletir sobre aquilo que os alunos precisam, ouvindo-os, porque, por vezes, mais do que falar, é preciso ouvir, compreender, interiorizar. Refletir sobre o facto de a EF não ser uma disciplina estanque, mas “um chapéu de mágico”, de onde saem inúmeros lenços coloridos, refletindo sobre a forma de como pode existir interdisciplinaridade, com todas as disciplinas. Refletir sobre medidas credíveis, mantendo os “pés assentes na terra”, e dar um passo real para a mudança, por muito pequeno que seja, porque, mais do que palavras, são precisas ações (Batista & Graça, 2021; Bego & Anjos, 2020; Giroux, 2022; Neves, 2020; Santos et al., 2020).

Resumidamente, é necessário que cada professor, cada agrupamento, reflita sobre as suas próprias realidades e que, em conjunto, encontrem soluções cooperativas e que se ajustem às realidades das escolas, turmas e crianças. De referir o facto de que cada professor tem a sua visão sobre o que é a EF. Por isso, torna-se importante a existência de trabalho colaborativo, onde se partilhem ideias, pensamentos, questões, criando, e, desenvolvendo, o pensamento crítico e reflexivo. Algo que os autores também abordam é que para combater a difícil credibilização da EF, é necessário procurar não uniformizar as práticas, mas encontrar possibilidades de construção curricular. Mais do que os recursos materiais, a formação dos professores e as vontades políticas, devemos ter em mente as

atitudes dos professores, aquilo que realmente cada um de nós pode fazer para que exista mudança (Batista & Graça, 2021; Bego & Anjos, 2020; Giroux, 2022; Neves, n.d., 2020; Santos et al., 2020). Aquilo que é determinante, é nós decidirmos o caminho que queremos seguir: ou seguimos “um rebanho”, tentando “inventar receitas milagrosas” que não existem, ou, reinventamo-nos, a cada dia que passa, até porque estamos sempre a aprender (Batista & Graça, 2021; Bego & Anjos, 2020; Giroux, 2022; Neves, 2020; Santos et al., 2020).

Necessidades de desenvolvimento das crianças em período pós-pandémico

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou o surto de casos de SARS-COV-2 como uma pandemia. Em Portugal, todo o sistema escolar encerrou, deixando as crianças e jovens isolados, nas suas casas, a assistirem a aulas online. Todos os desportos, atividades extracurriculares e atividades de lazer, encerraram (Cordovil et al., 2021; Pombo et al., 2021; Rossi et al., 2021; Sá et al., 2021). A Atividade Física (AF) constitui um papel importante na vida de crianças e jovens, pois, para além de promover a saúde física, promove também a saúde mental, as habilidades psicossociais, o desempenho escolar e promove ainda o desenvolvimento de um sistema imunológico mais forte. Em Portugal, a EF é obrigatória desde o ensino pré-escolar até ao 12.º ano de escolaridade e constitui-se como parte essencial na vida de crianças e jovens. Confrontados com a pandemia e com o isolamento, apercebemo-nos da importância da EF e de como o ambiente escolar tem sido reconhecido como um cenário favorável e eficaz para que crianças e jovens realizem AF diariamente (Cordovil et al., 2021; Do et al., 2022; Ostermeier et al., 2022; Pombo et al., 2021; Sá et al., 2021).

Devido ao isolamento e às diferentes imposições que foram surgindo, entre março de 2020 e o final do ano letivo, várias foram as consequências na vida de milhares de crianças e jovens, destacando-se, entre inúmeras consequências, as seguintes: aumento de atividades sedentárias; aumento do tempo nos dispositivos móveis, como telemóveis, *tablets* e televisores; impossibilidade de saírem de casa e conviverem com os amigos e impossibilidade de brincarem ao ar livre e nos parques infantis. As crianças e jovens

tornaram-se menos ativas, mudando os seus hábitos e rotinas. Isto fez com que, conseqüentemente, a sua saúde física e mental diminuísse (Cordovil et al., 2021; Do et al., 2022; Ostermeier et al., 2022; Pombo et al., 2021; Rossi et al., 2021; Sá et al., 2021).

Os baixos valores de AF, conjuntamente com os altos valores de comportamentos sedentários, fizeram com que houvesse um impacto negativo na competência motora, no esquema corporal e na aptidão cardiovascular. Em vários estudos, destaca-se que o desempenho motor, após o confinamento, diminuiu, tornando claro que o fecho das escolas e das demais atividades extracurriculares, prejudicaram os níveis de AF de crianças e jovens (Cordovil et al., 2021; Do et al., 2022; Pombo et al., 2021; Rossi et al., 2021; Sá et al., 2021). Torna-se, assim, urgente repensar formas de desenvolver os níveis AF das crianças atualmente, no pós-pandemia. Vários estudos elegem diferentes estratégias para se tentar colmatar algumas das lacunas que o confinamento provocou na vida das crianças e jovens.

Apresentam-se, algumas delas, seguidamente: Vários autores defendem que é necessário preparar espaços que possam ser utilizados durante todo o ano (outono, inverno, primavera e verão); defendem que é necessário criar espaços externos versáteis e que estes devem ser atrativos, de forma a que promovam as brincadeiras, o movimento e a AF; defendem que é necessário organizar atividades desportivas, de forma a que promovam o interesse das crianças; abordam a necessidade de se criarem programações coletivas e desportos coletivos, com um treinador, para que se promova a inclusão, o incentivo e apoio social dos pares; referem a necessidade de se apoiar as famílias monetariamente, para que estas consigam suportar os custos das atividades extracurriculares (transportes, equipamentos,...); defendem que é necessário criar mais atividades ao ar livre, nos parques e trilhos, de forma a dinamizar estes espaços; abordam a necessidade de se desenvolverem mais oportunidades de atividades não competitivas; referem que é necessário envolver os pais e cuidadores na EF, para aumentar os níveis de AF em geral; abordam também a necessidade de tornar a AF um componente de um estilo de vida saudável como uma prioridade na Educação Infantil; abordam também a importância de se garantir um ambiente seguro e favorável ao movimento nos espaços de atividades exteriores; por último, destacam que é importante que os ambientes externos

sejam atrativos, principalmente nas áreas socialmente desfavorecidas e nas áreas de maior densidade populacional (prédios) (Cordovil et al., 2021; Do et al., 2022; Ostermeier et al., 2022; Pombo et al., 2021; Rossi et al., 2021).

Estamos agora em 2023, e as sequelas deixadas pelo SARS-COV-2 são visíveis, como verificámos anteriormente. É necessário pensar em soluções conscientes, que promovam o desenvolvimento das crianças e jovens, nesta pós-pandemia, de forma a tentar reverter os danos provocados. A partilha deste tipo de resultados nas instituições escolares, desportivas, entre outras, também pode contribuir para assinalar o carácter urgente associado à melhoria da literacia motora de crianças e jovens.

Índices de competência motora e níveis de atividade física de crianças na atualidade

A competência motora é conhecida como a capacidade que cada indivíduo tem para executar habilmente competências de motricidade fina, tais como: agarrar e manipular e competências de motricidade global, tais como: correr e saltar. Os primeiros anos de vida das crianças são essenciais para que consolidem estas competências motoras, pois são como pilares, para que depois se possam desenvolver movimentos cada vez mais complexos (Patón et al., 2021). A EF é essencial e imprescindível nestas idades, e, fazer com que as crianças percebam o porquê, é fundamental. Inicialmente, é premente fazer com que os educadores e professores estejam conscientes e despertos para apoiar, ensinar e incorporar diferentes intensidades de AF no dia-a-dia das crianças. É preciso que os educadores e professores acreditem no seu trabalho e percebam a sua importância. Sem que isso aconteça, nunca poderão transmitir uma visão real e esclarecedora da EF às crianças. É necessário que as crianças aprendam sobre os benefícios da AF e que percebam os riscos da inatividade (Bruijns et al., 2020; Howells & Coppinger, 2021; Patón et al., 2021; Tonge et al., 2017).

Estudos recentes, realizados em espaços escolares, demonstraram que os níveis de AF estão ainda abaixo das médias recomendadas pela OMS, que prevê uma média de 60 minutos de AF diária, de intensidade moderada a vigorosa, para crianças e adolescentes.

Os estudos demonstraram que, apesar de as crianças terem EF incluída no seu plano semanal, esta não é suficiente para que se consigam atingir os níveis pretendidos diariamente. As crianças apenas conseguem atingir os níveis de AF recomendados nos dias em que têm EF. Isto demonstra que, atualmente, as crianças estão a tornar-se cada vez mais sedentárias (Bruijns et al., 2020; Howells & Coppinger, 2021; Tonge et al., 2017), sendo que esta tendência se agravou, em parte, como consequência da pandemia (Cordovil et al., 2021; Do et al., 2022; Ostermeier et al., 2022; Pombo et al., 2021; Rossi et al., 2021; Sá et al., 2021).

Os estudos mostraram que, apesar das crianças terem os tempos de almoço e recreio para praticarem atividades de forma livre, e de brincarem espontaneamente, estas, mesmo assim, não atingem os níveis recomendados. É necessário e urgente que se eduquem as crianças no sentido de estas terem consciência que a AF é importante para a sua vida diária. É necessário e urgente que educadores e professores consigam perceber a importância do seu papel e que consigam ter um clima de proximidade com as crianças. E, por último, é necessário que as escolas estejam também preparadas, do ponto de vista estrutural, de forma a proporcionar estas experiências às crianças (Bruijns et al., 2020; Howells & Coppinger, 2021; Tonge et al., 2017). Vários estudos demonstraram que são necessárias mais investigações que permitam avaliar, de forma profunda, os índices de competência motora das crianças. Alguns dos estudos recentes revelaram algumas dificuldades e dados inconclusivos, no processo de avaliação dos índices (Bruijns et al., 2020; Martzog & Suggate, 2022; Patón et al., 2021).

Como já referido anteriormente, alguns dos estudos recentes demonstraram que as competências motoras das crianças na atualidade têm vindo a diminuir devido ao aumento do uso de aparelhos multimédia, levando a largos tempos de sedentarismo. Se os aparelhos multimédia têm muito de bom, têm também muito de menos bom, e precisam de ser manuseados com “conta, peso e medida”. Os resultados mostraram que as crianças estão cada vez mais sedentárias, daí, diminuir, logicamente, como já vimos anteriormente, os níveis de AF. Os investigadores acreditam que este sedentarismo se deve, em parte, ao uso de aparelhos multimédia (televisões, *tablets*, telemóveis, consolas de jogos, entre outros) (Bruijns et al., 2020; Martzog & Suggate, 2022).

Os estudos demonstraram que as crianças ficam demasiado tempo em tarefas sedentárias, tal como: ver televisão. Relataram que isto pode ser prejudicial para a saúde das crianças, pois pode: perturbar o sono; contribuir para a diminuição cognitiva e diminuir também a saúde psicossocial. Para além disto, as crianças diminuem, conseqüentemente, as suas habilidades motoras, tanto as habilidades motoras finas, como as habilidades motoras globais. Apesar de alguns dispositivos multimédia serem benéficos para desenvolverem algumas competências de habilidade motora fina, estes podem facilmente ser substituídos por atividades como: empilhamento de blocos; brincar numa caixa de areia; costurar, entre outras (Bruijns et al., 2020; Martzog & Suggate, 2022). Resumidamente, verifica-se que há ainda vários pontos a ter em conta para que se consiga melhorar os níveis de AF das crianças e as suas competências motoras. Verifica-se a necessidade de se refletir seriamente sobre a EF, e sobre o nosso papel, enquanto agentes ativos de uma sociedade e, mais especificamente, enquanto professores e parte integrante da escola, enquanto entidade formadora por excelência (Bruijns et al., 2020; Howells & Coppinger, 2021; Martzog & Suggate, 2022; Patón et al., 2021; Tonge et al., 2017).

Metodologia

Neste capítulo serão apresentadas as opções metodológicas adotadas durante a realização deste estudo, fazendo-se menção ao posicionamento do investigador, aos participantes, procedimentos, aos aspetos relativos à análise dos dados, bem como à apresentação e discussão dos resultados e, finalmente, às conclusões e principais limitações.

Opções metodológicas

Posicionamento do investigador

No presente estudo recorreu-se a um paradigma construtivista. Um paradigma centra-se num sistema básico de crenças e na forma como cada pessoa vê o mundo e a produção de conhecimento. Este sistema irá guiar o investigador durante o processo de investigação, sendo que a forma como este se posiciona perante o mundo irá influenciar as suas escolhas (Bardin, 2008; Guba & Lincoln, 1994; Matta, 2021). O paradigma construtivista, do ponto de vista ontológico, sustenta a existência de diferentes realidades sociais. Estas realidades dependem da forma como os indivíduos as percebem. (Bardin, 2008; Guba & Lincoln, 1994; Matta, 2021). Do ponto de vista epistemológico, este paradigma determina que o conhecimento criado no âmbito do presente estudo resulta da interação entre o investigador e os participantes, e do modo como ambos percebem o mundo social (Bardin, 2008; Guba & Lincoln, 1994; Matta, 2021). Do ponto de vista metodológico, este paradigma sustenta a necessidade de aceder às construções dos indivíduos através de uma análise dos seus sentimentos, percepções e crenças (Bardin, 2008; Guba & Lincoln, 1994; Matta, 2021).

O presente estudo teve como objetivo analisar as percepções dos professores do 1.º CEB relativamente ao programa de EF no 1.º CEB, especificamente as estratégias e desafios associados à implementação dos diferentes blocos de EF. Este estudo baseou-se, portanto, num paradigma construtivista, pois, o objetivo da investigação centrou-se nas construções dos participantes (Bardin, 2008; Guba & Lincoln, 1994; Matta, 2021). O papel do investigador, ao longo dos diferentes processos do estudo, foi fazer com que a informação

se tornasse cada vez mais sofisticada. Isto apenas foi possível com o tempo. O investigador desenvolveu construções cada vez mais claras e, tornou-se, cada vez mais, consciente do conteúdo. Adicionalmente, o investigador influenciou a forma como a realidade foi construída e, por sua vez, os participantes influenciaram o investigador na forma como entendem uma determinada realidade (Bardin, 2008; Guba & Lincoln, 1994; Matta, 2021).

Na abordagem qualitativa, cada investigador: procura, vê, experimenta e interpreta os dados de formas diferentes, com base nas suas experiências, competências, valores, interesses e crenças. A análise, a interpretação, e a construção de significados vêm do investigador, de todas as suas habilidades pessoais e profissionais, para que, dessa forma, consiga produzir uma imagem coerente e autêntica da investigação (Brodsky, 2012; Simon, 2011). O investigador é considerado um instrumento na recolha de dados, e, é importante que descreva aspetos relevantes de si mesmo, tais como: experiências, suposições, preconceitos, entre outros, para, assim, conduzir a pesquisa (Brodsky, 2012; Simon, 2011).

Neste sentido, importa referir que a responsável pela conceção e operacionalização do estudo foi uma estudante do curso de Mestrado em Ensino Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB, de 25 anos, oriunda de uma sociedade, maioritariamente, branca e de um país europeu culturalmente homogéneo. Esta aluna vem de uma posição privilegiada, como estudante de mestrado, pois nunca enfrentou injustiças sociais e/ou foi vítima de falta de tolerância da sociedade. A aluna acredita que, apesar de todas as injustiças do mundo, a maior injustiça é o nascimento. O nascimento, o local onde a pessoa nasce, irá determinar, largamente, o seu futuro, e, irá condicionar, ou não, o acesso a variadíssimas experiências. Perante isto, uma das experiências que poderá ser condicionada é o acesso ao conhecimento.

Só através do acesso ao conhecimento é que conseguiu posicionar-se no mundo e perceber as suas crenças. Acredita que o conhecimento se forma através das relações interpessoais, que se estabelecem ao longo da vida, quer seja na família, na escola, no trabalho, ou na sociedade em geral. Perante isto, crê ser essencial que se priorizem as relações interpessoais, que se oiçam as pessoas, que se partilhem pensamentos e reflexões, que se façam debates de ideologias, que se mudem pensamentos e se alterem

comportamentos. Acredita ser essencial que esta mudança aconteça também na área da EF, para que se desmistifiquem certas conceções sobre a área.

A relação da aluna com a EF durante a sua vida de estudante e a sua vida pessoal, foi uma relação agridoce, por assim dizer. Por um lado, gostava de algumas das atividades que fazia nas aulas de EF, por outro, não gostava e, muitas das vezes, era um suplício ter aula de EF. Só depois de ter saído da escolaridade obrigatória é que se apercebeu que a EF era muito mais do que aquelas aulas, e muito mais do que aquelas obrigações para cumprir um currículo. Conseguiu compreender que a EF era uma amálgama de componentes. Foi por esta altura que começou a fazer corridas por gosto e não por obrigação. Descobriu que a EF contribuía para a socialização, para a saúde mental, para o bem-estar, para conseguir ultrapassar obstáculos do dia-a-dia, tais como: subir um lanço de escadas e sentir-se bem, não só física, mas também mentalmente. Percebeu que, tal como ela, várias pessoas perpetuam esta visão descrente da EF. Acreditam que a EF está apenas ligada ao desporto e nada mais do que isso. Através das suas experiências pessoais, tais como a referida anteriormente, e através do seu percurso universitário, apercebeu-se da importância da EF na vida das pessoas e em como se deve inculcar, desde cedo, estilos de vida saudáveis e ativos. Apercebeu-se que é urgente fazer com que as pessoas percebam, tal como ela percebeu, que a EF vai além dos aspetos físicos e irá influenciar o futuro das crianças.

Participantes

Tendo o objetivo do estudo delineado, procurou-se perceber quais seriam os participantes que se enquadrariam melhor neste objetivo. Atendendo ao local no qual decorreu a PES, o investigador tentou perceber quais seriam os participantes dispostos a fazer parte deste estudo. Contudo, estes deveriam ter, pelo menos, um ano de experiência profissional. Sendo assim, fizeram parte deste estudo cinco participantes, sendo estes, professores titulares de turma, do 1.º CEB, pertencentes a uma escola pública de uma freguesia de Viana do Castelo, no ano letivo 2021/2022. Quatro dos participantes eram de sexo feminino e um dos participantes do sexo masculino. Os participantes tinham idades compreendidas entre os 44 e os 61 anos de idade. Ao nível da formação, dois dos

participantes formaram-se em Magistério Primário, um deles com especialização em Administração Escolar e outro com Complemento de Formação de Português e Matemática. Um dos participantes formou-se com variante de Educação Visual. Um outro participante formou-se com Bacharelato com complemento de Expressões e, por último, um dos participantes formou-se na Licenciatura com variante de EF e no Mestrado em Promoção da Saúde. No que diz respeito aos anos de experiência dos participantes, estes situam-se entre os 22 e os 38 anos de experiência. No que concerne ao percurso profissional dos participantes, dois dos participantes estiveram a exercer no 2.º CEB, um deles na área da Educação Visual, e outro na área da EF, depois vincularam a dar aulas no 1.º CEB. Um dos participantes esteve a dar aulas de Educação Especial, mas depois vinculou a dar aulas no 1.º CEB. Um outro participante esteve a trabalhar numa Delegação Escolar e numa Biblioteca Infantil, mas depois também vinculou no 1.º CEB. E, por último, um outro participante, esteve sempre vinculado no 1.º CEB.

Procedimentos de Recolha de Dados

De forma que os participantes pudessem perceber em que consistia o estudo, elaborou-se um consentimento informado, livre e esclarecido para a participação nesta investigação. Este consentimento (Anexo 1) visou esclarecer qual o objetivo do estudo e as implicações desta investigação. Caso concordassem com a participação no estudo, ser-lhes-ia solicitado que participassem numa entrevista com duração aproximada de 35 minutos. Esclareceu-se, ainda, que a entrevista seria gravada pela investigadora (som), de forma a proceder à recolha de dados para o estudo. A investigadora explicou também aos participantes que o estudo fazia parte do seu relatório de estágio, do curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º CEB. Informou ainda os participantes que, apesar de terem a oportunidade de participar no estudo, poderiam escolher não o fazer, não havendo qualquer problema com essa decisão e que, a qualquer momento, poderiam desistir. Caso desistissem do estudo, todas as informações fornecidas seriam destruídas, ou seja, excluídas do conjunto de dados. Caso tivessem alguma dúvida sobre o estudo, poderiam, a qualquer momento, enviar email para esclarecimentos adicionais. Os participantes puderam também escolher ser identificados, ou não, no estudo e os seus

dados foram armazenados eletronicamente. Dos cinco participantes que foram abordados pela investigadora, todos eles aceitaram participar no estudo. Os critérios para a inclusão destes participantes no estudo foram os seguintes: serem professores titulares de turma e terem, pelo menos, um ano de experiência profissional. A assinatura oficializou a participação de cada um dos participantes, depois de lerem o consentimento. Os nomes apresentados, ao longo do estudo, são nomes fictícios, de forma a proteger a identidade dos participantes.

Instrumento de recolha de dados

Entrevista semiestruturada

Neste estudo foi utilizado, como instrumento de recolha de dados, uma entrevista semiestruturada. Deu-se preferência a este instrumento, pois permitiu aceder às perceções dos sujeitos. Considerando a natureza de uma entrevista semiestruturada, esta facilitou a realização, posteriormente, de uma análise dedutiva e indutiva. Ou seja, do ponto de vista dedutivo, comparou-se a teoria à luz dos dados recolhidos. Do ponto de vista indutivo, a partir dos dados recolhidos, conseguimos gerar teoria (Amado & Ferreira, 2017; Bardin, 2008; Batista et al., 2017; Silva et al., 2006). Deu-se também preferência a este tipo de entrevista pelo facto de não existir uma imposição rígida de questões, sendo que este é um dos principais instrumentos utilizados nas abordagens qualitativas (Amado & Ferreira, 2017; Bardin, 2008; Batista et al., 2017; Silva et al., 2006). Desta forma, permite-se que o entrevistado dialogue sobre o tema proposto, conforme lhe seja mais conveniente, embora mantendo uma certa estrutura (Amado & Ferreira, 2017; Batista et al., 2017).

Relativamente ao guião (Anexo 2), foi estruturado em duas partes distintas, sendo que na primeira parte abordaram-se as questões demográficas como idade, sexo, formação, anos de experiência e percurso profissional dos participantes. Na segunda parte definiram-se as questões da entrevista de forma lógica e para dar resposta ao objetivo do estudo. As entrevistas estavam programadas para terem uma duração média de 35 minutos, sendo que duas delas foram realizadas dentro destes parâmetros, e três delas excederam os 35 minutos, tendo uma duração média de 50 minutos. Os dados obtidos

durante as entrevistas foram audiogravados, sendo que, posteriormente, foi realizada uma transcrição *verbatim* (Anexo 3) dos mesmos. Estes dados, foram, seguidamente, sujeitos à análise de conteúdo.

Análise de dados

Os dados foram sujeitos a uma análise de conteúdo. A análise de conteúdo tem como objetivo organizar e extrair significado dos dados recolhidos. Este processo permite que se elaborem deduções específicas sobre as entrevistas realizadas (Bardin, 2008; Bengtsson, 2016; Linneberg & Korsgaard, 2019; Saldana, 2008). Inicialmente, para que se desse início ao processo da análise dos dados, leram-se e releeram-se as entrevistas várias vezes, usando questões como auxílio, tais como: “O que o participante quer dizer? Que emoções expressou ao dizer algo?...” (Bardin, 2008; Bengtsson, 2016; Linneberg & Korsgaard, 2019; Saldana, 2008). Seguidamente, releu-se, novamente, cada uma das entrevistas, e criaram-se códigos. Os códigos são formas básicas de identificar segmentos nos dados recolhidos e podem ser representados por palavras, frases ou pequenos parágrafos (Bardin, 2008; Bengtsson, 2016; Linneberg & Korsgaard, 2019; Saldana, 2008).

No decorrer da análise, o investigador apercebeu-se da necessidade de se recodificar os dados, pois estes eram muito limitados e não plasmavam o conteúdo das entrevistas na sua totalidade. Deste modo, o investigador voltou a codificar as entrevistas, tendo criado, no total, 36 códigos, sendo que se atribuiu, a cada um deles, uma cor. Nesta fase, surgiram códigos como “desafios do professor na sociedade atual”, sublinhado a amarelo; e “extensão e exigência dos programas do 1.º CEB”. Alguns dos códigos que surgiram, apesar de não estarem diretamente relacionados com o objetivo do estudo, estavam relacionados com os dados e com as crenças dos participantes, e, por isso, foram, ainda assim, referenciados (Bardin, 2008; Bengtsson, 2016; Linneberg & Korsgaard, 2019; Saldana, 2008).

Após as entrevistas estarem todas codificadas, seguiu-se um novo processo de análise, a categorização. Antes de se criarem as categorias, as unidades de significado devem ser condensadas, sem se perder conteúdo. Este processo de condensação é

necessário quando os dados são baseados em entrevistas, como foi o caso. Para se extrair sentido dos dados, estes podem ser divididos em subcategorias e categorias, formuladas de forma hierárquica. As subcategorias centram-se num único conceito, enquanto as categorias envolvem conceitos mais abrangentes (Bengtsson, 2016; Linneberg & Korsgaard, 2019; Saldana, 2008). Para a criação das categorias e subcategorias, o investigador, a partir dos códigos, verificou quais faria sentido manter e quais faria sentido alterar ou eliminar, tendo sempre presente o objetivo do estudo.

Dos 36 códigos inicialmente criados, o investigador juntou ou eliminou alguns deles, como, por exemplo: “falta de material” e “falta de um espaço”, o investigador juntou-os e transformou-os numa subcategoria denominada “falta de recursos materiais e espaciais”. Os códigos foram, assim, convertidos em subcategorias que, posteriormente, foram refinadas até chegarmos à lista final de categorias e subcategorias. O processo de transformação dos códigos em categorias e subcategorias foi moroso, pois, por vezes, existiam códigos que não correspondiam ao conteúdo do discurso dos participantes. As subcategorias e categorias foram todas discutidas, várias vezes, com os orientadores. Desta forma, surgiram, no total, seis categorias e 21 subcategorias (Tabela 4)

A primeira categoria intitulou-se: Potencialidades e Premissas da EF. Desta fizeram parte quatro subcategorias: Pertinência da EF no currículo escolar; A EF como uma disciplina intrinsecamente motivante; A EF como uma ferramenta para o desenvolvimento integral; A EF com potencial para a interdisciplinaridade. A segunda categoria intitulou-se: Desafios e Constrangimentos na Operacionalização da EF. Desta fizeram parte oito subcategorias: Tempo para a implementação do programa de EF; Conhecimento necessário à implementação do programa de EF; Extensão e exigência dos programas do 1.º CEB; Falta de recursos materiais e espaciais; Lacunas da formação inicial; Desvalorização da EF por parte do sistema educativo; SARS-COV-2 e confinamento; Ser professor na sociedade atual. A terceira categoria intitulou-se: Estratégias para a Operacionalização da EF. Desta fizeram parte duas subcategorias: Adaptação do currículo de EF à realidade da escola; Coadjuvação. A quarta categoria intitulou-se: AECS. A quinta categoria intitulou-se: Programa de EF e a Realidade Atual. Desta fizeram parte duas subcategorias: Adequação do programa de EF; Sugestões de melhoria e implicações. A sexta e última categoria intitulou-se: Relevância

dos Conteúdos Programáticos. Desta fizeram parte cinco subcategorias: Natação; Patinagem; Percursos na natureza; Ginástica; Jogos.

Tabela 4 - Categorias e Subcategorias

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1 - Potencialidades e Premissas da EF	<ul style="list-style-type: none"> • Pertinência da EF no currículo escolar • A EF como uma disciplina intrinsecamente motivante • A EF como uma ferramenta para o desenvolvimento integral • A EF com potencial para a interdisciplinaridade
2 - Desafios e Constrangimentos na Operacionalização da EF	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo para a implementação do programa de EF • Conhecimento necessário à implementação do programa de EF • Extensão e exigência dos programas do 1.º CEB • Falta de recursos materiais e espaciais • Lacunas da formação inicial; • Desvalorização da EF por parte do sistema educativo • COVID-19 e confinamento • Ser professor na sociedade atual
3 - Estratégias para a Operacionalização da EF	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptação do currículo de EF às realidades das escolas • Coadjuvação
4 - AECS	
5 - Programa de EF e a Realidade Atual	<ul style="list-style-type: none"> • Adequação do programa de EF • Sugestões de melhoria e implicações
6 - Relevância dos Conteúdos Programáticos	<ul style="list-style-type: none"> • Natação • Patinagem • Percursos na natureza • Ginástica • Jogos

Apresentação e Discussão dos Resultados

Neste subcapítulo serão apresentados e discutidos os resultados do estudo, procurando aferir as concepções dos professores relativamente ao programa de EF do 1.º CEB. O subcapítulo encontra-se organizado através das categorias e subcategorias, sendo que é feita uma apresentação de cada uma delas, e posterior discussão.

Potencialidades e Premissas da Educação Física

Esta categoria refere-se às perceções dos participantes acerca da EF, e a forma como esta pode contribuir para o currículo escolar e para a vida dos alunos. Encontra-se subdivida em quatro subcategorias: Pertinência da EF no currículo escolar; A EF como uma disciplina intrinsecamente motivante; A EF como uma ferramenta para o desenvolvimento integral; A EF com potencial para a interdisciplinaridade.

Pertinência da Educação Física no currículo escolar

Alguns dos participantes abordaram a importância da existência da EF nas escolas, pois, de outra forma, muitos dos alunos não teriam quaisquer experiências motoras nem como socializar com outras crianças: “... Até porque algumas das crianças que estão aqui, esta é a primeira oportunidade que eles têm para realizar atividades físicas, e não só físicas, mas de socialização, pois muitos deles... Alguns não sabem socializar quando chegam à escola...” (Luísa). Foi também referido que, se os alunos não tivessem experiências significativas na escola, o seu desenvolvimento seria afetado negativamente, sendo que se destacou a relevância de cumprir o currículo de EF:

Eu planifico a aula.... Normalmente acontece no horário previsto.... No entanto, não significa que não surja numa outra situação.... Ou até, às vezes, quando eles estão mais agitados, uma maneira de eles deitarem um bocado cá para fora o stress deles... Mas, por norma, está estabilizado no horário, tenho a aula planificada, sei o que faço e tudo o mais... (Daniela).

Apesar de determinados participantes revelarem alguma sensibilidade para a prática de EF na escola, ainda não conseguem aludir a sua completa importância neste contexto. A importância que é atribuída à EF por estes está intimamente ligada à forma como operacionalizam o currículo. As suas ações, comportamentos, e a forma como implementam as aulas de EF preconiza a forma como veem a EF (Bego & Anjos, 2020; Neves & Rodrigues, 2019; Ribeiro et al., 2017). Os participantes são o elo entre os alunos e a EF de qualidade. Se não compreenderem que a EF pode influenciar positivamente na construção de um cidadão capaz, ético, responsável e pronto a integrar a sociedade, então, nunca conseguirão transmitir isso nas suas práticas (Bego & Anjos, 2020; Neves, n.d., 2018; Neves & Rodrigues, 2019).

A Educação Física como uma disciplina intrinsecamente motivante

Determinados participantes mencionaram as razões pelas quais os alunos parecem interessar-se mais pela EF do que pelas outras matérias. A participante Daniela referiu o seguinte: “Acho que se interessam pela atividade física, porque os alunos estão cansados... Cansados de passar o dia sentados, só a absorver matéria... Então quando têm a oportunidade de fazer atividade física, é algo diferente da rotina...”. Outra participante acrescentou: “Porque é que gostam? Porque estão em competição, animação, percebes, eles gostam muito mesmo, a maioria gosta.... Os meus é aula de expressão e aula de educação física.... Adoram expressões também...” (Flávia).

Como podemos analisar, nas perceções de alguns dos participantes, a EF é vista, pelos alunos, como algo diferente da rotina e como uma “animação”. Isto não deveria acontecer. A EF tem de fazer parte das rotinas e tem de ter igual importância às restantes disciplinas. Apesar de todos os constrangimentos inerentes à implementação da EF, os participantes devem esforçar-se para que, pelo menos, no tempo estipulado, deem aula de EF e que a deem com qualidade (Bego & Anjos, 2020; Costa, 2010; Neves, n.d., 2018; Neves & Rodrigues, 2019). Devem também usar esta motivação dos alunos a seu favor, fazendo com que estes compreendam que a EF é muito mais que uma disciplina divertida. Devem fazer ver aos alunos que a EF é importante para a sua vida, e que os ajuda a manter a saúde,

não só física, mas também mental (Bego & Anjos, 2020; Howells & Coppinger, 2021; Tonge et al., 2017).

A Educação Física como uma ferramenta para o desenvolvimento integral

Determinados participantes referiram as diferentes formas como a EF contribui para o desenvolvimento integral dos alunos: “... Nós sabemos que o desenvolvimento psicomotor é nesta fase que acontece, portanto, a atividade física é fundamental para os miúdos.... Pronto, é completamente fundamental, na minha opinião.... Ajuda-os no processo cognitivo, no processo social, no processo de interação...” (Daniela). Para além disto, os participantes referiram que a EF ajuda os alunos a sentirem-se bem e felizes na escola, promovendo a saúde física e mental:

... Aprendem a estar, a esperar a vez deles.... Aprendem a estar e a esperar, a interagir, a ajudar-se, a saber estar em grupo, porque às vezes não sabem e pode ser um ponto de partida para o trabalho de grupo, para a entreaajuda entre eles pronto... (Luísa).

Foi ainda mencionado que a EF permite que os alunos conheçam os espaços exteriores da escola e que estejam em contacto com a natureza. Refletiu-se também sobre a forma como a EF está associada à saúde e referiu-se que esta ajuda a combater a obesidade, o sedentarismo e os maus hábitos alimentares.

De referir que certos participantes têm consciência da importância da EF do ponto de vista teórico, contudo, por vezes, isto não é transmitido nas suas práticas, focando-se em práticas completamente desadequadas às necessidades dos alunos (Neves, n.d., 2018; Santos et al., 2020). Alguns dos participantes revelam que a EF é importante para a saúde física e mental dos alunos, mas quantos deles já falaram, abertamente, sobre isso, com os alunos? Explicando-lhes, efetivamente, o contributo da EF para a sua vida futura? Abordam também o facto de a EF permitir aos alunos que conheçam o espaço exterior da escola e a natureza. Quantos deles já terão levado os alunos a experienciar uma aula no meio da natureza? Quantas vezes?

A Educação Física com potencial para a interdisciplinaridade

Determinados participantes refletiram sobre a forma como a EF se pode interligar com as outras disciplinas e, assim, existir um sentido de interdisciplinaridade:

Interligar até a música e a educação física, nós na educação física podemos usar, por exemplo, as palmas.... O ritmo, para a corrida, por exemplo, ou para um determinado jogo que estamos a fazer, e com os sinais que fazemos pronto.... É muito bom... (Luísa).

Outra participante acrescentou:

Normalmente, não só a educação física, mas as expressões no geral, eu trabalho sempre numa lógica de multidisciplinariedade.... Começo a trabalhar um determinado tema, seja de matemática, quer seja português, não há problema nenhum, por exemplo, coisas fáceis na.... Na matemática, com números, números pares e ímpares, com centenas, com dezenas, por exemplo, é muito fácil integrar num jogo... (Camila).

Se, de facto, os participantes veem vantagens na interdisciplinaridade, porque não usá-la a seu favor? Por vezes, revelam que têm pouco tempo para abordar a área da EF, e revelam que os alunos têm dificuldades em determinadas matérias de outras áreas disciplinares. Porque não juntar o útil ao agradável e aproveitar o facto de que os alunos têm uma grande motivação para as áreas de expressões. Desta forma, conseguiriam fazer com que os alunos se interessassem pelas matérias mais “difíceis”, conjugando-as com a EF (Bego & Anjos, 2020).

Desafios e Constrangimentos na Operacionalização da Educação Física

Esta categoria refere-se às perceções dos participantes sobre os principais constrangimentos aquando da implementação do programa de EF. Encontra-se subdivida em oito subcategorias: Tempo para a implementação do programa de EF; Conhecimento necessário à implementação do programa de EF; Extensão e exigência dos programas do

1.º CEB; Falta de recursos materiais e espaciais; Lacunas da formação inicial; Desvalorização da EF por parte do sistema educativo; SARS-COV-2 e confinamento; Ser professor na sociedade atual.

Tempo para a implementação do programa de Educação Física

Foi referido por determinados participantes que não existe tempo suficiente no currículo para se abordar, convenientemente, todos os conteúdos presentes em determinados blocos do programa de EF, tal como refere Leandro: “... Pois, como os programas das outras áreas curriculares são muito extensos, acaba por limitar o tempo dedicado à educação física...”. A participante Flávia, também, indicou: “... Falta de tempo no horário... E há a questão do tempo no horário, que não é, de maneira nenhuma, suficiente para fazer a abordagem de todos aqueles conteúdos, nem pensar...”. Apesar de, efetivamente, o tempo dado à área da EF ser inferior às outras áreas, determinados participantes revelam falta de conhecimento face ao programa de EF do 1.º CEB (P. Batista & Graça, 2021; Neves, 2020). Apesar de o programa comportar vários conteúdos, devemos atender ao facto de que, cada bloco do programa, dever ser implementado em anos de escolaridade específicos.

Conhecimento necessário à implementação do programa de Educação Física

Alguns dos participantes refletiram sobre a sua competência para implementar determinados blocos, nomeadamente, que não se sentiam capazes de implementar os blocos de ginástica, patinagem, percursos na natureza e dança:

Pronto.... Como já lhe disse, há aqueles blocos que para mim são mais difíceis, digamos assim.... E que tem alguns que eu mesmo, vou ser sincera, não lhe toco... Por exemplo, patinagem, não toco e depois há outros que eu trabalho mais se calhar.... Pronto...” (Daniela).

Outro participante mencionou: “A ginástica... Na parte mais individual.... E nos percursos na natureza que não tenho formação, nem nunca fiz.... Não.... Nunca fiz...”

(Leandro). Se, por um lado, os participantes referem a importância do currículo, e que este deve ser seguido de forma exímia, e se acreditam que a EF é essencial na vida dos alunos, porque será que isto não se revela nas suas práticas? Estarão assim tão conscientes da importância da EF? Os dados revelam que alguns dos participantes fazem uns “joguinhos” com os alunos e descaram outros blocos do programa, que são, como referem, de extrema importância para o desenvolvimento destes. É possível perceber que existe alguma incoerência entre o que é dito em teoria e o que realmente é aplicado na prática. Estes devem repensar as suas práticas e perceber que esforços podem, ou não, fazer, para que os alunos tenham acesso a uma EF de qualidade (Batista & Graça, 2021; Neves, 2020).

Extensão e exigência dos programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Certos participantes mencionaram a exigência dos programas do 1.º CEB e a necessidade de estes serem repensados: “Sabes, os programas são feitos por burocratas e ponto.... Todos os programas estão extensíssimos para o 1.º ciclo.... Todos.... E não há tempo para cumprir aqueles conteúdos...” (Flávia). Outra participante acrescentou:

Eu vou dizer mais uma coisa, o programa é tão exigente a nível do currículo da matemática, do português, que muitas vezes nós até tirámos um bocadinho às expressões, o que é muito mau, porque eles precisam disso.... A única forma de contornar é.... O programa tem que ser menos extenso, algo que não parte de nós, parte de quem está lá mandar.... Todos os programas deviam ser um bocadinho menos, eu acho que era mais reduzido, eu fazia atividades com eles que não consigo fazer agora... (Luísa).

Como podemos verificar, a exigência dos programas do 1.º CEB é um entrave às aulas de EF, como referido por certos participantes. Mais uma vez se denota a incoerência entre o que é dito e o que são as práticas reais. Os próprios participantes revelam que dão mais destaque às áreas de matemática ou português, em detrimento da área da EF. Se, por um lado, aludem a importância da EF e de como esta é benéfica para os alunos, isto não se preconiza na prática. Se realmente estivessem conscientes da prática de EF regular, veriam que esta seria facilitadora e seria benéfica para que, por exemplo, os alunos melhorassem

a sua concentração nas disciplinas de matemática ou português e se sentissem mais satisfeitos consigo próprios e no ambiente escolar (Bego & Anjos, 2020; Costa, 2010; Neves, n.d., 2018; Neves & Rodrigues, 2019; Santos et al., 2020).

Falta de recursos materiais e espaciais

Todos os participantes referiram que não existem materiais suficientes nem espaços adequados nas escolas para que se consiga implementar sessões de EF de qualidade: “Por exemplo, nós temos um ginásio que tem espaço, mas.... Não é adequado.... Ainda lhe faltava muita mais coisa para ser realmente apropriado para o exercício físico...” (Flávia) e “...E o facto de as escolas não terem nem espaço, portanto em termos de instalações, nem em termos de materiais...” (Camila). Perante esta alegada falta de espaços e de materiais, os participantes devem pensar criticamente sobre o que podem, ou não fazer, para que, em todo o caso, os alunos não saiam prejudicados. Sabemos que isto é uma realidade em várias escolas, mas não nos podemos esquecer que, tal como os participantes, os alunos não têm culpa desta lacuna. Devem ser capazes de se adaptar e tentar contornar este tipo de constrangimentos, não comprometendo a sua aula de EF. Porque será que são feitos esforços para que não falte material nas outras áreas, mas quando se aborda a área da EF esta é sempre descurada? (Neves, n.d., 2016, 2018; Neves & Rodrigues, 2019).

Lacunas da formação inicial

Determinados participantes referiram que a formação inicial era insuficiente para a lecionação da EF:

.... E nós não temos formação específica... Até porque eu tirei o curso há 37 anos para aí, portanto naquela altura era bem diferente de agora, as coisas foram evoluindo e a gente eu sei que tivemos formação, tivemos, mas nunca é como se estivéssemos dentro da formação específica e nós temos que fazer formações... Não, nunca fiz nenhuma ligada à educação física, por isso é, lá está.... Nunca fiz nenhuma ligada, por exemplo, à música, nunca fiz às expressões plásticas.... (Luísa).

A participante Camila acrescentou: “... Porque há sempre muito receio, por parte dos colegas no primeiro ciclo, precisamente por alegarem essa falta de formação, em desenvolver o programa...”. Vemos que existe ainda uma marginalização da área. Apesar de saberem a importância da EF para os alunos, não a conseguem compreender na sua totalidade, e, conseqüentemente, não a sabem implementar devidamente, optando por a negligenciar.

Desvalorização da Educação Física por parte do sistema educativo

Referiu-se que é um desafio fazer com que os alunos percebam que a EF é importante, pois, muitas das vezes, os alunos, pelas representações dos pais, não a valorizam devidamente:

Principalmente no início, não é... Mas eles já sabem isso... Encarar a aula de educação física como uma brincadeira, às vezes é o que acontece, eles acham que a aula de educação física é uma brincadeira, pronto... No início até a maior dificuldade é essa... É eles acharem que a educação física é uma brincadeira... Isto agora é que vai ser (risos)... Mas pronto... Mas depois... Esse encarar aquilo como uma brincadeira, também vem da representação que os pais têm da educação física, às vezes também acontece isso... Pronto... (Daniela).

Outro participante reforçou esta mensagem:

... O pai não está interessado em saber se menino faz bem o rolamento à frente, ou atrás, está é interessado em saber se ele lê, ou não lê, e este peso que é dado, é que na minha perspectiva, é errado não é, dá-se muito... Muito ênfase à matemática, ao português, e depois os conteúdos nunca mais acabam é um sem fim de conteúdos, não é... E depois para nós cumprimos essa parte que no fundo é o que nos cobram não é... As expressões são sempre... Não é só o caso da educação física, são as expressões no geral, físico motora sim, mas as artísticas, idem aspas, precisamente porque há este peso excessivo nas disciplinas ditas não é... Que eles dizem, ditas nucleares... (Camila).

Refletiu-se sobre a forma como várias pessoas ainda veem a EF como uma disciplina inferior face às outras, pelas várias concepções erradas que se vão criando e pelo tempo reduzido que se dá à área das Expressões. Alguns dos participantes referiram que os alunos veem a EF como uma “brincadeira” devido às próprias representações que os pais têm da EF. E será que os alunos não veem esta como uma “brincadeira” devido à própria desvalorização da mesma por parte dos professores? (Bego & Anjos, 2020; Neves, n.d.; Neves & Rodrigues, 2019). Já anteriormente vimos que existe uma discrepância entre o que é dito e o que é realmente posto em prática, por parte dos participantes. Claro está que se estes souberem da importância da EF, mas se nunca o puserem em prática e se descurem as aulas de EF, em detrimento de outras atividades, os alunos terão a mesma visão. Irão ver a EF como algo opcional e que não faz parte do sistema de ensino (Bego & Anjos, 2020; Neves, n.d.; Neves & Rodrigues, 2019). Para além disso, qual é a disciplina que serve sempre como ameaça, caso o aluno não se comporte bem? “Se não te portares bem, não fazes EF!”. Qual será o impacto desta simples frase nos alunos? É que a EF é vista como um “rebuçado”, como uma “brincadeira”, tal e qual aquilo que os participantes alegam ser as representações dos pais. Não serão eles também parte dos “culpados” desta realidade? (Bego & Anjos, 2020; Neves, n.d.; Neves & Rodrigues, 2019).

SARS-COV-2 e confinamento

Alguns participantes abordaram como o SARS-COV-2 afetou não só as aulas de EF, mas os alunos que foram privados de aprendizagens. Mencionaram que os alunos deixaram de fazer EF, apesar de ser enviado um plano semanal de atividades. Constataram que poucos eram os alunos que cumpriam. Alguns deles aumentaram de peso, outros ficaram com receios e medos, bem como desaprenderam algumas habilidades que já estavam adquiridas antes de irem para confinamento:

Mas notou-se.... Notou-se, acima de tudo, essa falta de treino, a aprendizagem, depois com a continuação, eles lá foram conseguindo.... E eu por acaso não verifiquei na minha turma casos de aumento de peso, mas eu tive colegas minhas

em que nas turmas delas se verificou, principalmente no primeiro confinamento, que foi um período inteiro... (Camila).

O participante Leandro acrescentou: “Houve e notou-se muito na parte da perícia e manipulação.... Muito com o manusear da raquete e da bola.... Do agarrar, do lançar.... Senti muita dificuldade.... Sim, sim...”. Perante esta situação de confinamento, atualmente, os professores têm ainda mais trabalho a fazer na área da EF e têm de dar atenção redobrada aos alunos, para que sejam colmatadas lacunas deixadas pelo SARS-COV-2. É importante e urgente que não só os professores, mas também os agrupamentos e a sociedade no geral, se apercebam das lacunas deixadas pelo confinamento. Torna-se necessário repensar propostas para que se aumentem os níveis de AF das crianças, pois tal como referenciado anteriormente, as crianças não atingem os níveis diários de AF recomendados pela OMS, tornando-se cada vez mais sedentárias (Cordovil et al., 2021; Do et al., 2022; Ostermeier et al., 2022; Pombo et al., 2021; Rossi et al., 2021; Sá et al., 2021).

Ser professor na sociedade atual

Abordou-se como a sociedade evoluiu e como o papel do professor se alterou devido a isso, refletindo sobre o quão difícil é ser professor atualmente, devido à exigência e pressão do sistema educativo. Abordaram, também, o facto de o papel do professor ser desvalorizado pela sociedade em geral, assim como a importância de adaptação face às novas realidades.

Mencionaram que deveriam ser tomadas medidas, nos agrupamentos, para que os professores especializados nas áreas de expressões fossem, efetivamente, destacados para as escolas. Aliás, alertou-se para a necessidade de priorizar a coadjuvação. Os participantes discorreram sobre o facto de as crianças já não brincarem nas ruas, dos pais já não se sentirem seguros com essa prática e dos impactos desta tendência no desenvolvimento das mesmas:

... toda a gente sabe que é tão importante os miúdos brincarem na rua.... E que agora não podem, ou pelo menos não podem como podiam, por perigos, ou outras

coisas, então realmente a escola será o local de excelência para conduzir os miúdos e dar-lhes aquilo que é suposto... (Camila).

Referiram que a sociedade vive numa era de “estar sem tempo”:

Então temos uma sociedade.... Em que pais não têm tempo, avós já não têm tempo, os miúdos já não têm tempo.... Isso.... E há cada vez mais exigência e é este contrassenso.... Não sei, é o que temos.... Pressão nos miúdos, nos pais, nos professores... (Flávia).

Através dos dados recolhidos, conseguimos perceber que os participantes enumeram vários constrangimentos à operacionalização da EF. Estes sustentam-se nestes constrangimentos, de forma a explicar o porquê de não conseguirem “fazer mais” nas suas aulas. Atualmente, a complexidade, não só da educação, mas do mundo, é imensa (Batista & Graça, 2021; Giroux, 2022; Santos et al., 2020). Isto faz-nos refletir sobre a forma como a sociedade está estruturada. É claro que os constrangimentos aqui referidos pelos participantes são reais, são complexos, e merecem que seja dada a devida atenção. Neste sentido, as escolas devem refletir sobre o seu papel, juntamente com a comunidade escolar, de forma a tentar perceber quais as decisões que podem ser tomadas, de forma a dar resposta às necessidades motoras dos alunos. Adicionalmente, os decisores políticos devem ter a sensibilidade de se colocarem no lugar do outro e perceber a importância de todas as áreas curriculares para o desenvolvimento holístico dos alunos. Por fim, os professores devem saber posicionar-se enquanto pessoa e enquanto profissional e perceber o que pode ser feito no dia-a-dia, de forma a contornar certos constrangimentos.

Nós, enquanto cidadãos a viver na sociedade, pensamos como podemos melhorar a vida das pessoas e percebemos que existem limitações para essas mudanças. Contudo, não nos podemos centrar apenas em nós. Inúmeras investigações têm sido feitas, não só na área da EF, como noutras áreas da educação e da sociedade, de forma a tentar compreender os problemas e em arranjar soluções (Batista & Graça, 2021; Costa, 2010; Neves, n.d.; Santos et al., 2020). Estas pesquisas têm sido centradas no homem e no seu conhecimento, e aquilo a que temos assistido é que os problemas continuam a suceder-se: questões ecológicas, dizimação dos recursos, guerras, tensões políticas e económicas.

Percebemos que tudo tem a ver com a disputa, se há escassez, há luta. Centramo-nos apenas em nós, e em como podemos manter e aumentar as nossas riquezas. No que diz respeito à educação e ao conhecimento, reconhecemo-nos como os donos do conhecimento e quem está, socialmente, abaixo de nós, nunca nos poderá transmitir conhecimento (Giroux, 2022).

Assoma-se agora uma questão: visto que nos reconhecemos como donos de conhecimento e de soluções, porque é que não conseguimos dar resposta aos problemas? Através dos dados, percebe-se que a desvalorização da EF é ainda perceptível na comunidade escolar. Porque será que isto ainda acontece, visto que já inúmeros estudos foram feitos nesta área? Neste sentido, os resultados deste estudo não são novos e refletem uma realidade conhecida. O facto de esta realidade se manter inalterável tem por base vários fatores, nomeadamente: a desvalorização do corpo e do movimento na sociedade atual (Neto, 2020); a ineficácia das políticas, sobretudo as direcionadas para o 1.º CEB; a alternância nos decisores/governo; falta de consenso na conceção de educação a adotar e medidas relevantes, no que se refere à EF no 1.º CEB; e a perversão na utilização das AECS, esquecendo-se o seu verdadeiro propósito (Batista & Graça, 2021; Bayo & Diniz, 2010; Bego & Anjos, 2020; Costa, 2010; Ferreira et al., 2011; Giroux, 2022; Junior & Tassoni, 2013; Neves, n.d., 2013, 2016, 2018, 2020; Neves & Rodrigues, 2019; Santos et al., 2020; Sousa, 2004).

Estratégias para a Operacionalização da Educação Física

Esta categoria refere-se às estratégias apresentadas pelos participantes que podiam ser adotadas para que os constrangimentos se tornassem menores. Encontra-se subdivida em duas subcategorias: Adaptação do currículo de EF às realidades das escolas; Coadjuvação.

Adaptação do currículo de Educação Física às realidades das escolas

Alguns dos participantes referiram que o programa de EF é visto como uma ferramenta que pode ser adaptada, conforme as necessidades de cada professor e de cada turma. Referiram também que o programa deve ser seguido com rigor:

Estão ajustadas ao que será o desenvolvimento motor deles não é, aquilo que é previsto naquelas idades, isso está mais do que ajustado.... E, precisamente, não saltar essas etapas, é fundamental cumprir mesmo o que lá está, porque há determinadas aprendizagens que têm timings para serem aprendidas não é... (Camila).

Os participantes referiram que têm de adaptar as atividades desenvolvidas no âmbito da EF à escassez de recursos disponíveis nas escolas:

O que é que fazemos?! Fazemos na rua, fazemos uns joguinhos.... Mesmo que haja o recreio, não é.... Só que é cimento.... À partida, há sempre o risco de eles se magoarem, mas a gente faz as corridas, faz jogos de bola, jogos de corda, estafetas, estações.... Isso tudo é possível fazer no recreio aberto e é o que normalmente nós fazemos.... Eu acho que é o que os professores fazem..." (Flávia).

Referiu-se, igualmente, a necessidade de potenciar o tempo de empenhamento motor através de um conjunto de estratégias pedagógicas:

Normalmente, eu gosto de trabalhar por estações, é a minha forma preferida de trabalho... Trabalho muito, torna as aulas mais dinâmicas não é, torna as aulas mais dinâmicas.... Às vezes as pessoas olham, e parece uma confusão, mas eles sabem tudo, todos sabem o que estão a fazer e estão todos em atividade não é.... Se não se faz um de cada vez então vamos perder bastante tempo, tempo de empenhamento motor.... (Camila).

Se é certo que alguns dos participantes veem o programa de EF como "uma ferramenta que pode ser adaptada, conforme as necessidades de cada professor e de cada turma", porque será que isso não acontece na prática? Mais se acrescenta, se o programa é visto como uma ferramenta que deve ser seguida "à risca", porque é que isso não

acontece? Alguns dos participantes revelaram que não têm tempo para abordar todos os conteúdos do programa de EF, mas aclamam, neste momento, que este até pode ser adaptado, conforme o professor e turma. A verdade é que os professores não têm ainda plena consciência do programa e daquilo que realmente pode ser posto em prática (Neves, n.d., 2018; Santos et al., 2020).

Coadjuvação

Nenhum dos participantes tem aulas em regime de coadjuvação na área de EF. A participante Daniela mencionou que, em todos os seus anos de serviço, nunca teve coadjuvação na área de EF. Também a participante Daniela mencionou que, apesar de acreditar que existem vantagens ao existir coadjuvação, sente-se à vontade para abordar os blocos do programa.

Os participantes Leandro, Flávia e Luísa concordaram que se sentiriam mais à vontade se existisse coadjuvação na área, e que esta é de extrema importância:

Era importante se existisse um professor com formação específica para nos ir ajudando.... Eu acho que era importante numa aula de educação física, porque eles sabiam mais como direcionar isso, e depois não ficaram, até podia aprender outras coisas com eles, eu acho que é benéfico para os dois, seria para nós, para os alunos.... Até porque eu tirei o curso há 37 anos para aí, portanto naquela altura era bem diferente de agora, as coisas foram evoluindo e a gente eu sei que tivemos formação, tivemos, mas nunca é como se estivéssemos dentro da formação específica e nós temos que fazer formações... (Luísa).

A este respeito, a participante Camila referiu que:

Sim, a coadjuvação é sempre muito útil... Porque por um lado, a coadjuvação permite não só um colega de educação física ganhar ali algum conhecimento e desconstruir um bocadinho a dificuldade do programa, não é.... Acaba por se sentir muito mais à vontade, porque tem aquele apoio e às vezes é o suficiente para depois a pessoa já conseguir... Eu tenho colegas minhas que tiveram coadjuvação

durante algum tempo e depois mudaram de escola e “não já consigo dar sozinha”, porque houve a desconstrução, é uma mais-valia sem dúvida nenhuma...

A coadjuvação é vista como uma parceria entre o professor titular de turma e um professor específico da área. “A adoção da medida de coadjuvação na sala de aula deve assentar numa lógica de trabalho colaborativo entre os docentes envolvidos” (Despacho Normativo n.º 10-B, 2018, p. 8). “A medida referida no ponto anterior pode ser adotada, sempre que entendida como necessária, designadamente, nas componentes do currículo de Educação Artística e de Educação Física no 1.º ciclo do Ensino Básico” (Despacho Normativo n.º 10-B, 2018, p. 8). Perante estas designações, será que é isto que acontece diariamente, nas escolas? Será que o professor titular de turma está, efetivamente, ao lado do professor da área de EF, a colaborar, ativamente, durante as aulas de EF? Infelizmente, vemos que não é isto que acontece. Em algumas situações, o professor titular de turma aproveita o facto de que está um professor especializado a dar a aula aos seus alunos e faz outro tipo de trabalhos burocráticos, quando esta seria uma oportunidade perfeita para que pudesse aprender e colaborar com um professor especializado, conseguindo assim colmatar algumas das suas falhas e ajudar posteriormente os alunos, de forma mais precisa e com rigor.

Através dos dados apresentados, apercebemo-nos que o número de constrangimentos é bastante superior ao número de estratégias apresentadas, para que se consiga operacionalizar o currículo de melhor forma. Isto demonstra uma visão redutora, por parte dos participantes, daquilo que pode realmente ser feito durante a operacionalização do currículo. A título de exemplo, os participantes referiram que a coadjuvação é extremamente importante e que deveriam existir profissionais de EF a dar essas aulas. Claro está que estes não têm culpa em que estes profissionais não estejam nas escolas, mas e se se unissem, tomassem uma decisão e requeressem ao agrupamento um professor especializado na área? Independentemente da resposta, demonstravam estar conscientes e ativos. Demonstravam saber posicionar-se enquanto pessoa e enquanto profissional, e ter pensamento crítico e criativo.

Concisamente, os professores estão cansados. Nas escolas são-lhes dadas tão poucas condições que eles não têm tempo para pensar. Só pensam como sobreviver, aula a aula, e, assim, é castrada qualquer vontade de pensamento crítico e criativo. Estes, limitam-se a perpetuar, porque não há tempo. Alguns tentam, como é óbvio, mas é o próprio sistema que promove isto, não dá tempo para as pessoas melhorarem, e vive-se nesta lógica capitalista: de trabalhar para a produtividade e para a obtenção de lucro. Isto tem sido uma forma de castração aos processos de ensino. Os professores estão cansados e em modo de sobrevivência, a aguardar, utopicamente, que venha alguém salvar o pouco que resta da educação (Batista & Graça, 2021; Giroux, 2022; Neves, 2020).

Atividades de Enriquecimento Curricular

Esta categoria refere-se às perceções dos participantes, especificamente, sobre as AECS.

Alguns dos participantes referiram que as AECS são importantes e que, se forem abordadas adequadamente, respondem às necessidades dos alunos tal como referiu a participante Flávia:

Alguns pais já têm sensibilidade de colocar os filhos em atividades extracurriculares.... E o que nos veio salvar também foi as AECS.... Que as AECS se forem bem orientadas, se não for só para.... Para tomar conta de meninos como no.... No princípio das AECS era muito.... Se elas forem bem orientadas os meninos ficam trabalhados.... Ficam mais trabalhados, quer a nível motor, quer a nível das expressões.... Foi uma mais-valia.... Porque pronto.... Isto veio até colmatar um bocadinho a lacuna do que eu estava a dizer anteriormente, a falta de tempo no horário curricular...”.

Contudo, alguns dos participantes referiram que é preciso considerar que nem todos os alunos têm acesso às AECS:

E por exemplo, nas AECS, vai lá um professor especialista de educação física.... Só que, as AECS não são obrigatórias, nem todos os alunos conseguem.... Portanto, não

sendo de frequência obrigatória, acaba por não ser para todos, não é uma forma de resolver... (Camila).

Infelizmente, as AECS dão-nos a ilusão de que os alunos estão a ter acesso a aulas com professores especializados, e a uma educação de qualidade. Sim, é verdade, mas não nos podemos esquecer que as AECS não são obrigatórias e que nem todos os alunos têm acesso, estando prevista a lecionação por um técnico. Aliás, as AECS devem servir para a promoção da igualdade de oportunidades e para aumentar o sucesso escolar.

Programa de Educação Física e a Realidade Atual

Esta categoria refere-se às perceções dos participantes sobre a adequação do programa de EF, dizendo se achavam que o programa era, ou não, adequado às realidades das escolas, e, seguidamente, apresentaram sugestões de melhoria de forma a melhorar o programa. Encontra-se subdivida em duas subcategorias: Adequação do programa de EF; Sugestões de melhoria e implicações.

Adequação do programa de Educação Física

Refletiu-se sobre o programa, sobre a sua adequação às diferentes realidades e se este permite, ou não, atingir as necessidades de desenvolvimento dos alunos. Os participantes Daniela, Leandro e Camila referiram que acham o programa adequado e que permite atingir as necessidades dos alunos. Apesar de que, anteriormente, o participante Leandro revela que o programa é demasiado extenso para o tempo estipulado no horário, existindo assim uma contrariedade no seu diálogo. Estes participantes revelam que faziam pequenas alterações ao mesmo, tal como explicou a participante Camila: “Eu, no meu caso, eu acho que o programa até está adequado, o principal problema é a forma como podemos implementar não é...”. As participantes Flávia e Luísa referiram que o programa, apesar de acautelar as necessidades dos alunos, não está adequado às realidades das escolas: “Eles são excelentes, vamos lá ver, tudo a nível de teórico que lá está é extraordinário.... Só que na prática não acontece e alguns são demasiado exigentes, alguns são demasiado exigentes para a idade...” (Flávia).

Perante os dados, podemos ver que existe falta de clareza no que diz respeito ao programa de EF no 1.º CEB. Alguns dos participantes, apesar de acharem que o programa é muito bom a nível teórico, não conseguem ver a sua aplicabilidade na vida real. Algo que falta compreender é que o programa pode e deve ser adaptado às diferentes realidades, como até já foi referido anteriormente por alguns dos participantes. Percebemos que os participantes não estão totalmente a par do programa de EF e que isso dificulta a forma como se posicionam perante a EF e, conseqüentemente, perante os seus alunos (Bego & Anjos, 2020; Neves, n.d., 2020; Neves & Rodrigues, 2019; Santos et al., 2020).

Sugestões de melhoria e implicações

Todos os participantes fariam alterações ao programa de EF. Apesar de os participantes Daniela, Camila e Leandro terem mencionado que o programa estava adequado às necessidades das crianças, mesmo assim, estes fariam alterações ao mesmo. Apresentam-se, seguidamente:

A participante Daniela sugeriu remover o bloco de patinagem do programa de EF:

Porque acho que esse tipo de atividade é daquelas que os meninos se gostam fazem fora... Eu sei que isto pode parecer um bocado.... Enquanto, por exemplo, a nataçãõ, eu acho essencial e acho muito bom, muito bom mesmo que eles tenham integrado no programa... A patinagem... Ó pá... Se calhar sou eu... Mas.... Acho assim um bocado... Uma coisa mais supérflua, digamos assim...

O participante Leandro aumentaria a carga horária da EF, em, pelo menos, 30 minutos semanais, por alegar que o programa é demasiado extenso para o horário estipulado atualmente. A participante Flávia reduziria o programa e criaria, no 1.º e 2.º anos, blocos para incutir o gosto pela AF, com atividades mais lúdicas, e as atividades mais exigentes de ginástica, deixá-las-ia para o 3.º e 4.º anos. Esta ideia da participante revela que a mesma não está a par do programa de EF do 1.º CEB, pois, o bloco de ginástica, já está estipulado dessa forma, apenas se implementa nos 3.º e 4.º anos. Mais se acrescenta que esta ideia de “incutir o gosto pela AF”, poderia ser colmatada já com os blocos existentes no programa, tais como o bloco de atividades rítmicas e expressivas ou até o

bloco de percursos na natureza, com uma caça ao tesouro, por exemplo. Também estes dois blocos já estão estipulados no programa, para os 1.º e 2.º anos, e, muitas das vezes, acabam por ser marginalizados, como já vimos, anteriormente, onde vários participantes revelaram que não implementam estes blocos nas suas práticas. Esta participante revela ainda que não deveria existir avaliação na área de EF, ou que esta deveria ser alterada, por alegar que esta disciplina poderia condicionar as médias dos alunos:

Olha que acho que.... Eu até para te dizer a verdade eu acho que educação física não devia ser sujeita a uma avaliação, devia ser uma atividade complementar, ser contemplada realmente na programação, mas não ser sujeita a uma avaliação... Percebes e, portanto, ou a avaliação ser muito flexível, ser uma avaliação talvez.... Sei lá.... Não sei, não te sei dizer, por acaso não nunca, nunca tinha pensado propriamente nessa situação, mas que às vezes essa.... Essa educação física até gestione as médias depois no futuro etc porque há que crianças que realmente não têm tanta vocação, apetência e gosto pela educação física...

Isto revela que a participante não encara a EF como uma disciplina igualmente importante para o desenvolvimento holístico da criança. Esta ideia de não existir avaliação na área da EF iria fazer com que se perpetuasse, ainda mais, a ideia de que a EF é inferior face a outras áreas. Esta opinião revela ainda que a participante não está completamente ciente da importância da EF, ou seja, também não conseguirá transmitir isso nas suas práticas. A participante Luísa reduziria o programa, por alegar ser demasiado extenso para o horário estipulado atualmente e menciona que este poderia apresentar exemplos de atividades que se podem fazer, em cada bloco. A participante Camila alteraria o bloco de percursos na natureza, e alterá-lo-ia para o espaço da escola e para que fosse apenas abordado no 3.º e 4.º anos, pois crê que os alunos do 1.º e 2.º anos ainda não têm maturidade suficiente para conseguir realizar as atividades do bloco. Tal como a participante Daniela, retiraria o bloco da patinagem, por alegar que:

E depois também, sinceramente.... Pronto, há uma progressão no equilíbrio, não é.... Porque nós trabalhamos o equilíbrio no 1.º e 2.º ano e honestamente, para mim não é uma mais-valia, por exemplo, o bloco da patinagem.... Não, não é uma mais-

valia, honestamente.... Acho que se calhar faria muito mais sentido, em vez desse bloco, os jogos ser um bloco.... Em que podemos pôr à parte basquetebol e chamar minibasquetebol.... Por exemplo, eles englobam os jogos em tudo.... E pôr à parte basquetebol, voleibol.... Acho que faria mais sentido por aí, do que ter o bloco de patinagem...

De notar que todos os participantes fariam alterações ao programa. Algumas das sugestões mencionadas revelam uma falta de clareza no que diz respeito ao programa de EF. Para que haja mudança é necessário que os professores estejam conscientes do seu papel. É necessário que se apercebam da real importância da EF e do impacto que esta pode ter na vida dos alunos. Só tendo uma visão clara do programa e tendo capacidade de reflexão crítica, para poder adaptar o mesmo, é que os professores serão capazes de transmitir isso aos alunos nas suas práticas (P. Batista & Graça, 2021; Bego & Anjos, 2020; Giroux, 2022; Neves, n.d., 2013, 2018, 2020; Neves & Rodrigues, 2019; Santos et al., 2020).

Relevância dos Conteúdos Programáticos

Esta categoria refere-se às perceções dos participantes sobre alguns dos blocos pertencentes ao programa de EF e a relevância de cada um deles. Encontra-se subdivida em cinco subcategorias: Natação; Patinagem; Percursos na natureza; Ginástica; Jogos.

Natação

Alguns dos participantes mencionaram que existem aulas de natação no agrupamento em que eles estão inseridos, e que estas são uma mais-valia para os alunos, a diversos níveis, nomeadamente, tal como referiu a participante Daniela: “Porque é uma atividade muito completa, que engloba muita coisa, não só a parte física, mas também a concentração e a parte da respiração e tudo o mais...”. As aulas de natação realizam-se uma vez por semana, têm a duração de 45 minutos e são dadas pelos professores especializados da Câmara. Alguns participantes referiram que a natação deveria estar incluída no programa, para que todos os alunos tivessem acesso. Mais uma vez, revelam não ter conhecimentos concretos sobre o programa, pois a natação, está estipulada no

programa para todos os anos de escolaridade, apesar de ser um bloco facultativo. Referiu-se que é uma atividade que os alunos gostam, pois, tal como referiu a participante Luísa: “É... É basicamente para eles uma brincadeira... Eles ali estão... É muito lúdico, os professores exigem, mas também, ao mesmo tempo, dão-lhes liberdade e eles gostam porque pronto.... Aprendem...”.

Patinagem

As participantes Daniela e Camila, apesar de terem dito que o programa era adequado às necessidades das crianças, acabaram por referir que o bloco não deveria constar no mesmo, por alegarem ser demasiado específico e por não acrescentar muito aos alunos, ao nível das destrezas físicas. Os participantes Daniela, Leandro, Flávia e Camila referiram que não existem materiais (patins), nas escolas, para se abordar este bloco. Apenas o participante Leandro mencionou que se sentiria à vontade para abordar o bloco, todos os outros mencionaram que não se sentiriam à vontade, argumentando que:

Mesmo a patinagem.... A patinagem exige algum risco, algum perigo, para quem não sabe ensinar... E bicicleta também.... Também exige é um bocado difícil.... Não é tão difícil.... Mas tu estás a ensinar dois ou três meninos a ensinar a andar de bicicleta e os outros?.... E os outros?.... E mesmo patinagem.... Tu vais ensinar um ou dois meninos a patinar, nós somos um único.... Os outros estão a olhar para o balão, em fila, à espera a aula toda?!... (Flávia).

Percursos na natureza

Alguns dos participantes referiram que o bloco não deveria constar no programa, ou que deveria ser adaptado só ao espaço da escola e apenas ao 3.º e 4.º anos. Nenhum dos participantes, ao longo das suas carreiras, implementou este bloco. Apesar de, anteriormente, terem revelado que a EF era benéfica para que os alunos estivessem em contacto com a natureza, e que reconhecessem os espaços exteriores da escola, analisamos agora que isto não acontece nas suas práticas, contradizendo assim as suas afirmações iniciais. Demonstram, mais uma vez, a incoerência entre o que é dito que e o

que é posto em prática. Se realmente veem benefícios em explorar a natureza e os espaços exteriores da escola, porque é que isso não acontece?

Ginástica

Alguns dos participantes discorreram sobre os receios que têm ao implementar este bloco, pois não sabem como auxiliar os alunos: “Nem tanto a ginástica, porque tenho algum receio dos.... Rolamentos...” (Leandro). Alguns dos participantes abordaram a importância deste bloco, pois creem que é importante os alunos estarem bem desenvolvidos nesta área, pois, quando chegarem ao 2.º ciclo, irá ser muito mais fácil para eles:

Agora, no ginásio, como nós temos ginásio aí eu trabalho a ginástica e este ano trabalhei bastante a ginástica e trabalhei já o ano passado um bocadinho.... Eu tenho orgulho que os meus alunos cheguem ao 2.º ciclo e que vão.... Minimamente preparados.... Mas sei que muitas colegas nem estão.... Nem.... Nem.... Nem estão motivadas para isso... (Flávia).

Mais uma vez se revela que, apesar de terem dificuldades ao nível dos diferentes blocos do programa de EF, não têm interesse em tentar colmatar esse facto, através de formações, ou coadjuvação. Limitam-se a não implementar determinados blocos, comprometendo assim as necessidades físicas dos alunos.

Jogos

Todos os participantes referiram que o bloco de jogos é bastante importante para os alunos, pois vai ajudá-los em determinadas áreas, nomeadamente: na parte da socialização, da competição, do saber estar, do saber esperar, e do seguir regras:

Sim, sim. Fazer esses jogos sim.... Joguinhos de grupo, às vezes eles fazem equipas e as equipas jogam uns contra os outros, outras vezes são jogos realizados a pares, outra vez é um jogo em que interagem e têm que seguir o que o outro manda.... Perceber que nem sempre ganhamos na vida, que muitas das vezes vamos perder... (Luísa).

E a participante Daniela acrescentou:

.... Porque eu acho que neste ano em que eu estou, estou a falar neste ano em específico, é um ano importante para eles, para jogarem, para terem a noção de equipa, de entreaajuda entre eles, acho que é muito importante começar-lhes também a inculcar isso e os jogos para mim são muito bons nessa parte.... Sim, eu acho que sim...

A própria forma como o sistema educativo está organizado promove, de certa forma, um projeto educativo restrito e uma visão redutora da criança. Isto é, o facto de existirem professores com uma formação débil na área da EF não permite o desenvolvimento integral das crianças. Para além disso, a EF não se resume a movimento e dispêndio energético. Como é que um professor pode apenas ensinar uma “matéria”? Então a EF não é muito mais do que o saber driblar e executar um rolamento à frente? Como é que nos podemos centrar apenas numa área? Não deveria ser possível. A EF deve ser vista como um todo e não com um total foco no movimento. A EF contribui também para o desenvolvimento cognitivo, assim como para a aquisição de valores éticos, como a cooperação, desenvolvimento crítico, entre outros (Bego & Anjos, 2020; Giroux, 2022; Neves, 2018, 2020; Neves & Rodrigues, 2019; Santos et al., 2020).

Até a forma como os seminários, as conferências e os congressos estão organizados, revelam como a sociedade está monopolizada. As pessoas que têm acesso a estes eventos são pessoas que estão em posições de poder. Professores com carreiras estáveis. Nestes congressos, projeta-se o problema, diz-se o essencial, prometem-se mudanças que nunca acontecem, e dá-se pouco tempo para perguntas e para questões superficiais. Para que, mais uma vez, não haja tempo para a reflexão. Fazem-se estes eventos, mas nunca há soluções, então isto é uma espécie de acordo, para manter as coisas como estão. Para dar a ilusão de que estão a ser feitas mudanças, mas, na realidade, não estão. Pessoas que têm ideias novas, pessoas que contrariam aquilo que é tendência geral, essas não têm espaço, essas são consideradas exageradas. O próprio acesso a estes eventos é condicionado. É preciso dinheiro. E quem é que lá está? Pessoas que já têm estatuto. Um professor de carreira e não de 1.º escalão. As pessoas usam o poder que têm e jogam com isso, quando

veem que alguém vai contra o sistema. De certa forma, este é um ato perverso, pois estão a dar uso ao poder de forma indevida (Bego & Anjos, 2020; Giroux, 2022; Neves, 2018, 2020; Neves & Rodrigues, 2019; Santos et al., 2020).

O próprio acesso ao conhecimento vem de um lugar de privilégio e poder, porque a forma como a sociedade está formatada, a forma como nos tentam formatar, está tão entranhada, que o acesso ao conhecimento, como as questões de democracia e de reflexão, são um privilégio para qualquer pessoa. Estes eventos e os artigos, que por vezes encontramos na internet, que fazem parte destes eventos, são escritos para terem destaque, e, por vezes, nem sequer abordam questões pertinentes, nem se centram numa lógica de reflexão, mas têm destaque, porque, quem está por trás, tem poder. E é tudo um *show-off* (Bego & Anjos, 2020; Giroux, 2022; Neves, 2018, 2020; Neves & Rodrigues, 2019; Santos et al., 2020).

Vivemos numa máquina de produção capitalista e a sociedade nem se apercebe disso. É urgente despertar as mentes das pessoas, é urgente refletirmos sobre os nossos comportamentos e é urgente não pensarmos em receitas milagrosas, mas em atitudes que realmente nos conduzam à mudança. Por isto mesmo é que serão necessárias alterações sistémicas para que a EF no 1.º CEB se situe como uma matéria relevante para o desenvolvimento das crianças e que o currículo de EF seja implementado concertadamente (Bego & Anjos, 2020; Giroux, 2022; Neves, 2018, 2020; Neves & Rodrigues, 2019; Santos et al., 2020).

Conclusões

Nesta investigação verificou-se a necessidade de se continuar a refletir sobre a importância da EF na vida das crianças. Através dos vários depoimentos dos participantes, percebe-se ainda uma desvalorização desta área e uma visão redutora da mesma. Apesar de demonstrarem terem algumas noções sobre a importância da EF, essas noções são ainda redutoras, e não abarcam, na sua totalidade, o porquê da EF ser essencial na vida das crianças. Se estas visões redutoras continuarem a perpetuar-se, nunca conseguiremos mudar, estaremos presos num círculo vicioso. Através do estudo, verifica-se também a necessidade da reflexão, por parte do corpo docente. É necessário e urgente que existam questões e respostas reais, para atender às dificuldades sentidas. Inicialmente, mais do que tudo, é necessário que cada professor repense a sua ação educativa e se realmente está a fazer tudo aquilo que consegue pelos seus alunos e pelos futuros cidadãos de uma sociedade em constante desenvolvimento.

Limitações do estudo e recomendações futuras

Ao longo do presente estudo foi possível atentar a algumas limitações, assim como identificar recomendações para estudos realizados futuramente. Uma das limitações foi a falta de experiência da investigadora, nomeadamente, durante a realização das entrevistas. Poderiam ter sido feitas outro tipo de questões que permitissem aprofundar certas temáticas. Sendo assim, recomenda-se que, futuramente, se aprofundem certas temáticas, tais como as AECS, ou a coadjuvação, de forma a tentar compreender, na sua totalidade, as visões dos participantes.

CAPÍTULO 3 – REFLEXÃO GLOBAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Ao longo da caminhada que foi a PES, eis que chega agora o momento de refletir sobre todo este percurso, desde as dificuldades superadas, às aprendizagens adquiridas, entre tantos outros aspetos, que irão agora ser abordados no decorrer deste capítulo. Durante a PES, foram vários os desafios a ultrapassar, muitas das vezes, senti-me como um peixe fora de água. Porém, a vida é assim, cheia de desafios. Desafios esses, que nos tornam mais fortes e capazes. Tanto o percurso no pré-escolar, como no 1.º CEB, foram um enorme desafio, pois nunca tinha tido a oportunidade de ter um grupo a meu encargo, durante tanto tempo. Foi, sem dúvida, uma oportunidade para pôr em prática aquilo que fui aprendendo ao longo do curso e durante as minhas experiências pessoais. Durante esta prática, tive a noção de que há muito mais para além da planificação no papel, e do que um conjunto de conteúdos. Apesar da importância destes dois fatores, a verdade é que, maior parte das vezes, no momento da implementação, temos de nos abstrair daquilo que estava planificado. Percebi que devemos focar-nos nas crianças e naquilo que elas precisam, adaptando assim as atividades, ou até mesmo a planificação na sua totalidade.

Acho que, apesar de tudo aquilo que fui aprendendo, na teoria, nada me preparava para a realidade do que é ter um grupo a meu encargo. Senti uma imensa responsabilidade para com aquelas crianças. A cada dia, queria fazer mais e melhor, queria absorver todas as técnicas da EC e proporcionar um dia mágico, a cada criança. E que difícil que foi. A meu ver, é realmente desafiante estar atenta a tudo, a todos os pormenores, a todas as crianças, conseguir que todas retirem aprendizagens das atividades, que todas estejam interessadas, que todas cumpram as rotinas e as regras da sala.

Esta prática foi, sem dúvida, um processo de crescimento, não só a nível profissional, como pessoal. Ao longo das semanas, tive de deixar de parte receios e medos, e realmente estar presente na vida daquelas crianças, conseguindo realizar atividades com interesse e que despertassem curiosidade e magia. Os meus medos e receios baseavam-se no medo de errar, de dizer alguma coisa que fosse inapropriada, ou que fosse

cientificamente incorreta. Receio de que as crianças não conseguissem compreender o que eu queria transmitir, e que eu não o conseguisse explicar de uma forma simples e clara. O medo de não estar à altura, e de desiludir as crianças e a EC, que me tinha confiado o seu grupo. O caminho foi duro e longo, cheguei ao final exausta, e demorei a conseguir processar tudo aquilo que aconteceu. Só passado algum tempo consegui aperceber-me da sorte que tive, das crianças maravilhosas que conheci, de todos os dias em que recebi um abraço, um beijo, um carinho, e mais um desenho para trazer no bolso. Houve dias de choros, de gritos, de ficar sem voz ao chamar por aqueles seres pequenos, de querer desistir, mas, tudo é recompensado. Quando se volta ao contexto de estágio e as crianças vêm a correr, de braços abertos, a dizer que têm saudades e que nos querem de volta, tudo faz sentido. É incrível esta sensação, de ser amado pelos seres mais puros, é uma sensação de gratidão, inexplicável.

Quero com isto dizer que, nem tudo é um mar de rosas, a verdade é que, muitas vezes, apeteceu-me desistir, sim, tanto a mim, como às minhas colegas, com quem ia falando. Para além de ser tudo novo, estamos a ser avaliados, constantemente. Claro que não nos devemos focar nisto, mas a pressão é imensa, a pressão de conseguir entregar tudo, a tempo e horas, e depois ir para o local de estágio, com um sorriso no rosto, e com poucas horas de sono. Para mim, foi, basicamente, quase deixar de ter vida própria, estar absorta do mundo, e dedicar-me, de corpo e alma, à PES. Foi muito duro, mas, lá está, tudo é recompensado.

Assim que chegou o momento de implementar no 1.º CEB, chegou mais um enorme desafio. Sempre me senti muito mais motivada a seguir o pré-escolar ao invés do 1.º CEB, ou seja, senti ainda mais pressão, pois achei, à partida, que não teria um perfil apropriado para professora de 1.º CEB. Apesar destas primeiras inseguranças, senti-me muito bem recebida, tanto pela turma, como pela PC. Isto fez com que me sentisse mais à vontade, pois o ambiente era acolhedor, e a PC fez com que eu percebesse que teria de errar, várias vezes, até conseguir avançar e melhorar. Todos os dias eram uma superação e um enorme desafio, pois, aquelas crianças, dependiam de mim, para criarem as suas primeiras bases, no mundo escolar. A pressão, a cada dia, era grande, mas, aos poucos, fui-me sentindo mais à vontade com a turma e com os métodos de trabalho da PC.

Apesar deste percurso ter corrido bem, creio que, comecei este estágio já numa fase de grande desgaste, tanto físico, como mental e emocional. Foi duro este percurso, mais ainda que o primeiro, pois já estava com o “nível de combustível na reserva”. O facto de, depois de ter acabado a PES, saber que as crianças chegavam a casa e falavam sobre mim e sobre a minha colega de estágio, que choraram, que disseram que iam ter saudades, e até as crianças mais caladas, que não demonstravam tanto os seus sentimentos, disseram que queriam ir de férias para Braga, na esperança de nos ver. Uau, preencheu o coração. Foi com estas crianças que dei os primeiros passos no percurso de ser professor de 1.º CEB, e com elas aprendi a importância e a necessidade da reflexão. Refletir sobre a forma como implementei a aula e o que poderia ser melhorado. Refletir sobre os conteúdos que abordei e como os poderia ter abordado de outra forma. Refletir sobre as crianças, e perceber se todas elas compreenderam aquilo que foi abordado. Refletir sobre o meu percurso profissional e sobre quem eu quero ser, enquanto professora do 1.º CEB. Apesar deste percurso difícil, agradeço o facto de ter tido a oportunidade, pois, fez-me perceber a complexidade do mundo escolar, e em como temos de batalhar, não só com o sistema, mas connosco próprios, questionando-nos, e refletindo sobre as nossas crenças e valores.

De uma forma geral, a PES fez-me crescer imenso, foi um duro choque de realidade e um ótimo “abre olhos” para aquilo que me espera no futuro. Foram tantas as aprendizagens feitas, em ambos os contextos. Uma das frases que me ficou gravada na memória, foi a de uma criança, no pré-escolar, que me disse, “sabes, às vezes as asneiras também correm bem”. Fiquei a pensar imenso sobre aquela frase. Como é que um ser tão pequeno, pode ter tanta sabedoria. Isto faz-nos refletir sobre a forma como estamos sempre a aprender e em como não somos mais que ninguém. Eu já sabia que iria aprender imenso com as crianças, agora, tenho a certeza. Todos os meus dias, serão uma enorme aprendizagem. O caminho para o futuro será este, errar, errar e errar, novamente. Quantas vezes ouvi, durante a PES, professores, com vários anos de carreira, que ainda estão agora a descobrir novas técnicas de trabalho e a adaptar-se às novas realidades. A verdade é que a vida não para, estamos em constante mutação e é preciso ter noção disto, e ter noção de que devemos evoluir, consoante as exigências com que nos deparamos. A meu ver, a nossa vida passa por isto, mutação, adaptação, aprendizagens e reflexões. Mutação e adaptação,

tanto a nível pessoal, como profissional, porque aquilo que acreditamos hoje, podemos não acreditar amanhã, e a realidade que vivemos hoje, pode não ser a realidade que iremos viver amanhã, logo, vamos precisar de nos adaptar, de aprender coisas novas e de refletir, constantemente.

Vejo o meu futuro desta forma, numa constante aprendizagem e melhoramento, não só profissional, como pessoal. Investir em mim, na minha educação, procurar sempre ser mais e melhor. A cada dia, refletir, porque acho que falta muito isso, atualmente. Já não nos importamos em refletir sobre os nossos atos, sobre aquilo que queremos fazer, é tudo tão fugaz, que estamos sempre sem paciência, queremos tudo para ontem. Faz falta parar, pensar e refletir, para que assim consigamos mudar e melhorar. Um exemplo simples que plasma a falta de reflexão dos nossos atos: o facto de estarmos, constantemente, preocupados com as crianças, por passarem demasiado tempo com aparelhos eletrónicos. Porque será que isto acontece? Será que nós, adultos, estamos a fazer realmente alguma coisa para mudar isso? Estarão, os nossos atos, em concordância, com aquilo que dizemos? Concisamente, apesar de ter “perdido” um pouco da minha vida pessoal, penso que foi um esforço gratificante e que valeu muito a pena, porque, sem estas experiências, não teria noção do que me esperaria no futuro. Foram uma mais-valia, tanto a nível profissional, como a nível pessoal, pois conheci crianças e profissionais de educação incríveis e com quem tive imenso gosto de trabalhar.

REFERÊNCIAS

- Amado, J., & Ferreira, S. (2017). Manual de Investigação Qualitativa em Educação. In *Técnicas de Recolha de Dados* (3.^a Edição, pp. 207–222). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo* (5th ed.). Edições 70, Lda.
- Batista, E., Matos, L., & Nascimento, A. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), 23–38. <https://www.researchgate.net/publication/331008193>
- Batista, P., & Graça, A. (2021). Construir a profissão na formação de professores de Educação Física: processos, desafios e dinâmicas entre a escola e a universidade. *Pro-Posições, Campinas, SP*, 32, 1–27. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0084>
- Bayo, I., & Diniz, J. (2010). A Actividade Física e Desportiva, uma actividade de enriquecimento curricular. *Boletim SPEF*, 35, 61–85. <https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/view/241>
- Bego, G., & Anjos, J. (2020). A importância da Educação Física Escolar para a formação do indivíduo na sociedade. *Revista Saúde UniToledo-Araçatuba-SP*, 4(1), 13–26. <http://www.ojs.toledo.br/index.php/saude/article/view/3557>
- Bengtsson, M. (2016). How to plan and perform a qualitative study using content analysis. *NursingPlus Open*, 2, 8–14. <https://doi.org/10.1016/j.npls.2016.01.001>
- Brodsky, A. (2012). Researcher as Instrument. In L. Given (Ed.), *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 1–3). SAGE Publications, Inc. <https://doi.org/10.4135/9781412963909>
- Bruijns, B., Truelove, S., Johnson, A., Gilliland, J., & Tucker, P. (2020). Infants' and toddlers' physical activity and sedentary time as measured by accelerometry: A systematic review and meta-analysis. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 17, 1–14. <https://doi.org/10.1186/s12966-020-0912-4>
- Câmara Municipal de Viana do Castelo. (2021). *Juntas de Freguesia - Câmara Municipal de Viana do Castelo*. <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/juntas-de-freguesia>
- Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da UNESCO. (1978). *Conferência Geral Da Organização Das Nações Unidas Para a Educação, a Ciência e a Cultura*, 2–6. <https://www.acm.pt/pdf/documentos/CartaIntEduFisicaDesportoUnesco.pdf>
- Cordovil, R., Ribeiro, L., Moreira, M., Pombo, A., Rodrigues, L., Luz, C., Veiga, G., & Lopes, F. (2021). Effects of the covid-19 pandemic on preschool children and preschools in

- Portugal. *Journal of Physical Education and Sport (JPES)*, 21(1), 492–499.
<https://doi.org/10.7752/jpes.2021.s1052>
- Costa, F. (2010). Educação Física: Disciplina dispensável versus Disciplina Imprescindível - como ultrapassar a situação paradoxal que caracteriza a Educação Física? *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa Em Educação Física*, 2(1), 91–110.
<https://www.researchgate.net/publication/278847848>
- Despacho Normativo, n.º 10-B/2018, de 6 de julho (2018).
- Decreto-Lei n.º 41/2012 - Diário da República n.º 37/2012, Série I de 2012-02-21 - Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e Professores dos Ensinos Básico e Secundário, 32 (2012). <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-lei/2012-117105579>
- Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro - Ministério da Educação e Ciência - Diário da República, Diário da República n.º 240/2014, Série I de 2014-12-12 6064 (2014).
<https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/176-2014-64297587>
- Do, B., Kirkland, C., Besenyi, G., Smock, C., & Lanza, K. (2022). Youth physical activity and the COVID-19 pandemic: A systematic review. *Preventive Medicine Reports*, 29, 1–15. <https://doi.org/10.1016/j.pmedr.2022.101959>
- Educação, M. (Ed.). (2018). *Organização Curricular e Programas* (4.ª Edição).
- Ferreira, A., Moreira, J., & Ferreira, J. (2011). Percepções sobre o Estatuto Socioprofissional dos Professores de Educação Física em Portugal. *Revista Portuguesa de Pedagogia Extra-Série*, 205–223. https://doi.org/10.14195/1647-8614_Extra-2011_17
- Giroux, H. (2022). Resisting Fascism and Winning the Education Wars: How we can Meet the Challenge. *Policy and Practice: A Development Education Review*, 35, 111–126.
- Guba, E., & Lincoln, Y. (1994). Competing Paradigms in Qualitative Research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.) (Ed.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105–117). Sage Publications, Inc.
<https://ethnographyworkshop.files.wordpress.com/2014/11/guba-lincoln-1994-competing-paradigms-in-qualitative-research-handbook-of-qualitative-research.pdf>
- Howells, K., & Coppinger, T. (2021). Children’s Perceived and Actual Physical Activity Levels within the Elementary School Setting. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(7), 1–12. <https://doi.org/10.3390/ijerph18073485>
- Instituto Nacional de Estatística. (2021). *INE - Plataforma de divulgação dos Censos 2021*.
https://ine.pt/scripts/db_censos_2021.html

- Junior, N., & Tassoni, E. (2013). A Educação Física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. *Rev Bras Educ Fís Esporte, (São Paulo)*, 27(3), 467–483. <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/Bqn9wHyTThPRXgf9XnSSVPD/?format=pdf&lang=pt>
- Lei n.º 46/86 - Lei de Bases do Sistema Educativo - 1986-10-14 - Diário da República, Diário da República n.º 237, Série I 1986-10-14 3068 (1986). <https://dre.pt/dre/detalhe/lei/46-1986-222418>
- Linneberg, M., & Korsgaard, S. (2019). Coding qualitative data: a synthesis guiding the novice. *Qualitative Research Journal*, 1–27. <https://doi.org/10.1108/QRJ-12-2018-0012>
- Martzog, P., & Suggate, S. (2022). Screen media are associated with fine motor skill development in preschool children. *Early Childhood Research Quarterly*, 60, 363–373. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2022.03.010>
- Matta, C. (2021). Philosophical Paradigms in Qualitative Research Methods Education: What is their Pedagogical Role? *Scandinavian Journal of Educational Research*, 66(6), 1049–1062. <https://doi.org/10.1080/00313831.2021.1958372>
- Neto, C. (2020). *Libertem as Crianças - A urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto Editores.
- Neves, R. (n.d.). Escolas, Professores e Educação Física: Responsabilidades, Gestão e Profissionalidade no Primeiro Ciclo do Ensino Básico. *Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 107–119. Retrieved February 28, 2022, from https://www.researchgate.net/publication/260869120_Escolas_professores_e_educacao_fisica_-_responsabilidades_gestao_e_profissionalismo_no_1_CEB
- Neves, R. (2013). Educação física no 1º ciclo do ensino básico - das necessidades de formação à profissionalidade docente. *Efdeportes.Com*, 1–4. https://www.researchgate.net/publication/259214012_Educacao_fisica_no_1_ciclo_do_ensino_basico_-_das_necessidades_de_formacao_a_profissionalidade_docente
- Neves, R. (2016). As condições materiais da prática da educação física no 1º CEB - um olhar qualitativo dos gestores. *Indagatio Didactica*, 8(2), 27–36. <https://doi.org/https://doi.org/10.34624/id.v8i2.2521>
- Neves, R. (2018). O Boletim da SPEF e a Educação Física na Escola do 1.º CEB - Uma Análise do Discurso Publicado. *Boletim SPEF*, 41, 59–66. <https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/view/305>
- Neves, R. (2020). Ser Professor em Portugal: a problemática do acesso à formação/profissão. *Instrumento: Rev. Est. e Pesq. Em Educação, Juiz de Fora*, 22(2), 216–230. <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/30715-Texto%20do%20artigo-123603-1-10-20200630.pdf>

- Neves, R., & Rodrigues, J. (2019). Os Propósitos Educacionais e Modelos de Docência de Educação Física em Primária. *Revista Iberoamericana de Psicología Del Ejercicio y El Deporte*, 14(2), 166–170. <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/32171/1/the-educational-purposes-and-teaching-models-of-physical-education-in-the-elementaryschool.pdf>
- Ostermeier, E., Tucker, P., Tobin, D., Clark, A., & Gilliland, J. (2022). Parents' perceptions of their children's physical activity during the COVID-19 pandemic. *BMC Public Health*, 22(1), 1–12. <https://doi.org/10.1186/s12889-022-13829-y>
- Patón, R., Ballesteros, J., Giráldez, V., Rodríguez, A., Fuentes, C., & Calvo, M. (2021). Gender Differences on Motor Competence in 5-year-old Preschool Children Regarding Relative Age. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18, 1–10. <https://doi.org/10.3390/ijerph18063143>
- Pombo, A., Luz, C., Sá, C., Rodrigues, L., & Cordovil, R. (2021). Effects of the COVID-19 Lockdown on Portuguese Children's Motor Competence. *Children*, 8(199), 1–10. <https://doi.org/10.3390/children8030199>
- Ribeiro, J., Sim, C., Flores, H., & Pereira, J. (2017). Expressão Físico Motora e Desporto Escolar no 1.º Ciclo do Ensino Básico. *Boletim SPEF n.º 40*, 59–68. <https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/view/287>
- Rossi, L., Behme, N., & Breuer, C. (2021). Physical Activity of Children and Adolescents during the COVID-19 Pandemic—A scoping review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(21), 1–18. <https://doi.org/10.3390/ijerph182111440>
- Sá, C., Pombo, A., Luz, C., Rodrigues, L., & Cordovil, R. (2021). Distanciamento Social COVID-19 no Brasil: Efeitos sobre a Rotina de Atividade Física de Famílias com Crianças. *Revista Paulista de Pediatria*, 39, 1–8. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2020159>
- Saldana, J. (2008). An Introduction to Codes and Coding. *The Coding Manual for Qualitative Researchers*, 1–31. <https://www.sfu.ca/~palys/Saldana-CodingManualForQualResearch-IntroToCodes&Coding.pdf>
- Santos, F., Neves, R., Pereira, P., & Cardoso, A. (2020). O currículo de educação física e as life skills: Processos e estratégias de intervenção. *Motricidade*, 16(2), 135–143. <https://doi.org/10.6063/motricidade.18931>
- Silva, G., Macêdo, K., Rebouças, C., & Souza, A. (2006). Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 5(2), 246–257. <http://www.objnursing.uff>

- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE), Ed.). Editorial do Ministério da Educação e Ciência.
- Simon, M. (2011). *The Role of the Researcher*.
<https://portal.regenesys.net/course/discussions/editors/kcfinder/upload/files/The%20roles%20of%20the%20researcher%2C%202011%20httpdissertationrecipes.com-wp-content-uploads-2011-04-Role-of-the-Researcher.pdf.pdf>
- Sousa, J. (2004). Aula de Educação Física: O que o professor sente e pensa. *Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 28–29, 77–87.
<https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/view/124/111>
- Tonge, K., Jones, R., Hagenbuchner, M., Nguyen, T., & Okely, A. (2017). Educator engagement and interaction and children’s physical activity in early childhood education and care settings: an observational study protocol. *BMJ Open*, 7, 1–8.
<https://doi.org/10.1136/bmjopen-2016>

ANEXOS

CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

de acordo com a Declaração de Helsínquia¹ e a Convenção de Oviedo²

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Título do estudo: Operacionalização do currículo de Educação Física no 1.º Ciclo: conceções dos professores

O meu nome é Beatriz Gomes Costa, sou aluna do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, e gostaria da sua ajuda neste projeto. Este formulário de consentimento, cuja cópia será enviada para o seu email, faz parte do processo do consentimento informado. Deverá dar-lhe uma ideia geral sobre o objetivo e implicações desta investigação, especificamente o que a sua participação irá envolver. Caso pretenda obter informação mais detalhada acerca de algo aqui mencionado, ou de uma informação não incluída, esteja à vontade para perguntar. Por favor, leve o tempo necessário para ler o documento com cuidado e compreender toda a informação.

Enquadramento: O principal objetivo deste estudo é analisar as perceções dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), relativamente ao programa de Educação Física (EF) no 1.º CEB, especificamente as estratégias e desafios associados à implementação dos diferentes blocos de EF. Se concordar em participar neste estudo, ser-lhe-á solicitado que dê uma entrevista com duração aproximada de 35 minutos. Esta entrevista será gravada pela investigadora (som), de forma a proceder à recolha de dados para o estudo. Este

estudo faz parte do meu relatório de estágio, do curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, e pode contribuir para uma melhor compreensão acerca da operacionalização da EF no 1ºCEB.

Note também que, apesar de ter a oportunidade de participar neste estudo, pode escolher não o fazer, não havendo qualquer problema com essa decisão. Será identificado neste estudo. Terá a opção de escolher se deseja ser identificado no estudo e os seus resultados quer (i) pelo seu nome ou (ii) pelo pseudónimo (ver abaixo). Não tem qualquer obrigação em participar do estudo. Se decidir participar, esteja à vontade para levantar questões ou preocupações, sobre quaisquer assuntos que possam surgir na realização das ações centradas no estudo. Pode desistir deste estudo a qualquer momento, notificando-me por telefone ou e-mail. Se desistir do estudo, todas as informações fornecidas serão destruídas (ou seja, excluídas do conjunto de dados). Todos os dados serão armazenados eletronicamente – encriptados e protegidos por palavra-passe. A sua participação neste estudo irá ajudar-me a aprender como os professores do 1.º ciclo operacionalizam o currículo de EF.

A sua assinatura neste formulário indica que compreendeu as informações referentes à participação no projeto de investigação e concorda em participar. De forma alguma tal renuncia os seus direitos legais, nem isenta o investigador ou as instituições envolvidas das suas responsabilidades legais e profissionais. Pode desistir a qualquer momento até a apresentação dos resultados, sem prejuízo ou consequência. A sua participação contínua deve ser tão informada quanto o seu consentimento inicial, portanto, sinta-se à vontade para pedir esclarecimentos ou novas informações durante a sua participação. A Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo pode consultar os registos de investigação para verificar que o estudo está a ser realizado de forma segura e adequada. Se tiver alguma dúvida ou reclamação sobre este projeto, entre em contacto com [beatrizc@ipvc.pt].

Confidencialidade e anonimato: Será garantido o anonimato, a confidencialidade e uso exclusivo dos dados para o presente estudo. Para mais esclarecimentos, não hesite em contactar o investigador responsável (Beatriz Costa, 967829439). O investigador responsável compromete-se também a proceder à divulgação dos resultados deste estudo.

Grata pela sua colaboração!

Assinatura:

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome:

Assinatura:

Data: / /

Por favor indique como gostaria de ser identificado/a neste estudo:

Pelo nome: _____

Pelo pseudónimo: _____

Nota: Pode rever a sua preferência, se assim pretender.

Se gostaria de receber um resumo dos resultados desta investigação, por favor adicione o seu e-mail abaixo:

E-mail: _____

SE NÃO FOR O PRÓPRIO A ASSINAR POR IDADE OU INCAPACIDADE

NOME:

BI/CD Nº: DATA ou VALIDADE /..... /.....

GRAU DE PARENTESCO OU TIPO DE REPRESENTAÇÃO:

ASSINATURA

**ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 1 PÁGINA/S E FEITO EM
DUPLICADO:**

1

http://portal.arsnorte.min-saude.pt/portal/page/portal/ARSNorte/Comiss%C3%A3o%20de%20C3%89tica/Ficheiros/Declaracao_Helsinquia_2008.pdf

ENTREVISTA

GUIÃO DE ENTREVISTA

Nome: _____

DADOS DEMOGRÁFICOS

1. Idade
2. Género
3. Formação
4. Anos de Experiência
5. Percurso Profissional
6. As aulas de educação física realizam-se quantas vezes por semana?

CONCEÇÕES ACERCA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

1. Na sua perspetiva, como caracterizaria o programa de educação física do 1.º ciclo?
 - 1.1 Como deve ser integrado no contexto do programa do 1º ciclo?
2. De uma forma geral, considera o programa adequado? Porquê?
3. Os blocos presentes no programa de educação física do 1.º ciclo permitem atingir as necessidades das crianças? Porquê? Como?
 - 3.1 Caso pudesse fazer alterações ao programa, o que mudaria? Porquê?
 - 3.2 Como procura integrar a Educação Física na sua intervenção pedagógica? Por favor, apresente exemplos.
4. As suas aulas de educação física são dadas em regime de coadjuvação? Se não, porquê? Se sim, como funcionam?

5. O que procura priorizar na planificação das aulas de Educação Física?
6. Quais as estratégias que utiliza nas aulas de educação física? Porquê?
Na abordagem aos diferentes blocos.
7. Quais os maiores desafios associados à implementação dos diferentes blocos nas aulas de educação física? Porquê?

TRANSCRIÇÕES ENTREVISTAS

Entrevista 1 – Participante Daniela (nome fictício)

Dados Demográficos

1. Idade – 61 anos;
2. Género – feminino;
3. Formação – Magistério Primário e Especialização em Administração Escolar;
4. Anos de Experiência – 38 anos;
5. Percurso Profissional – Ao longos dos 38 anos de experiência, a professora esteve numa delegação escolar, deu aulas, e trabalhou, durante 1 ano, numa biblioteca infantil;
6. As aulas de educação física realizam-se quantas vezes por semana? – Realizam-se uma vez por semana, num bloco de 45 minutos. Intercalando com natação, também 1 vez por semana, num bloco de 45 minutos

Entrevistador: Bom dia, professora.

Entrevistado: Bom dia.

Entrevistador: Antes de mais, agradeço a sua disponibilidade em participar neste estudo. Peço a sua autorização para gravar.

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: O objetivo deste estudo é então analisar as percepções dos professores do 1.º ciclo, relativamente ao programa de educação física e também as estratégias, os desafios associados à implementação de cada um dos blocos. Vamos então à primeira questão, na sua perspetiva, como caracteriza o programa de educação física?

Entrevistado: Ora bem, o programa de educação física... Nós sabemos que o desenvolvimento psicomotor é nesta fase que acontece, portanto, a atividade física é fundamental para os miúdos.... Pronto, é completamente fundamental, na minha opinião.... Ajuda-os no processo cognitivo, no processo social, no processo de interação....

Entrevistador: Ou seja, para além do físico...

Entrevistado: Sim, para além disso tudo, do físico, que é evidente e já sabemos que sim, ajuda também nessa parte... O programa assegura as condições para que haja esse desenvolvimento físico... Na minha opinião...

Entrevistador: Sim, sim.

Entrevistado: Ajuda nesse desenvolvimento físico, social, no cognitivo...

Entrevistador: De que forma é que acha que o programa assegura essas condições?

Entrevistado: ... Porque o programa apresenta-se como uma ferramenta, mas depois o professor adapta-o consoante as suas diferentes realidades... De forma a trabalhar todos esses componentes...

Entrevistador: De que forma é que a educação física ajuda nesses processos cognitivos, sociais?

Entrevistado: Porque apela a uma... uma integração, um desenvolvimento integral dos miúdos, um desenvolvimento integral dos miúdos, completamente... Na minha opinião... Portanto, promove estilos de vida saudáveis... E estes miúdos adoram e estão sempre prontos para a aula de educação física... Isso aí não há dúvida.... É tão essencial como outra disciplina qualquer e ajuda-os imenso...

Entrevistado: Até porque é algo que eles vão levar para o futuro deles, não é?

Entrevistado: Exatamente, exatamente...

Entrevistador: Como manter hábitos de vida saudáveis...

Entrevistado: Exatamente, estilos de vida saudáveis... Exercício físico, que nós sabemos que é tão importante para as pessoas, e eles adoram, e é uma forma de lhes promover isso, de lhes inculcir isso...

Entrevistador: Exato, até porque há crianças que não têm oportunidade de realizar atividades físicas no exterior da escola, no decorrer da sua vida...

Entrevistado: Exatamente, daí ser essencial lhes inculcir estilos de vida saudáveis, nesta fase das suas vidas... Muitas das vezes é a única experiência que eles têm, é aqui na escola...

Entrevistador: Exato. E porque acha que os alunos se interessam tanto pela aula de educação física?

Entrevistado: Acho que se interessam pela atividade física, porque os alunos estão cansados... Cansados de passar o dia sentados, só a absorver matéria.... Então quando têm a oportunidade de fazer atividade física, é algo diferente da rotina...

Entrevistador: Certo... E como acha que o programa de educação física deve ser integrado no contexto?

Entrevistado: Ora bem.... É assim... O horário é um bocado... Por exemplo, eu este ano tive que adaptar o meu horário, porque eles este ano tiveram natação.... Tiveram um semestre de natação... Eu tive que adaptar o horário da disciplina à natação... Portanto... Esse horário... No resto do ano, o horário é fixo, é uma vez por semana, normalmente.... Este ano foi assim... Às vezes eu reparto por dois dias... Este ano resolvi fazer assim, por causa, exatamente, da natação.... Tive que adaptar, então depois resolvemos que ficava assim todo o ano e eu.... Pronto.... Resolvi que ficava assim todo o ano... Porque eu normalmente faço dois blocos, digamos assim...

Entrevistador: De quanto tempo, professora?

Entrevistado: 45...

Entrevistador: Portanto, duas vezes por semana, 45 minutos.

Entrevistado: É, é... Este ano é que não... Este ano faço um bloco.... Fiz só um bloco... Essencialmente por causa da natação e depois resolvi deixar ficar...

Entrevistador: A natação também era 45 minutos?

Entrevistado: Sim, a aula em si era 45 minutos.... Claro que depois demora sempre mais tempo... O ir, a troca de roupa, o tomar banho... Essas coisas todas...E pronto, e é isso...

Entrevistador: Obrigada, professora. E, de uma forma geral, considera que o programa se adequa?

Entrevistado: Ora bem... Eu acho que sim.... Embora aja ali alguns blocos que eu acho que não fazem tanto sentido e reconheço que eu própria não tenho... Não tenho...

Entrevistador: O à-vontade para...

Entrevistado: O à-vontade, exatamente.... Estava-me a faltar a palavra... Não tenho... Não é conhecimento... Mas não tenho a devida... Por exemplo, a patinagem.... É um deles... Um exemplo... Agora o programa, no geral, sim, abrange todas as vertentes do desenvolvimento físico.... Pronto... Depois também há as condições nas escolas, que nem sempre são as mais adequadas... Nem sempre temos o material todo... Por acaso aqui não é das piores escolas, mas já passei por escolas onde não havia... Não havia um ginásio... Não havia material... E por aí adiante.... Então, eu tinha de inventar ali um bocado...

Entrevistador: Adaptar, exato... E de que forma é que adaptava, professora, se quiser dizer, claro?

Entrevistado: Ora bem.... Tentava adaptar as atividades àquilo que havia nas escolas...

Entrevistador: Certo, muito obrigada. Mas, por exemplo, esse bloco de patinagem, acha então que não faz sentido aparecer no programa?

Entrevistado: Eu para mim, tirava-o, porque não faz muito sentido...

Entrevistador: Porque acha que não faz muito sentido?

Entrevistado: Porque acho que esse tipo de atividade é daquelas que os meninos se gostam fazem fora... Eu sei que isto pode parecer um bocado.... Enquanto, por exemplo, a natação, eu acho essencial e acho muito bom, muito bom mesmo que eles tenham integrado no programa... A patinagem... Ó pá... Se calhar sou eu... Mas.... Acho assim um bocado... Uma coisa mais supérflua, digamos assim... E acho que nós não temos as devidas *skills* para lhes dar as aulas de patinagem... Eu, pelo menos, não tenho...

Entrevistador: Exato. Eu falo por mim também... Também não tenho conhecimentos sobre patinagem.

Entrevistado: Pois, exatamente...

Entrevistador: Mesmo um exemplo, a minha prima, tem aulas num colégio privado, e aí sim, eles têm aulas de patinagem, mas são com professores especializados na área...

Entrevistado: E faz sentido... Porque estar a pôr ali os meninos em cima dos patins e estar sempre aflita a pensar que eles ainda vão cair... E eu não sei como é que lhes hei de... Não sei...

Entrevistador: Exato. Obrigada, professora. Então seria por aí que não acha o programa tão adequado?

Entrevistado: Sim, sim, sim.

Entrevistador: E porque acha que a natação é tão importante para as crianças, como tem vindo a referir?

Entrevistado: Porque é uma atividade muito completa, que engloba muita coisa, não só a parte física, mas também a concentração e a parte da respiração e tudo o mais...

Entrevistador: Ok, professora. E se por exemplo também existisse esta coadjuvação para as aulas de patinagem, como para as aulas de natação, acha que faria sentido?

Entrevistado: Sim, sim.... Acabaria por fazer mais sentido.... Até porque, lá está, as aulas de natação também não são dadas por nós, professores titulares de turma....

Entrevistador: Certo, obrigada. E os restantes blocos presentes no programa, acha que permitem atingir as necessidades das crianças?

Entrevistado: Eu acho que sim.... Aí acho que sim.... É um programa aberto, que dá a possibilidade de a gente fazer várias coisas com ele.... Permite uma abordagem flexível às coisas... Não tem de ser exatamente assim... Não é rígido.... Pronto... Agora claro dentro daqueles parâmetros que estão lá definidos e que vão aumentando o grau de dificuldade, ao longo dos anos.... Pronto... Isso também permite ir adequando à faixa etária das crianças e ao próprio desenvolvimento delas... Nós não podemos exigir o mesmo tipo de corrida de um, a todos.... Pronto... Já sabemos que há meninos... Que é como em tudo.... Há meninos que têm mais facilidade, outros que têm mais dificuldade.... Portanto.... O programa permite isso e permite ir ajustando essas dificuldades que a gente vai encontrando....

Entrevistador: Obrigada, professora. E caso pudesse fazer alterações, seria aquilo que já tínhamos falado...

Entrevistado: Já lhe falei, exatamente... Se calhar mudava, tirava mesmo isso da patinagem.... Estou-me agora a lembrar da patinagem porque é assim o que a mim faz-me um bocado de confusão...

Entrevistador: Sim.... E se pudesse colocar outro bloco, tem assim alguma ideia?

Entrevistado: Por exemplo, a natação, ela faz parte, mas nós sabemos que nem todas as escolas têm acesso. E acho que era um das que era essencial todas as escolas terem acesso. Se calhar agora já era um bocado mais complexo e já não tem a ver com o programa em si, mas sim, penso que a natação era essencial que todos os meninos tivessem acesso.

Entrevistador: Obrigada, professora. E como procura integrar a educação física na sua intervenção?

Entrevistado: Pronto, como já lhe disse, faz parte do meu plano de trabalho, todas as semanas nós trabalhamos a educação física, seja de uma maneira, seja de outra, seja com jogos.... Com corridas.... Aprendizagens novas.... Seja com o que for.... Porque é importante para a formação integral da criança.... Eu planifico a aula.... Normalmente acontece no horário previsto.... No entanto, não significa que não surja numa outra situação.... Ou, até

às vezes, quando eles estão mais agitados, uma maneira de eles deitarem um bocado cá pra fora o stress deles... Mas, por norma, está estabilizado no horário, tenho a aula planificada, sei o que faço e tudo o mais.... No entanto.... Às vezes.... E, no primeiro ano, às vezes, é que isso surge mais vezes essa questão do esporádico...

Entrevistador: Como assim, professora? Consegue dar exemplos?

Entrevistado: Nas contagens, os conjuntos, às vezes dá jeito ir lá para fora.... O conjunto das cidades, o conjunto dos rios, o conjunto.... Dá jeito.... Depois salta do rio para a cidade.... Pronto, existir essa interdisciplinaridade.... Eu acho.... E então num primeiro ano.... É muito importante.... Eu acho isso....

Entrevistador: Sim, sim. E que blocos é que a professora costuma abordar mais nas suas aulas?

Entrevistado: Os jogos.... Os jogos é.... O grande bloco, digamos assim.... É aquele que eu abordo mais, sem dúvida.... Depois também faço alguma.... Circuitos também.... Também faço bastantes circuitos.... Pronto.... E depois faço.... Claro que faço sempre um aquecimento, faço o desenvolvimento da atividade e por fim o relaxamento.... Uma coisa para eles relaxarem.... Mas sim.... Os jogos, e eles adoram....

Entrevistador: Porque é que acha que a professora aborda mais esse bloco?

Entrevistado: Porque eu acho que neste ano em que eu estou, estou a falar neste ano em específico, é um ano importante para eles, para jogarem, para terem a noção de equipa, de entreaajuda entre eles, acho que é muito importante começar-lhes também a incutir isso e os jogos para mim são muito bons nessa parte.... Sim, eu acho que sim....

Entrevistador: Obrigada, professora. As suas aulas são dadas em regime de coadjuvação.... Não, pois não.... Já vimos que é só aquela parte da natação....

Entrevistado: Sim, só a parte da natação.

Entrevistador: E porque não, professora?

Entrevistado: Porque no agrupamento é assim que funciona....

Entrevistador: Ok, certo.

Entrevistado: Por acaso, por escola nenhuma onde andei, nunca tive coadjuvação de educação física.... A não ser realmente a natação....

Entrevistador: E acha que se sentiria mais à vontade se houvesse coadjuvação, ou é indiferente?

Entrevistado: Huuummm, não, neste momento não.... Quer dizer.... É assim.... Claro está que, um professor especializado, digamos assim, se calhar tem outras técnicas, tem outras coisas, tem outras novidades até que nós não temos.... No entanto, eu sinto-me à vontade para dar a aula.... Dentro do que eu faço, estou à vontade....

Entrevistador: Certo, professora, obrigada. E o que procura priorizar na planificação das suas aulas?

Entrevistado: A cooperação, o bem-estar deles, aquilo que já temos vindo a falar, a interação entre eles todos.... A concentração, o trabalho de grupo, e concentração, eu acho que ajuda.... E a interação entre eles.... Isso é muito importante para mim.... E depois o gosto....

Entrevistador: Pela atividade física....

Entrevistado: Claro, pela atividade física que eu acho que é essencial.... Mas isso não é difícil.... Pode haver um caso, ou outro que não se empenhe tanto, que não esteja tão disponível, mas, no geral.... Mas sim, essencialmente isso....

Entrevistador: E acha que, por exemplo, quando têm aula de educação física, depois eles ficam mais concentrado quando voltam à sala?

Entrevistado: Sim, sim, sim.... E essencialmente mais felizes.... E eu acho que ajuda muito a depois no desenvolvimento do resto.... Para mim é uma coisa essencial, é que eles estejam bem na escola e que se sintam bem, que gostem de vir para a escola.... Para mim é essencial, eu adoro que os meus miúdos digam que gostam de vir para a escola, e que gostam de estar aqui e isso para mim é essencial e acho que a disciplina também ajuda.... A disciplina de educação física também ajuda e para mim é essencial isso....

Entrevistador: Porque considera que a disciplina de educação física os deixa mais felizes?

Entrevistado: Porque, muitas das vezes, os alunos não têm mais locais onde realizar atividades físicas, então, ter aqui na escola, aquele pequeno tempo, para aprender alguma coisa sobre educação física, é essencial para eles....

Entrevistador: Muito bem, obrigada. E quais as estratégias que utiliza nas aulas?

Entrevistado: Pronto.... Eu não utilizo assim nada de especial.... Eu apresento aquilo que vamos fazer, normalmente apresento-lhes, digo-lhes, explico-lhes.... Pronto, depois fazemos o aquecimento, fazemos.... Desenvolvemos a atividade que temos a desenvolver, o jogo, o circuito, seja o que for, e no final fazemos então um pequeno relaxamento e às vezes até uma pequena reflexão sobre a aula, sobre o que aconteceu na aula.... Sobre o desenvolvimento da aula, sobre se gostaram, o que correu bem, o que correu mal.... Faço isso, não digo que o faça sempre, mas faço, de vez em quando, principalmente quando vejo que pronto.... Alguma coisa ali falhou.... Que correu menos bem, ou assim.... Eu faço esse.... Pronto.... Essa abordagem.... Para eles perceberem o que é que aconteceu.

Entrevistador: Exato, isso é bom também para eles refletirem e terem pensamento crítico...

Entrevistado: Crítico e avaliativo das coisas, sim.... Exatamente...

Entrevistador: E também a estratégia passa por trabalhar em grupos e aquilo que já temos vindo a falar....

Entrevistado: Exatamente.... Exatamente.... Sim, sim.... E é essencial na idade deles, destes, precisamente, é essencial....

Entrevistador: E quais os maiores desafios associados à implementação dos diferentes blocos?

Entrevistado: Pronto.... Como já lhe disse, há aqueles blocos que para mim são mais difíceis, digamos assim.... E que tem alguns que eu mesmo, vou ser sincera, não lhe toco.... Por exemplo, patinagem, não toco e depois há outros que eu trabalho mais se calhar.... Pronto.... Depois às vezes tenho a dificuldade de os meninos.... Principalmente no início, não é.... Mas eles já sabem isso.... Encarar a aula de educação física como uma brincadeira,

às vezes é o que acontece, eles acham que a aula de educação física é uma brincadeira, pronto.... E então, no início, agora já não, eles já sabem que não, mas no início, eles encaram aquilo um bocadinho assim.... Então a gente tem de lhes explicar, tem de lhes fazer ver, tem que lhes explicar os benefícios da aula, explicar que é uma aula como outra qualquer....

Entrevistador: Explicar que também vão ser avaliados....

Entrevistado: Que vão ser avaliados, sim, sim.... Que vão ser avaliados... Porque é uma aula como outra qualquer.... E, se na aula se portam bem, entre aspas, lá fora, ou seja onde for, também têm de o fazer, têm que ouvir as explicações e têm que perceber.... Portanto.... No início até a maior dificuldade é essa.... É eles acharem que a educação física é uma brincadeira... Isto agora é que vai ser (risos).... Mas pronto.... Mas depois.... Esse encarar aquilo como uma brincadeira, também vem da representação que os pais têm da educação física, às vezes também acontece isso.... Pronto.... Por acaso eu nesta turma, no geral, posso ter um caso, ou outro, mas, no geral, não tenho esse problema.... Mas sim, a maior dificuldade, muitas vezes é essa e.... Fazer-lhes sentir que o quão importante é esta disciplina para a saúde, para o desenvolvimento deles.... A educação física, no futuro.... Para o desenvolvimento harmonioso deles e integral... Eu acho que é isso que é essencial e é essa normalmente a dificuldade, porque depois eles acabam por perceber.... E aqui temos, mais ou menos, material, temos ginásio, não temos falta de condições físicas, digamos que não temos.... E, portanto, não vejo assim mais nenhuma dificuldade que se me apresente assim de repente....

Entrevistador: Muito obrigada, professora. Acha que a educação física é ainda vista, não só pelos pais, mas pelas pessoas, no geral, como inferior a outras disciplinas?

Entrevistado: Completamente.... Como estava a dizer anteriormente, muitas das pessoas veem ainda a educação física como uma brincadeira, e não como uma aula onde se aprendem ferramentas para o futuro.... É tão importante quanto o português ou a matemática....

Entrevistador: Muito obrigada, professora. Se tiver mais algum comentário...

Entrevistado: De nada. Não, não.

Entrevista 2 – Participante Leandro (nome fictício)

Dados Demográficos

1. Idade – 51 anos;
2. Género – masculino;
3. Formação – Variante de Educação Visual;
4. Anos de Experiência – 24 anos;
5. Percurso Profissional – Ao longos dos 24 anos de experiência, o professor esteve a trabalhar em 1.º e 2.º ciclos;
6. As aulas de educação física realizam-se quantas vezes por semana? – Realizam-se uma vez por semana, num bloco de 90 minutos.

Entrevistador: Bom dia, professor. Antes de mais agradeço a sua disponibilidade, por estar a fazer esta entrevista para o meu estudo. Peço autorização para gravar.

Entrevistado: Pode ter a minha autorização.

Entrevistador: Obrigada. Então o professor já sabe o objetivo deste estudo que é analisar as perceções dos professores do 1.º ciclo, relativamente ao programa de educação física, especificamente as estratégias que utiliza e quais os desafios associados à implementação dos diferentes blocos.

Entrevistado: Muito bem.

Entrevistador: Na sua perspetiva, como caracteriza o programa de educação física do 1.º ciclo?

Entrevistado: Tendo como referência os blocos e a carga horária atribuída, penso que seja um pouco extenso...

Entrevistador: Acha que o programa é muito extenso em si...

Entrevistado: Sim... Com.... Com os 8 blocos que se apresentam acho um pouco extenso...

Entrevistador: Ok, porque é que acha que é extenso, acha que não consegue, por exemplo, nas suas aulas, não consegue abordar tudo aquilo que está no programa?

Entrevistado: Não, porque estamos limitados aos 90 minutos e considero que, para 8 blocos, considero que sejam poucos minutos...

Entrevistador: Está estipulado dessa forma, não é, os 90 minutos?

Entrevistado: 90 minutos, sim.... Se calhar mais 30 minutos seria o.... O mais adequado...

Entrevistador: Seria o ideal para conseguir explorar melhor o programa...

Entrevistado: Sim...

Entrevistador: E como acha que esta parte da educação física deve ser integrada no programa?

Entrevistado: Deveria ser integrado em coadjuvação.... Com o professor de educação física...

Entrevistador: Ok. Sentir-se-ia mais à vontade?

Entrevistado: Sim, porque não é da minha área e sentir-me-ia muito mais confortável em abordar alguns dos blocos...

Entrevistador: Certo. Quais é que acha que são as suas maiores dificuldades?

Entrevistado: A ginástica...

Entrevistador: Em que partes da ginástica, professor?

Entrevistado: Na parte mais individual.... E nos percursos na natureza que não tenho formação, nem nunca fiz.... Não.... Nunca fiz...

Entrevistador: E o bloco da dança, por exemplo?

Entrevistado: Da dança vamos fazendo.... Vamos fazendo principalmente na.... Nas épocas festivas.... Como no Natal, por exemplo.... Fazemos....

Entrevistador: Exploram esse bloco.... E de que forma, professor? Criando coreografias?

Entrevistado: Sim, sim.... Criando coreografias simples que depois são apresentadas nessas tais épocas festivas...

Entrevistador: Muito bem, obrigada. De uma forma geral, considera o programa adequado? Já vimos que foi já dizendo que não concordava com algumas coisas...

Entrevistado: Foi... Os 90 minutos por semana.... Pode não estar ajustado para os 8 blocos....

Entrevistador: Ok, exatamente.... Acha que não é adequado porque o tempo é muito limitado, não é?

Entrevistado: É...

Entrevistador: Obrigada. Acha que seria preferível aumentar a carga horária da educação física, ou ajustar o programa, de forma a reduzir algumas partes?

Entrevistado: Acho que se, por exemplo, tivesse mais um bloco de 30 minutos de educação física, já seria.... Mais adequado....

Entrevistador: Certo, obrigada, professor. Relativamente aos blocos, acha que os blocos presentes no programa permitem atingir as necessidades das crianças?

Entrevistado: Sim.... É bastante alargado, desde a atividade física individual até ao desporto coletivo e os jogos.... Acho que é abrangente....

Entrevistador: Sim. E como é que acha que esses blocos conseguem atingir as necessidades das crianças? Consegue me dar algum exemplo?

Entrevistado: É assim, nesta fase, as crianças estão a desenvolver várias capacidades motoras.... Acho que os blocos presentes no programa vão ao encontro disso.... Tanto a nível da motricidade fina, no bloco de perícias e manipulações, a questão da lateralidade.... O equilíbrio, no bloco de deslocamentos e equilíbrios.... A postura, a flexibilidade, na parte da ginástica.... E depois a parte dos jogos, que os obriga a trabalhar em equipas e a saber conviver em grupo.... É um programa mesmo abrangente e que permite trabalhar várias necessidades das crianças, nesta fase das suas vidas....

Entrevistador: Muito bem, obrigada. Caso pudesse fazer alterações ao programa, o que mudaria?

Entrevistado: Mudaria, essencialmente, a carga horária...

Entrevistador: Certo, como já temos vindo a falar...

Entrevistado: Sim, porque os 90 minutos poderá ser insuficiente...

Entrevistador: Ok, então, como já tínhamos até falado, o professor aumentaria a carga horária da educação física?

Entrevistado: Sim, pelo menos 30 minutos....

Entrevistador: Ok, muito bem. Então faria alterações só nessa parte da carga horária, porque de resto considera que o programa faz sentido, os blocos presentes, os objetivos...

Entrevistado: Sim, sim...

Entrevistador: Considera então ser importante que se aumente à carga horária da educação física. Considera que esta disciplina é tão importante como as outras?

Entrevistado: Sim, sem dúvida.... É uma disciplina tão importante quanto a matemática, ou o estudo do meio.... Porque os alunos estão também a retirar ensinamentos destas aulas, que irão levar para o seu futuro...

Entrevistador: Acha que todas as pessoas têm essa perspetiva, de que a educação física é tão importante quanto as outras disciplinas?

Entrevistado: Acho que não.... Acho que as pessoas ainda veem a educação física como uma brincadeira...

Entrevistador: Porque acha que é assim, professor?

Entrevistado: Pelas conceções erradas que se vão criando.... Pelo tempo reduzido que se dá às áreas de expressões.... Tudo isto faz com que se pareça que as disciplinas de expressões são menos importantes que as outras... Quando na verdade nós sabemos que não é assim....

Entrevistador: Como acha que poderemos alterar isso?

Entrevistado: Se os programas mudassem.... Mas isso não depende de nós, mas sim do governo.... Se os programas mudassem, conseqüentemente, alterar-se-ia o papel do professor, poderiam ser explorados os conteúdos de outra forma...

Entrevistador: Certo, obrigada, professor. Como é que o professor procura integrar a educação física nas suas aulas?

Entrevistado: Olhe... Eu cumpro com a carga horária atribuída e tenho como referência, uma vez que não sou da área da educação física, tenho como referência os exercícios, os jogos que surgem na prova de aferição.... Procuro as provas que já foram realizadas e vou imitando alguns desses jogos e alguns desses exercícios...

Entrevistador: Ok, muito bem. E que blocos é que explora mais?

Entrevistado: Perícias e manipulações, o deslocamentos e equilíbrios.... Nem tanto a ginástica, porque tenho algum receio dos.... Rolamentos.... Os jogos.... A patinagem, infelizmente, não temos patins.... As atividades rítmicas e expressivas também fazemos.... Percursos na natureza não fazemos.... E temos a vantagem da natação ser através da Câmara Municipal, que vamos ali à piscina municipal...

Entrevistador: Certo, sim. E acha que aqui a escola está preparada em termos de materiais e os espaços...

Entrevistado: Temos ginásio, temos algum material.... Faltam-nos os patins....

Entrevistador: Ok, acha que só nisso é que falha...

Entrevistado: Sim, para abordar o bloco 5 da patinagem, fazia-nos falta os patins...

Entrevistador: E acha que se sentiria à vontade para explorar esse bloco?

Entrevistado: Sim, sim.... Uma vez que aqui em Viana temos muito a tradição do hóquei em patins...

Entrevistador: Sim, sim...

Entrevistado: E mesmo em Portugal...

Entrevistador: Sim, exato.... E acha que os alunos iriam gostar?

Entrevistado: Os rapazes sim, porque temos, nas camadas jovens, há dois clubes aqui em Viana e um clube na 1.ª divisão...

Entrevistador: Ok. E as raparigas?

Entrevistado: As raparigas aí seria mais a patinagem artística.... Penso eu.... Embora nos clubes aqui em Viana já haja meninas a praticar o hóquei em patins...

Entrevistador: Boa. Relativamente à coadjuvação, já vimos que as suas aulas não são dadas neste regime.... Só aquela parte da natação...

Entrevistado: Sim, só a natação que é dada pelos técnicos da Câmara...

Entrevistador: Exato. Que também é uma vez por semana que eles têm...

Entrevistado: Apenas 45 minutos.... Mas com o tempo que demora, deslocações, vestir, despir, banho e isso, acaba por ocupar praticamente a manhã inteira...

Entrevistador: Sim, certo. Mas a aula em si são apenas 45 minutos....

Entrevistado: Sim, certo.... 45 minutos...

Entrevistador: As aulas não funcionam em regime de coadjuvação porque não estão estipuladas dessa forma, certo?

Entrevistado: Sim, certo.

Entrevistador: E o que procura priorizar nas suas aulas de educação física?

Entrevistado: Como já lhe tinha dito anteriormente, a preparação para as provas de aferição, principalmente aos alunos do 2.º ano, é por aí que me oriento, pelas provas...

Entrevistador: Ok, vai vendo pelas provas aquilo que pode dar nas aulas...

Entrevistado: Exatamente...

Entrevistador: Ok. Tem a ver com o bloco de deslocamentos e equilíbrios, perícias e manipulações....

Entrevistado: Sim...

Entrevistador: Jogos não costuma realizar?

Entrevistado: Fazemos.... Fazemos.... Tanto no ginásio, como no exterior...

Entrevistador: Qual a preferência dos alunos, normalmente, fazer aula no ginásio, ou no exterior?

Entrevistado: No exterior, sim...

Entrevistador: E qual a preferência do professor?

Entrevistado: Depende do jogo que queira fazer.... Mas acho importante ir para o exterior, porque os meninos já passam muito tempo fechados....

Entrevistador: Certo, muito bem, obrigada. E quais as estratégias que utiliza nas suas aulas?

Entrevistado: Tento variar o mais possível, dentro das minhas limitações, mas confesso que nunca saí da escola para realizar o bloco 7, dos percursos na natureza.... Nem tenho formação para isso...

Entrevistador: Mas não acha que conseguiria realizar aqui na escola, no exterior, um percurso?

Entrevistado: Não sei.... Teria que ver melhor...

Entrevistador: Nós por exemplo chegamos a falar sobre os percursos na natureza, nas nossas aulas, e que podem ser feitos no exterior, no recinto escolar, no espaço do recreio....

Até pensamos fazer aqui, com o primeiro ano, durante o tempo que estivemos aqui a estagiar, mas achamos que para alunos tão pequenos ainda necessitariam de muitas indicações por parte do professor...

Entrevistado: Nunca tentei, confesso.... Mas faz sentido, pode ser feito no recinto escolar...

Entrevistador: Sim, usar o que a natureza nos dá, as árvores, a terra, pedras.... E ter estações com diferentes desafios e pistas...

Entrevistado: Sim, exato.... É algo a pensar...

Entrevistador: E quais os maiores desafios associados à implementação dos diferentes blocos?

Entrevistado: É assim.... Como não tenho formação necessária para aplicar ou abordar alguns dos blocos.... Alguma falta de material, como já lhe disse, para dar o exemplo, os patins.... Limita-me um bocadinho.... E algum receio também, daquela parte mais individual da ginástica...

Entrevistador: Sim, certo.... Muito obrigada. Como acha que poderia colmatar essas limitações, professor?

Entrevistado: Poderia fazer formações na área....

Entrevistador: Obrigada, professor. Só mais uma questão, acha que agora, com a pandemia, acha que houve alguma alteração ao nível motor das crianças?

Entrevistado: Houve e notou-se muito na parte da perícia e manipulação.... Muito com o manusear da raquete e da bola.... Do agarrar, do lançar.... Senti muita dificuldade.... Sim, sim....

Entrevistador: Nós também exploramos esse bloco, com os alunos do 1.º ano, agora no estágio e também notamos isso.... Que na parte de agarrar.... De tentar encestar a bola....

Entrevistado: Muita falta de destreza no manusear dos objetos....

Entrevistador: Sim, exatamente. Nós também notamos isso.... Porque é que acha que isto aconteceu?

Entrevistado: Ora bem.... Como as crianças estiveram em confinamento.... Muitas delas passavam o dia em frente aos ecrãs, sem controlo parental e sem alguém que lhes desse regras e disciplina.... Acabaram por ficar um pouco sedentárias.... Fechadas em casa, sem aulas de educação física.... Só veio prejudicar....

Entrevistador: Certo, muito obrigada, professor. E acha que o seu papel enquanto professor de educação física, no início da carreira, para agora, acha que houve alteração?

Entrevistado: Sinto-me mais confortável.... De início não, porque sou professor do 1.º ciclo apenas há 6 anos.... Estava no 2.º ciclo e mudei de.... De.... Grupo... Por questões pessoais...

Entrevistador: Certo, muito obrigada, professor. Não sei se tem mais algum comentário?

Entrevistado: De nada.... Não.

Entrevistador: Pronto, muito obrigada, professor.

Entrevista 3 – Participante Flávia (nome fictício)

Dados Demográficos

1. Idade – 58 anos;
2. Género – feminino;
3. Formação – Bacharelato + complemento de expressões;
4. Anos de Experiência – 36 anos;
5. Percurso Profissional – Ao longos dos 36 anos de experiência, a professora esteve sempre a dar aulas, tendo entrado no quadro, no primeiro ano de trabalho;
6. As aulas de educação física realizam-se quantas vezes por semana? – Realizam-se uma vez por semana, num bloco de 45 minutos.

Entrevistador: Boa tarde, professora. Obrigada por ter aceitado participar neste estudo. Peço autorização para gravar a entrevista.

Entrevistado: Sim, não há problema.

Entrevistador: Obrigada. Então este estudo está relacionado com as perceções que os professores têm do programa de educação física do 1.º ciclo, e também para saber as estratégias que utilizam e quais as maiores dificuldades na abordagem aos diferentes blocos. Então a primeira questão, na sua perspetiva, como é que caracteriza o programa de educação física do 1.º ciclo?

Entrevistado: Está extremamente extenso, inadequado.... Inadequado ao nosso país, às condições físicas das escolas, complementarmente desadequado.... Porque.... Ainda é quase rara a escola que tem ginásio. É uma raridade mesmo. E mesmo tendo ginásio, não estão apetrechados com todos os.... Com todos os materiais.... Por exemplo, nós temos um ginásio que tem espaço, mas.... Não é adequado.... Ainda lhe faltava muita mais coisa para ser realmente apropriado para o exercício físico.... Isso é uma questão.... Outra questão é, nós não temos formação, a maior parte dos professores do 1.º ciclo não tem formação específica na educação física e não sabem como.... Como responder à exigência do programa.... Os conteúdos são tão elaborados, tão específicos e tão extensos que é impossível nós sabermos trabalhar aqueles conteúdos e termos tempo, que isso é outra questão.... Falta de tempo no horário, portanto, há a questão do edifício, que não estão apetrechados, das infraestruturas.... Há a questão da formação dos docentes.... E há a questão do tempo no horário, que não é, de maneira nenhuma suficiente para fazer a abordagem de todos aqueles conteúdos, nem pensar.... Eu por acaso gosto de educação física e como.... Eu fiquei mais sensível, digamos.... Desde que comecei a ter os colegas de educação física, como pares pedagógicos, que a gente fazia uma parceria.... Eles davam aulas à minha turma, ou dávamos em conjunto às duas....

Entrevistador: Isso foi aqui nesta escola?

Entrevistado: Sim, aqui nesta escola.... Eu tive um.... Já antes eu também tive uma parceria.... Não foi uma parceria.... Foi um projeto do agrupamento que muitos têm, dos professores do 2.º ciclo virem dar as aulas.... Ou do 2.º ou 3.º ciclo, virem dar as aulas.... Eu aí já vi como poderia abordar certas.... Certos conteúdos.... Certos blocos.... Inclusive a professora foi simpatiquíssima, que me arranjou um livro com aulas todas preparadas e com muitos jogos e com muitas atividades e eu isso.... Já foi um abre olhos, foi uma ajuda preciosa, que antes era corridinhas, saltinhos, percursos e estafetas.... As estafetas também é sempre um bocado o que nós fazemos.... E é dentro dessa perspetiva.... Quando eu tive essas abordagens diferentes, eu já tive outra sensibilidade para a ginástica em si, até para os próprios jogos, que por exemplo.... Essa professora tal.... De há 2 anos.... Ela tinha jogos giríssimos, e nesse livro também tinha.... Pronto.... Aí eu mudei um bocadinho a minha prática, mas não tenho tempo.... Mesmo assim não tenho tempo.... Depois nesta escola

tive duas professoras de educação física que num caso eu ia dar aulas à turma dela e ela ia dar aulas à minha de educação física.... Este grupo está mais preparado que nenhum.... Porque eu tive o primeiro ano e o segundo ano o professor Mário.... Não.... O primeiro ano o professor Mário, que era de educação física, eu dava aulas junto com ele, dávamos às duas turmas e eu aprendi coisas e.... E.... Ele trabalhou....

Entrevistador: Era um professor especializado na área?

Entrevistado: Sim, especializado.... Ele trabalhou os meus alunos da base, digamos, não é.... Já iam com outra preparação.... Depois.... O facto de termos a Manuela Machado também ajuda.... Depois.... No segundo ano foi quando eu recorri à professora Catarina para dar as aulas à minha turma.... No terceiro ano entramos em confinamento, eu tive de começar a dar as minhas aulinhas quando vim para a escola.... E aí eu preocupei-me sobretudo.... Como os alunos estavam mais ou menos bem trabalhados.... Eu continuei a trabalhar a ginástica.... O bloco da ginástica.... Então eles têm bastante flexibilidade, estão com bastante apetência para alguns exercícios.... Mas eu ao analisar o programa, mesmo assim, acho que eles estão distantes... Porque há certos exercícios que eu nem sei como.... Como.... Como os orientar e.... E.... E depois.... E patinagem.... Nem sei patinar.... E outras coisas tais.... Portanto, não é muito viável aquele programa.... É muito bonito, ao olhar para ali pensamos que parece que Portugal é um país de topo a nível da educação.... Quando não é a realidade.... A realidade é que fazemos o que podemos.... Há muitos bons profissionais, damos de tudo o que podemos, do nosso corpo e do nosso tempo, mas há muita falta de muita coisa, em Portugal.... E há muita falta de investimento na educação.... Vejamos as escolas que há por aí....

Entrevistador: A professora acha que por exemplo se alterassem um pouco o programa de educação física.... Se não fosse tão minucioso...

Entrevistado: Claro.... Eles têm que.... Sabes, os programas são feitos por burocratas e ponto.... Todos os programas estão extensíssimos para o 1.º ciclo.... Todos.... E não há tempo para cumprir aqueles conteúdos, se há tempo é tudo a correr e.... E, por exemplo, eu já te estive a dizer que gosto tanto de projetos.... Gosto tanto de envolver os alunos em projetos.... Ó pá, depois eu sei que eles desenvolvem imensas competências nestes

projetos, só que não desenvolvem competências específicas, que constam nos programas curriculares, em todas as áreas e nós temos de tirar tempo para trabalhar esses conteúdos e é desumano.... É humanamente impossível.... E tal como todos, educação física é um abuso, sobretudo na redução de horário.... Agora só temos 1 hora.... Nem sequer.... Se formos a dividir pelas cinco áreas que são de expressões, dá 3 a dividir por 5, que dá poucos mais de meia hora, dá nem 45 minutos.... E a sério.... Isto.... As pessoas.... Enquanto nós continuarmos a ter pessoas que não estão no terreno a escrever e a programar todos os documentos que nos regem, nós vamos ter sempre graves problemas.... O programa sim é muito interessante

Entrevistador: Por muito que nós queiramos mudar, por muito que queiramos fazer e trabalhar por projetos, fazer coisas diferentes....

Entrevistado: É impossível....

Entrevistador: Vamos sempre ter essa dificuldade, porque nós temos de dar os conteúdos, não é...

Entrevistado: É.... E o.... O futuro passa por a educação do 1.º ciclo não ser propriamente monodocência, porque.... Sobretudo na educação física e na expressão plástica.... Ter um professor especializado na área tem outros.... Tem outros.... Faz toda a diferença.... Eu aprendi imenso com o par pedagógico também de expressão plástica.... Aprendi imenso com a professora Liliana.... Ela mudou quase a minha postura em relação às expressões e portanto.... Todos eles nos têm muito a ensinar.... Se calhar.... Esta formação também generalizada fica muito pela rama.... Fica muito pela rama.... Porque a gente não consegue.... Não consegue apropriar-se de todas as coisas específicas, das técnicas, etc.... Mas pronto, do mal o menos, a gente até se desenrasca bem na maioria das coisas.... Agora, a educação física é premente mesmo ter um professor especializado.... Portanto.... Que faça a gestão dos horários, de maneira a que sejam os professores movimentados... Para.... Às vezes estão aí em projetinhos, ou coisas de sei lá.... Que até nem tem importância de maior.... Que.... Eu também.... Porque.... Os agrupamentos não tomam medidas para movimentar esses professores para o 1.º ciclo.... A única experiência que tive.... Olha, tive em Freixo.... Em Freixo havia um projeto que o 4.º ano ia.... Foi aí que eu aprendi os jogos

e assim.... Não, não era o 4.º ano.... Quando estive mesmo em Freixo.... Que nós tínhamos a escola do 2.º e 3.º ciclos pegada à nossa e eles faziam coadjuvação, mas quando estive em Vitorino, que pertencia a Freixo, mas que era a 8... 6 km. de distância, os professores já não se movimentaram à escola, lá está.... Já não se quiseram movimentar à escola e eu tive essa sorte, tive mesmo a escola certa e então.... Isto o que é que quer dizer... Que há professores e alunos de 1.ª e há professores e alunos de 2.ª.... Não pode ser.... Portugal tem de ser homogéneo, tem que ser.... Fazer de forma.... Equitativamente.... Todas as medidas e atitudes, e que seja igual para toda a gente.... Enquanto existir esta desigualdade, nós vamos ter uma educação nas cidades, outra educação nas aldeias mais remotas.... E vai haver sempre este fosso....

Entrevistador: E a professora já esteve a trabalhar em escolas, que por exemplo, tivesse falta de materiais?

Entrevistado: Ui, muito.... Nós o nosso princípio de carreira e não só....

Entrevistador: E o que fazia nessas situações? Tentava adaptar atividades?

Entrevistado: Sabes lá.... Nós chegamos a ir para aldeias que não havia nada... Nada, nada.... Nem um recreio havia.... Havia um recreio com fracas condições.... Nós passamos por essas situações todas.... Por ter situações de quatro anos de escolaridade.... Nós vivemos isso tudo.... Só que agora, felizmente isso não acontece por causa da.... Dos agrupamentos.... A concentração das turmas num núcleo veio de certa maneira acabar com a situação pelo menos de.... Mais que um ano não digo, que há turmas que têm dois, mas pelo menos ter três e quatro anos de escolaridade, isso praticamente diluiu-se, desapareceu, mas.... Educação física era uma coisa inconcebível, nem tínhamos um espaço para fazer, não havia um espaço fechado.... Nem havia material.... Eu lembra-me de ir para as terrinhas isoladas, não havia material, nem nada disso.... Por exemplo, eu estive em Vitorino que a escola era XPTO, imenso material e imensas coisas, mas fizeram um ginásio baixíssimo, com o teto baixo, com candeeiros dependurados.... E a gente pensava como é que a gente vai jogar, fazer aqui um jogo de bola.... Voleibol e etc.... Embora o espaço era jeitosinho, era bonito, era novo, tinha material, mas lá está, feito por pessoas que não pensam.... Não pensam.... Não pensam, não sabem, não estão apropriadas da.... Da realidade e também não tiram

um bocadinho da cabeça porque eles foram alunos.... Vamos jogar à bola.... Quer dizer a gente podia fazer jogos de bola.... “Não podemos fazer jogos de bola por cima, tem de ser só bolas rasteiras” É disparatado.... E.... Mas mesmo assim não havia muito material, havia algum.... Eu a escola que vi mais material de educação física, foi mesmo esta.... Tem.... Tem os bancos suecos, tem bastante material, tem um gabinete cheio de material.... Nunca vi em nenhuma outra escola de 1.º ciclo.... Também as outras também não sei, mas nunca vi.... Tive este material em Freixo, porque lá está era tudo contíguo....

Entrevistador: E o que é que a professora faz se não existir material?

Entrevistado: O que é que fazemos?! Fazemos na rua, fazemos uns joguinhos.... Mesmo que haja o recreio, não é.... Só que é cimento.... À partida, há sempre o risco de eles se magoarem, mas a gente faz as corridas, faz jogos de bola, jogos de corda, estafetas, estações.... Isso tudo é possível fazer no recreio aberto e é o que normalmente nós fazemos.... Eu acho que é o que os professores fazem.... Até o salto, podemos fazer o salto em comprimento e assim.... Todavia com um bocadinho de risco, mas fazemos.... Salto em comprimento isso faz-se.... Mas não trabalhamos os blocos como estão no programa.... Nem pensar.... Não é possível.... As cambalhotas, só com colchões e etc... E mesmo nós.... Mesmo a patinagem.... A patinagem exige algum risco, algum perigo, para quem não sabe ensinar... E bicicleta também.... Também exige é um bocado difícil.... Não é tão difícil.... Mas tu estás a ensinar dois ou três meninos a ensinar a andar de bicicleta e os outros?... E os outros?... E mesmo patinagem.... Tu vais ensinar um ou dois meninos a patinar, nós somos um único.... Os outros estão a olhar para o balão, em fila, à espera a aula toda?!.... É que nós temos de fazer sempre, programar a aula de maneira a que façamos jogos, em que todos estejam em movimento.... Não pode haver um grupo a olhar para o balão porque eles desinteressam-se e começam a dispersar e a portar-se mal....

Entrevistador: O que se pode fazer nestas situações é tentar arranjar diferentes áreas....

Entrevistado: Pois, é por isso que nós recorremos às estações.... As estações ou então.... O que é que normalmente a gente usa muito.... É os jogos coletivos.... Porque estão todos em movimento e estão todos envolvidos.... No ginásio é o que eu faço... Isso implica também os jogos de corrida, etc. também são coletivos.... Agora, no ginásio, como nós temos ginásio

aí eu trabalho a ginástica e este ano trabalhei bastante a ginástica e trabalhei já o ano passado um bocadinho.... Eu tenho orgulho que os meus alunos cheguem ao 2.º ciclo e que vão.... Minimamente preparados.... Mas sei que muitas colegas nem estão.... Nem.... Nem.... Nem estão motivadas para isso....

Entrevistador: Eu também, da minha experiência pessoal do 1.º ciclo, não me lembro de ter tido ginástica, e depois chegar ao 2.º ciclo e ter de fazer rolamento à frente, rolamento à retaguarda, é sempre uma dificuldade.... Se começar nestas idades, acaba por ser mais fácil depois, porque as bases já estão criadas....

Entrevistado: Pois.... Já foi uma grande mudança e.... E uma grande mais-valia termos a natação.... De ser dada por profissionais, foi uma mais-valia que já existe.... Já existe aqui em Viana desde o tempo dos meus filhos.... Já existe há muito, muito tempo.... Isso veio de certa maneira aliviar um bocado o professor do 1.º ciclo.... E veio até enriquecer os alunos a nível motor, porque eles na natação desenvolvem muitas competências física motoras.... Já foi um avanço.... Mas que já foi já foi estipulado há.... Há.... Há décadas.... O meu filho já tem 30 anos.... E não se fez grande coisa a partir daí, fez-se muito mais?!.... Não se fez, no terreno o que é que se fez de.... De profundamente.... Que provocou mudança?! Que foi radical?!.... Nada.... Quase nada.... A não ser agora estas novas orientações de alguns agrupamentos como te disse de fazer a deslocação de professores, mas enquanto eles não começarem a investir em ginásios e material, também pouco resulta....

Entrevistador: E mesmo na parte da formação dos professores....

Entrevistado: Sim, sim, sim.... Começa.... Eles agora também deixaram de ter a formação muito específica, não é?! Vocês tiveram uma formação global? Há professores de educação física mesmo?

Entrevistador: Sim, sim.

Entrevistado: Portanto, são.... São.... Só.... A sua formação é essencialmente canalizada para essa área?

Entrevistador: Sim, exatamente.

Entrevistado: E são esses que a gente tem que rentabilizar... Que rentabilizar no 1.º ciclo, porque as pessoas esquecem-se do primeiro ciclo.... Não digo as pessoas.... Digo os nossos governantes, não vêm que o 1.º ciclo é a base, é a base de tudo.... De tudo.... É a base de tudo

Entrevistador: E não é só matemática ou o português....

Entrevistado: Pois é porque as pessoas continuam a pensar que a matemática e o português são as nucleares a as outras que.... Que não são tão....

Entrevistador: Agora vemos miúdos que estão no básico e nem sequer sabem saltar à corda, por exemplo...

Entrevistado: Mas tu vais ver o nosso currículo, o nosso programa curricular em todas as áreas, é qualquer coisa de extraordinário em todas as áreas, aquilo enche o olho.... Enche o olho...

Entrevistador: Depois vamos a ver na prática e não é nada assim...

Entrevistado: A gente tenta fazer o melhor, e fazemos, só que é muito desgastante para o professor do 1.º ciclo, é muito stressante.... É para os pais até.... E para os próprios miúdos.... Os meus miúdos estão estourados agora.... Estão estourados.... Porque.... É muito exigência.... Eu lembro-me perfeitamente antigamente não tinha os recursos pedagógicos.... Não é pedagógicos.... Os recursos de material que agora tenho, mas.... Em termos de pedagogias eu até conseguia ser bem mais criativa, sabes porquê?! Porque os programas eram muito mais pequenos.... E eu fazia imensas coisas, eu lembro-me de uma escola isolada que eu só tinha 7 alunos, mas eu.... Era uma escola enorme, que eu tinha uma sala enorme, uma escola pequenina, mas era só uma sala enorme e certamente no passado teve 20 alunos, ou qualquer coisa, e eu fiz daquela sala uma coisa giríssima que era os cantinhos, eu tinha cantinho da matemática, eu tinha um cantinho da leitura, eu tinha o cantinho da pintura, lembro-me da pintura que era super engraçado, que eu tinha só balcão grande, na entrada da sala, que era um género de um corredor largo, tinha aventalinhos dependurados, tinha os frasquinhos de vidro aqueles de compota, com tintas feitas, que eu tinha me formado há pouco tempo.... E fechadas, e fechadas que não tinha

tampas, com papel enrolado, como a minha professora na ESE me ensinou.... As tintas todas prontinhas, porque nós tínhamos pigmento, tinham que estar prontas.... Então eu punha as tintas prontas, a caixinha para os pincéis lavados, o frasco de água para lavar os pincéis, a água.... 2 ou 3 frascos com água para eles usarem.... Tinha tudo montado, sempre.... Porque eles acabavam uma atividade percebes.... Eu tinha 3 anos.... Naquela altura tinha 3... Não havia 1... E por exemplo, ele acabava uma ficha e eu não podia estar logo com ele, porque eu estava a dar com o 4.º ano, então eu dizia, olha vai para o cantinho da pintura, ele ia sozinho e pintava, tinha folhas cortadas, eu tinha folhas de papel de cenário que cortei, tinha folhas cortadas e eles faziam o que queriam, percebes....

Entrevistador: Até porque muitos dos alunos acabam mais rápido....

Entrevistado: Eles estavam ali um quarto de hora, não estavam ali a hora toda, imagina estavam um quarto de hora, faziam qualquer coisa e depois eu mudava de área e eles tinham que voltar, mas aquilo é tudo a mesma sala, sabias que eles adoravam o canto da matemática, eu tinha.... Eu pus.... Peguei em muito material de matemática, tipo quizzner e depois eles iam fazer coisas com a matemática e estavam ali os 2 ou 3 a fazer, até tinha fichinhas.... Tinha, por exemplo, fichinhas cortadas.... Imagina, contas.... No 1.º ano eles tinham muitas contas, depois tinham de fazer um quizzner e eles punham as contas a fazer e faziam sozinhos.... Eu fiz isso.... Foi uma ideia que eu tive e que foi giríssima e.... E os miúdos estavam super felizes, estavam sempre em dinâmica.... Por exemplo, em Coura depois, não usei essa, depois em Coura usei.... Punha.... Eramos só cinco.... Sim.... Esses tinha quase um de cada ano.... Eu punha um grupinho à minha volta e começávamos a aula sempre em conjunto, sempre um conjunto percebes, partia de uma história e depois começava a falar com todos eles e depois por exemplo eu dava a letra “A”, então dizia “nesta palavra qual é” “Uma palavra que está na história, outra, outra, outra” Então o primeiro ano.... Então eu mostrava.... Imagina, escrevíamos a palavra numa folha, que letras é que conheces, que sílabas é que encontras, fazia assim, no princípio, uma coisa gira, prai meia hora, trabalhar a história, depois de contar a primeira.... Depois divergia daquela história, divergia sempre depois para o que queria dar, e também funcionou muito giro.... Eu lembro-me que.... Que aqueles miúdos não tinham.... Não sabiam brincar sozinhos.... Eram 5, e eu ia com eles no recreio para o coberto.... Que nós lá em Coura havia

o jogo tradicional, que era tipo bowling, tipo bowling, mas de madeira.... Era bolas de madeira e mecos de madeira.... E a gente atirava as bolas e cada meco que atirasse ao chão valia pontos, e então eu fiz uma tabela em computador, com o meu nome e com o deles, e tínhamos de colocar no coberto.... E depois eu jogava, eles jogavam, eu jogava.... Os nossos jogos era desses sempre, quase sempre isso.... E pronto, só para veres que antigamente não tínhamos quase nada, mas o que a gente tinha era que tentar era trabalhar, arranjar estratégias e motivar os miúdos com que tínhamos, porque às vezes não havia grande coisa, mas a gente tentava motivar com o que tinha.... Isto já foi um acréscimo, que não tem nada a ver com a educação física, fica para ti, cortas....

Entrevistador: Não se preocupe, obrigada pela partilha! E acha que agora com o covid, com o confinamento, acha que houve diferenças a nível motor?

Entrevistado: Claro, olha, eles nunca mais fizeram educação física.... Eu marcava aulas sempre, na planificação, e dizia como fazer, alguns faziam, alguns mandavam um vídeo, mas.... Mas pronto....

Entrevistador: E quando voltaram à escola, notou diferenças?

Entrevistado: Como te digo, os meus alunos até estão muito bem a nível de motor.... Estão.... Estão bastante bem, há sempre aquelas exceções.... Mas eles até estão jeitosinhos, mas certamente que isso ainda piorou, que não vem acrescentar, vem dificultar ainda mais.... Porque os pais não faziam educação física em casa.... Ainda para mais os miúdos vivem nas cidades, vivem na cidade, em apartamentos, não têm espaço, acabou-se aquela filosofia que havia no passado, os miúdos brincarem uns com os outros, na rua, ou no largo, ou no parque perto.... Os pais têm imenso medo com a.... Com a conjuntura atual que existe na sociedade que é muito mais perigosa, têm medo que os miúdos sejam roubados, sejam raptados, sejam.... Ou sejam abordados.... E por isso os miúdos nunca vão brincar sozinhos.... Isso limita.... E os pais não têm tempo de os levar ao parque.... Os miúdos estão muito.... Eles devem estar.... Eles vão ficar.... Se a escola não dá resposta, eles ficam analfabetamente.... Ficam uns analfabetos motores....

Entrevistador: Era isso que eu ia dizer, se não fosse na escola, eles, se calhar, nem sequer tinham atividade de educação física...

Entrevistado: Pois não.... E é isso que temos de pensar, temos que investir mesmo... Porque há o risco deles ficarem atrofiados.... Olha existem graves problemas, esse é um problema e mais o facto de existirem os digitais.... Todos os equipamentos multimédia.... É o que eles querem.... É brincar e jogos e aquilo atrofia a parte motora e não sei se não atrofia a parte intelectual também.... Não sei que cidadãos serão no futuro....

Entrevistador: Mesmo agora durante as férias, que miúdos é que vão praticar educação física.... Poucos....

Entrevistado: Alguns pais já têm sensibilidade de colocar os filhos em atividades extracurriculares.... E o que nos veio salvar também foi as AEC`s.... Que as AEC`s se forem bem orientadas, se não for só para.... Para tomar conta de meninos como no.... No princípio das AEC`s era muito.... Se elas forem bem orientadas os meninos ficam trabalhados.... Ficam mais trabalhados, quer a nível motor, quer a nível das expressões.... Foi uma mais-valia.... Porque pronto.... Isto veio até colmatar um bocadinho a lacuna do que eu estava a dizer anteriormente, a falta de tempo no horário curricular.... Agora.... É o que eu te digo, há pais que têm os meninos sempre em áreas extracurriculares, que também não é muito bom, eu tenho alunos que têm imensa dificuldade.... Imensa dificuldade em fazer deveres, em estudar, porque não têm tempo.... Não têm tempo.... Então temos uma sociedade.... Em que pais não têm tempo, avós já não têm tempo, os miúdos já não têm tempo.... Isso.... E há cada vez mais exigência e é este contrassenso.... Não sei, é o que temos.... Pressão nos miúdos, nos pais, nos professores.... No fundo nós temos uma.... É uma.... Caminhamos para o futuro e para a evolução.... Não sei até que ponto é o caminho para a felicidade.... Toda a gente se preocupa com o sucesso, com o dinheiro.... Com o desenvolvimento.... Até que ponto é que nós somos mais felizes.... Eu era muito mais feliz quando era criança de certeza do que estes miúdos.... Não sei....

Entrevistador: Se calhar já não têm tanta ligação aos pais e à família.... Não é.... Saem daqui, vão para atividades.... Se calhar só mais ao fim de semana é que aproveitam e mesmo assim....

Entrevistado: E ao fim de semana vejo muitos pais que estão no café a falar com os amigos, e os miúdos que usem os telemóveis, ou então os pais também, que também é comum....

Mas pronto.... É.... É a evolução.... É o progresso que temos.... Às vezes lembro-me daquelas pessoas que são radicais e hippies de ir viver para a ilha entre aspas não é.... Se calhar.... Não é.... Só que a sociedade não está preparada nem para isso... Essas pessoas são consideradas marginais.... Viver com muito pouco e é assim....

Entrevistador: Pronto, professora, acho que já acabamos por responder a esta questão: de uma forma geral considera o programa adequado, já foi dizendo que não, pelas questões que já foi apresentado.... Os blocos presentes no programa, acha que permitem atingir as necessidades das crianças?

Entrevistado: Eles são excelentes, vamos lá ver, tudo a nível de teórico que lá está é extraordinário.... Só que na prática não acontece e alguns são demasiado exigentes, alguns são demasiado exigentes para a idade, porque se nós estamos numa sociedade em que os meninos estão enfiados dentro de casa e depois estão enfiados no Jardim.... E no Jardim não há.... Não há essas orientações.... É que no Jardim não há orientações de educação física muito rigorosas, nem há nada de rigoroso.... As pessoas fazem um bocado....

Entrevistador: Temos as OCEPE, as orientações...

Entrevistado: São orientações que aplicam, ou não.... Pronto é um bocado ao sabor do gosto, e se eles não vêm com nenhuma preparação motora até ao primeiro ciclo, como é que de repente se exige que o menino faça isto, e aquilo, como está contemplado.... É.... É um bocado em contrassenso.... É um bocado em contrassenso?! É um bocado ridículo, a exigência que existe no 1.º ciclo acho que é demais, demasiada.... Nem pensar.... Nem pensar....

Entrevistador: Caso pudesse fazer alterações ao programa faria, não é?!

Entrevistado: Claro que faria, reduzia imenso e mais vale, por exemplo, estipular, primeiro ano para criar na criança o gosto pela atividade física, o gosto com atividades coletivas, lúdicas, desenvolvendo claro a velocidade, a flexibilidade, a coordenação e deixar os exercícios de ginástica específicos para um terceiro ou quarto ano, e não tão exigentes... Sempre com...

Entrevistador: Até porque acho que é essencial que eles tenham gosto pela atividade física porque é algo que eles vão levar para o futuro...

Entrevistado: Se tu vais a exigir a uma criança do primeiro ano que faça determinados exercícios que estão fora do seu alcance motor, ele automaticamente acha que nunca vai ser capaz... E desmotiva-se...

Entrevistador: Claro, eu falo por mim também, por exemplo, quando era as aulas de educação física, “vamos correr”. Eu não gostava de correr... E depois cheguei à fase adulta em que saí do secundário e comecei a ganhar gosto pela corrida, por exemplo...

Entrevistado: Olha que acho que.... Eu até para te dizer a verdade eu acho que educação física não devia ser sujeita a uma avaliação, devia ser uma atividade complementar, ser contemplada realmente na programação, mas não ser sujeita a uma avaliação, porque isso implica que algumas crianças... No outro grupo tinha alunos excelentes a tudo e tinha um, por exemplo, que tinha notas excelentes a tudo, ele tinha um raciocínio pá, tinha uma capacidade de escrita de tudo, mas ele era uma nódoa nível motor... Ele tinha dois pés esquerdos e quando a gente lhe dizia... Ele tinha uma ausência de coordenação quase brutal, que fazia parte dele, se calhar até havia uma problemática até.... Fazia parte dele, mas esse era um caso extremo, mas há outros que nem são tão extremos, são miúdos que não têm apetência.... Tem que ser pouco a pouco, embora há os teóricos que dizem que todos somos capazes, que é uma questão de trabalhar e treinar, mas pronto.... Primeiro.... Primeiro motivar a criança e ver se ela é capaz e não haver a exigência se não consegue saltar metro e meio, salta 50... Percebes e, portanto, ou a avaliação ser muito flexível, ser uma avaliação talvez.... Sei lá.... Não sei, não te sei dizer, por acaso não nunca, nunca tinha pensado propriamente nessa situação, mas que às vezes essa.... Essa educação física até congestionasse as médias depois no futuro etc porque há que crianças que realmente não têm tanta vocação, apetência e gosto pela educação física...

Entrevistador: Como para tu não é, como para as outras disciplinas, não é... Nem todos nós temos a mesma apetência para a matemática, ou para português...

Entrevistado: Mas tu na matemática se estudares até aprendes... O mesmo se passa nas outras disciplinas.... Agora educação física é muito.... É preciso às vezes....

Entrevistador: É preciso treino também...

Entrevistado: Treino e é preciso gosto e se a gente corta o gosto, isso é....

Entrevistador: Como para as outras disciplinas, também é preciso gosto.... É preciso é arranjar estratégias para que os alunos, mesmo que não seja algo de que eles não gostem tanto... Que ainda assim tentem e se esforcem...

Entrevistado: E por exemplo há crianças.... Eu tenho uma aluna que era muito boa a nível motor, no 1.º e 2.º ano, ela sempre foi para o fortzinho, mas era engraçado, até a própria Manuela Machado dizia, ela é extraordinária... No entanto ela engordou tanto, tanto, tanto, que ela não consegue fazer a cambalhota, eu não vou obrigá-la a fazer.... E algumas coisas ela não consegue fazer e deixou de conseguir fazer, e eu vou obrigá-la?! Não, não vou... No entanto, eu vejo agora na nataçãõ.... Na nataçãõ ela está.... Não sou eu que dou a nota, nem sequer assisto às aulas, mas ela adora e gosta tanto e ela teve muito bom na nataçãõ, portanto ela tem ali uma apetência até para a educação física, só que o próprio organismo, que ela engordou tanto tanto tanto, que a condiciona.... E esses casos também têm de ser pensados.... Não sei.... A educação sabes o que é, a educação é das coisas mais difíceis da gente regulamentar....

Entrevistador: Mas é mesmo, até porque cada caso é um caso....

Entrevistado: Da gente pensar o que é melhor, e o que é pior, porque é tão.... É tão complexa, porque as realidades são completamente diferentes e depois.... E ao mesmo tempo é tão importante.... É que é uma coisa tão.... A nível do país, da sociedade, a educação é a base, é tão importante, tão importante e as pessoas, eu acho que elas não pensam, não pensam como é importante, como antigamente eles tinham uma carteira um lápis e uma caneta e até chegaram a doutores, acham que ó pá tendo um lápis uma caneta.... Isto é exageradamente, penso eu, estou talvez a exagerar, porque acredito que as pessoas já tenham mais alguma sensibilidade para o assunto, mas às vezes será muito por aí se nós conseguimos chegar, também os outros não chegam, não é...

Entrevistador: Eu acho é que as pessoas se esquecem que a sociedade evolui, e o que era antigamente, não é agora, existem desafios diferentes....

Entrevistado: Evoluiu e mudou muito muito muito muito....

Entrevistador: O que era exigido à professora, se calhar não é o mesmo que é exigido agora aos alunos...

Entrevistado: E não só.... A nossa, a nossa profissão também mudou completamente a exigência que tem sobre o nosso papel tudo, tudo que envolva a nossa profissão está sempre em mutação e mudou muito....

Entrevistador: Por isso também são tão necessárias as formações que nós temos que ir fazendo...

Entrevistado: Hoje em dia.... Hoje em dia é muito difícil ser professor, e eu acho que as pessoas não.... Só passando por cá, é que têm a ideia....

Entrevistador: As pessoas, eu acho que pelo menos as pessoas também com quem nós fomos falando ao longo do nosso curso, eu e a Filipa, as pessoas desvalorizam completamente o papel do professor, o papel do educador, desvalorizam completamente.... Dás umas coisas aos alunos e pronto está feito...

Entrevistado: Não têm o mínimo de noção e é isso é que também que nos magoa, porque a gente farta-se de trabalhar.... E os pais não se aperceberem de tudo, da dificuldade que é, a gente tem 24 alunos na frente, não tem um filhinho só, e eles esquecem-se disso.... Eles fazem os deveres com o menino e enervam-se logo porque não são capazes, e nós temos que dar.... Temos que fazer evoluir aquelas crianças todas, conforme as suas especificidades....

Entrevistador: E por trás de um aluno está todo um background, todo um historial que nós nem temos noção e que acaba também por fazer a diferença na escola...

Entrevistado: E é por isso que a profissão de professor é muito complicado, muito complicado, muito difícil, muito mal compreendido e etc., portanto, não vos envejo.... Eu gostei muito de ser professora e ainda tenho talvez uns anos pela frente, mas tenho pena

de quem entra e está assim, porque cada vez é mais difícil, cada vez é mais difícil.... E depois dizem que o professor tem boa vida...

Entrevistador: É verdade, professora... Bem, vejamos agora... Já vimos que as suas aulas não são em regime de coadjuvação.

Entrevistado: Não, não.... As aulas nunca foram em regime de coadjuvação.... Foi o género de arranjo, uma parceria.... Cada um era titular da sua turma, só que acabávamos por fazer esta parceria.... Pronto....

Entrevistador: O que é que a professora procura priorizar nas planificações das aulas de EF?

Entrevistado: Olha eu, a minha principal preocupação é como te disse há bocado é tê-los todos em movimento É a minha principal preocupação, é tê-los todos ocupados, para que todos rentabilizem a aula, não se desmotivem, não se portem mal e comecem todos a dispersar, e rentabilizar ao máximo uma atividade em que estejam a mexer o máximo possível de músculos e basicamente é isso, é desenvolver o máximo de competências que consigo com aquela atividade e diversificar um bocadinho, normalmente até.... Eu até já cheguei a fazer a planificação da aula com eles “vamos fazer o quê?”, pronto, e uma coisa que eu acho que é importante para nós no primeiro ciclo e para rentabilizar o tempo é, se tu vais fazer um jogo, explicar no quadro antes de descer, como é que vais fazer o jogo, percebes, para eles já se irem.... Verem bem.... Porque tu vais explicar as regras aqui aos gritos, e eles já não, já não.... Já está um bocadinho perdido, Se tu fizeres em esquema no quadro, vamos fazer isto, vamos fazer aquilo, rentabiliza muito mais a atividade.... E até dizeres outras vezes.... Muitas vezes eu não planifico a aula, mas antes digo “hoje vamos fazer isto” Imagina no, no.... No ginásio, quando vou para o ginásio eu tento fazer sempre dentro da ginástica, também faço estações, mas é também fazer a ginástica dentro das estações, só exercícios com os colchões com os saltos.... Não sei se já viste às vezes.... Por acaso eu agora tenho a natação estes últimos meses, mas antes eu fazia isso, e é.... Isso aí não precisava de se explicar nem nada pronto, normalmente dizia “vamos fazer estações.... Estações de, de.... Com exercícios de física” Eles já sabiam, mais ou menos, que era sempre os mesmos moldes, mas quando é jogos no campo convém a gente já ter a aula

planeada, ou se é um jogo que conhecem pronto faz, mas já vem fazer um jogo que conheça, já dividimos as equipas e tal, mas depois podemos fazer um exercício de aquecimento, para corrida ou não sei quê, ou assim, portanto.... E é, mas nunca há muito tempo, olha eu nem uma hora dava às vezes.... É.... A parte da explicação antes, no quadro, eu acho que é muito importante, eu comecei a fazer só este ano, olha lá eu tenho 36 anos de serviço, acho que nós vamos nos apercebendo das dificuldades, também vendo que tipo de turma é que nós temos, eles são muito agitados, faladores, tem que estar ali sempre em supercontrole, senão é um caos.... E.... E mesmo também quando eu fiz a preparação da aula com eles, eles gostam, pronto.... Isto tudo vai se descobrindo um bocado, nós vamos aprendendo, é uma profissão muito dinâmica, nós vamos aprendendo todos os dias, percebes, todos os dias.... E eu nunca dei um quarto ano igual ao outro quarto ano, nem nunca, nem nunca vou dar um primeiro igual a outro primeiro.... Eu o primeiro há 4 anos, certamente, quando for pegar outra vez no primeiro, já é diferente.... Ou quem dá aulas iguais, olha não sei como, é uma coisa monocórdica e monótona....

Entrevistador: Então as estratégias que a professora utiliza nas aulas passam por isso que já foi dizendo...

Entrevistado: É, é rentabilizar o máximo de tempo contornar a possibilidade deles não se dispersarem e indisciplinarem, de perder muito tempo com perguntas e orientações, porque ao perder muito tempo com perguntas e orientações estamos a perder tempo de execução e pronto, é isso....

Entrevistador: E que blocos é que a professora costuma abordar mais?

Entrevistado: A ginástica agora, este ano até trabalhei bastante a ginástica, e os jogos coletivos, a corrida e pronto é isso....

Entrevistador: E perícias e manipulações?

Entrevistado: Sim, sim, as bolas trabalham muito aí.... sim sim sim sim sim têm destreza, porque eu faço nas estações faço um bocadinho disso tudo, a ginástica é mais propriamente só a cambalhota e o espaldar pode ser, porque de resto é mesmo usar a bola, driblar a bola, passar o banco sueco, e tudo isso passa por equilíbrio e passa por

manipulação.... É, é por aí.... O que não é, é muito, é o que se pode fazer, é o que se pode fazer.... Eu também gosto muito do género de tiro ao alvo aquelas coisas também, também gosto.... É.... Pronto.... Eles gostam também das corridas....

Entrevistador: Porque é que acha que os alunos gostam tanto das aulas de educação física, professora?

Entrevistado: Porque é que gostam? Porque estão em competição, animação, percebes, eles gostam muito mesmo, a maioria gosta.... Os meus é aula de expressão e aula de educação física.... Adoram expressões também, longe de mim trabalhar bem expressões, mas faz-se o que se pode....

Entrevistador: Pois, é porque um professor do 1.º ciclo, não é só trabalhar matemática e português, é também estudo do meio, música, artes....

Entrevistado: Drama, educação física.... TIC.... Não dá.... Apoio ao estudo.... Ó pá isto não dá, isto está.... Está demais.... Os paizinhos pensam que nós vimos para aqui dar duas de treta, como tu dizes....

Entrevistador: É como a professora diz, eles deviam estar cá e ver....

Entrevistado: Deviam ser professores por uma semana....

Entrevistador: E mesmo os políticos, que fazem os programas....

Entrevistado: Sim, eles só à frente de uma turma, um dia inteiro, já ficavam com os cabelos em pé....

Entrevistador: Mas é mesmo.... Mais uma questão, professora, quais os maiores desafios associados à implementação dos diferentes blocos? É mesmo a questão do horário reduzido e da extensão do programa, certo, professora?

Entrevistado: É gerir as aulas de maneira a ter disponibilidade para dar a EF, é extremamente difícil.... E mesmo alguns blocos que não fazem sentido, não há instalações, não há material, nem é viável, porque nós só somos um para vinte e quatro....

Entrevistador: Exato, questões que já fomos falando....

Entrevistado: Sim, já fomos falando isso...

Entrevistador: Pronto, professora, muito obrigada!

Entrevistado: Obrigada, espero ter sido útil!

Entrevista 4 – Participante Luísa (nome fictício)

Dados Demográficos

1. Idade – 60 anos;
2. Género – feminino;
3. Formação – Curso do Magistério Primário + Complemento de Formação de Português e Matemática para professores do 1.º ciclo;
4. Anos de Experiência – 37 anos;
5. Percurso Profissional – Ao longos dos 37 anos de experiência, a professora esteve alguns anos a dar aulas de educação especial, e depois exerceu em várias escolas, em vários distritos. Está há cerca de 15 anos neste agrupamento de escolas;
6. As aulas de educação física realizam-se quantas vezes por semana? – Realizam-se uma vez por semana, num bloco de 45 minutos.

Entrevistador: Boa tarde, obrigada por estar aqui, professora, por se ter disponibilizado a fazer esta entrevista para o meu estudo. Peço a sua autorização para gravar. Então, o objetivo deste estudo é basicamente analisar as perceções que os professores do primeiro ciclo têm, relativamente ao programa de educação física, as estratégias que utilizam e quais as suas maiores dificuldades também.

Entrevistado: Sim, eu não sei se vou conseguir responder a tudo...

Entrevistador: Não se preocupe, professora. Eu vou fazendo as perguntas, sem pressão, se não quiser responder a alguma, não tem mal nenhum... Na sua perspectiva como é que caracteriza o programa educação física?

Entrevistado: Em princípio acho que ele é longo, tem demasiada.... Demasiada.... Demasiadas coisas.... Muito extenso.... Pronto.... No entanto, ele decorre a ferramentas, a diferentes ferramentas pedagógicas e tenta permitir um desenvolvimento harmonioso a nível de domínio do corpo, da locomoção, da manipulação.... Projeção e receção de objetos.... O que vai depois ajudar no resto.... E vai havendo uma progressão, desde o primeiro ano até.... Há sempre evolução e vai sendo os exercícios cada vez mais complexos....

Entrevistador: Acha então que é um programa demasiado extenso?

Entrevistado: Para aquilo que nós.... E para o tempo que nós temos para disponibilizar para isto.... É um bocado extenso.... Podia ser mais concreto um bocadinho, mais concreto.... O horário que temos disponível não é muito e depois aqui há uma parte em que.... Eu posso falar mais à frente, mas também já posso falar agora, em que nós temos uma parte do ano, pelo menos no terceiro e quarto ano, que é o meu caso, natação, e o resto... E o resto somos nós, a única parte coadjuvação é essa, de resto não temos.... As aulas decorrem uma vez por semana, os miúdos.... As crianças gostam muito e se calhar era de investir mais nisso também.... Eu não sei se.... Mas no primeiro ano e segundo anos, eles têm atletismo, que é uma coisa muito boa, mas isso é mais ao longo do ano todo, acaba em maio, e também é muito bom para eles, é mais concreto, mais direcionado aos meninos.... Sim, é mesmo algo mais direcionado.... Trabalham mesmo só aquelas partes que acham mais apropriadas para eles....

Entrevistador: Acha que o programa deveria ser reduzido, para que fosse então mais concreto?

Entrevistado: Sim, acho que seria mais benéfico para os alunos...

Entrevistador: Obrigada, professora... Porque é que acha que eles gostam de natação?

Entrevistado: É... É basicamente para eles uma brincadeira.... Eles ali estão.... É muito lúdico, os professores exigem, mas também, ao mesmo tempo, dão-lhes liberdade e eles gostam porque pronto.... Aprendem.... Alguns é ali que começam a gostar, para depois frequentarem aulas de natação.... Para depois mesmo eles alguns até então acabam por estar inscritos na natação e terem e participarem em competição alguns.... Tenho alguns que já vão.... Vão mesmo às aulas e alguns já começam a praticar e a estar na competição.... Acabam por gostar e às vezes alguns até pedem às mães para se inscreverem, para poderem pronto.... Porque gostam e para eles é também uma maneira deles canalizarem as energias e também eu acho uma atividade muito completa, que envolve o corpo todo, não só os movimentos dos braços das pernas, mas também a respiração.... A respiração, controlar a respiração, controlar os movimentos dos braços, das pernas, a coordenação motora, que é importante, acho que é muito bom...

Entrevistador: Como acha que deve ser integrado este programa no primeiro ciclo?

Entrevistado: Ora bem.... Porque.... Hoje em dia, os meninos levam uma vida muito sedentária, muito virada para as.... Para as tecnologias, para estarem em casa, para estar num espaço fechado.... Leva-os a vivenciar experiências que podem levá-los os a ser mais desportivos, a terem uma atividade mais saudável, a nível físico e mental, ajuda ao equilíbrio.... Ao equilíbrio mais harmonioso do corpo.... Ajuda também ao bem-estar mental, à saúde física mental.... E a interação entre eles, o cumprimento de regras é muito bom.... É nesse aspeto que é bom terem a educação física, vai ajudar também às outras disciplinas.... Pode haver a interajuda, interdisciplinaridade, e a transversalidade também é importante.... E nós a partir de um jogo ou de um exercício qualquer que façamos, podemos trabalhar várias vertentes.... Matemática.... Sei lá.... O estudo do meio também pode estar ali integrado de alguma forma.... Até o português.... Podem ser as vertentes todas lá.... A partir de uma história.... A partir dali eles terem de fazer os jogos, ou o percurso, ou obstáculos, ou contornar qualquer coisa.... Ou seguir um.... O atletismo às vezes já é isso, estafetas.... De entrega.... De... testemunhos.... E eles saberem esperar, saberem estar na vez deles, isso tudo é importante.... Acaba por passar para as outras disciplinas que eles gostam muito.... Aliás, a educação física, quando é um jogo.... Há o cumprimento de regras.... Quem não cumpre as regras é penalizado, quem cumpre....

Aprendem a estar, a esperar a vez deles.... Aprendem a estar e a esperar, a interagir, a ajudar-se, a saber estar em grupo, porque às vezes não sabem e pode ser um ponto de partida para o trabalho de grupo, para a ajuda entre eles pronto.... Até porque algumas das crianças que estão aqui, esta é a primeira oportunidade que eles têm para realizar atividades físicas, e não só físicas, mas de socialização, pois muitos deles.... Alguns não sabem socializar quando chegam à escola... O que é muito, muito mau.... Eu tenho alguns meninos que era difícil eles interagirem com os outros, e ainda continuo a ter.... Tenho alguns meninos que têm alguma dificuldade, ficam muito no seu cantinho, têm muita dificuldade em transmitir aquilo que sentem, aquilo que pensam.... E pronto, essas atividades de educação física que são mais lúdicas mais.... Embora têm regras e isso.... Ajuda-nos a eles expandirem-se mais...

Entrevistador: Então a professora também se calhar acaba por utilizar essas estratégias nas suas aulas?

Entrevistado: Sim, sim. Fazer esses jogos sim.... Joguinhos de grupo, às vezes eles fazem equipas e as equipas jogam uns contra os outros, outras vezes são jogos realizados a pares, outra vez é um jogo em que interagem e têm que seguir o que o outro manda.... Pronto e essas coisas eu.... Pronto, percursos que têm que fazer, os obstáculos.... É mais dentro disso as aulas sim.... Trabalhar também a oposição e saberem lidar com a frustração, o saber perder também é importante.... Perceber que nem sempre ganhamos na vida, que muitas das vezes vamos perder...

Entrevistador: É isso mesmo.... Acho que de uma forma geral já vimos que a professora não considera que o programa seja muito adequado...

Entrevistado: Não é muito adequado no sentido de que é muito longo e devia se centrar mais, ser mais específico, trabalhar a destreza, a coordenação motora, embora lá estejam os exercícios, nós temos que ir selecionando, e, às vezes, procurar o que vamos fazer e já devia estar um bocadinho mais.... Mais estruturado dessa maneira...

Entrevistador: Ok, certo. Acha que os blocos que estão lá presentes permitem atingir as necessidades das crianças?

Entrevistado: Permitem, mas o obrigam-nos a fazer a tal seleção e que.... Depois não dão muitas estratégias para a gente.... Nem indicam os exercícios que devíamos fazer, podia ter sugestões de atividades, que às vezes nós temos que.... Temos que ir procurar e às vezes.... Há pessoas que estão mais.... Mais por dentro do assunto e nós não temos formação específica.... As pessoas da formação específica, pelo menos eu penso que quem faz o currículo, um programa de educação física, deve perceber um bocado o que está lá a fazer, acho eu.... Às vezes nem serão, mas pronto.... No fundo podiam ser e, portanto, sabem mais os jogos que são mais direcionados para este.... Para esta idade e que estão mais direcionados para esta.... Para o equilíbrio, para.... Para a coordenação motora, para a destreza, para.... Até para manipulação, que alguns têm dificuldade em manipular, e eu vejo que alguns até têm dificuldade em pegar numa bola e driblar.... E mesmo já grandinhos, alguns já são.... E ainda são bastantes descoordenados.... Portanto isso.... Os jogos acho que o programa devia estar mais.... Ser mais pequenino e mais.... E apresentar essa parte das sugestões.... É.... É difícil às vezes e nós ao planificar muitas vezes temos que apresentar nós lá as sugestões, mas temos que as procurar porque eles.... Essa parte não existe lá e, portanto, era isso que devia ser mais....

Entrevistador: E nessa parte que agora a professora estava a falar, a nível das destrezas, acha que o confinamento ainda veio piorar a situação?

Entrevistado: Sim, sim, eles ficaram em casa basicamente estavam a ver televisão, a jogar no computador, nem sempre as melhores.... Os melhores jogos.... Eu vejo, tenho alunos que se eu deixar livremente irem à Internet, eles procuram jogos, e, a maioria deles, são violentos.... E depois querem também aquilo que agora que com o confinamento surgiu muito.... Que são os tic-tocks, que nem sempre aquilo.... Não é educativo, tem muita coisa que é má.... Muita coisa.... Embora haja lá coisas divertidas, mas não ensinam nada a ninguém, acho eu.... Há uma menina que diz que vai ver tick-tocks educativos, mas a maioria não são educativos, e há uma coisa ainda.... Os nossos meninos que têm que aprender português, que é bastante difícil, porque o nosso.... O nosso português, a língua portuguesa é muito difícil, a gramática, essas questões todas com vários significados, e muitas vezes estão se habituar a falar em.... Em brasileiro, em português do Brasil, que é muito mau.... E escrevem nos textos.... Depois uma coisa que podiam direcionar também

era para ler umas histórias, para ler coisas educativas, os programas como por exemplo a RTP 2, tem programas que são bons para as crianças e mesmo havia a RTP Memória, que tinha um estudo em casa, tinha partes muito boas e eles, a maior parte das coisas não viam, não viam a educação física, não viam essas coisas não.... Maior parte dos meninos não seguiu.... Não seguiu simplesmente, tinham aquele horário, mas não iam lá ver, principalmente no primeiro ano.... No segundo já tivemos, eu já tive que dar as aulas para eles online, e aí eles já não tinham tanto tempo para estar para estar a ver.... A ver essas coisas, mas houve sedentarização, houve meninos que engordaram muito.... Meninos que se habituaram a estar mais sentados, a não estar com ninguém, a parte da socialização perdeu-se muito, tinham o pai e a mãe, alguns só tinham a mãe.... Só veio piorar ainda mais.... O sedentarismo.... Eu tenho um menino que chega à escola com umas grandes olheiras, às vezes adormece na sala, porque esteve até às tantas, ou no telemóvel, ou no computador, e a mãe.... É sozinho com a mãe.... Mas a mãe deixa menino ir se deitar muito tarde, e por mais que eu diga que não pode.... Eu digo-lhe “não podes fazer isso” E ele não consegue, a atenção, a concentração, no saber estar, saber.... Não.... Piorou.... Piorou muito.... Umas das coisas que dizemos nas reuniões de início do ano, é para terem atenção no tempo que os meninos têm que dormir.... Não, não.... Não acontece.... E no confinamento piorou, os meninos deitavam-se e levantavam-se à hora que queriam....

Entrevistador: Como foi quando regressaram aqui à escola?

Entrevistado: Não foi tão mau como eu esperava, pelo menos em março, era março.... Era início de março, pois eles estavam a começar a adquirir a técnica da leitura, e ia a desenvolver o treino da leitura e da escrita, que não estava adquirido na maioria deles, alguns já sabiam, mas eu pensei que chegava aqui e não ia ter meninos a ler, e nesse aspeto, louvo o trabalho dos pais, eu tinha alguns que não, que não iam pronto.... Estavam atrasados, mas com.... Conseguimos recuperá-los todos, com apoio.... Eu não tenho nenhum aluno que não leia.... Nessa parte houve mérito.... Nós só tínhamos que entrar então, depois quando começamos a ter aulas síncronas, só tínhamos que entrar uma vez por semana com eles, estava lá cerca de 1 hora.... Tentei pô-los a ler um bocadinho, mas eles queriam era conversar, eu ainda tentei tirar dúvidas de matemática, por exemplo, e eles não queriam, simplesmente não estavam virados.... Foi mau.... Eu acho que, apesar de

tudo, eles conseguiram, mas há muitas lacunas.... E, na minha turma, nota-se muito que há alunos que não têm suporte em casa, em termos de treinos, de um trabalho que eu mando para casa, alguns que não têm suporte, outros que não estão minimamente interessados, a professora que trabalhe com eles.... Também há aqueles que mesmo que queiram ajudar.... Os programas estão de tal maneira, os conteúdos, principalmente do quarto, e do terceiro ano, estão de tal maneira exigentes, mas já no segundo, já começam a ver.... Nesta turma não se verifica tanto, mas eu já tive outras turmas em que as mães vinham à escola perguntar como é que ensinavam, porque não tinham bases para ajudar os filhos....

Entrevistador: É complicado mesmo e depois às vezes eles chegam à aula e não sabem e até ficam mais acanhados por não saber...

Entrevistado: É isso mesmo. Eu tenho por exemplo uma menina que ela o ano passado quando veio ela sabia ler, mas não estava segura, e dizia-me “professora isto é muito difícil”, e eu ainda tentei integrá-la no grupo que já sabia ler, mas cheguei a um ponto em que tive que lhe dar mesmo trabalho diferenciado.... Para poderem adquirir as competências da leitura e da escrita, adquiriram todos, mas tiveram que ter isso, e essa menina dizia-me “não sei, é muito difícil”, e eu tive.... Cheguei a um ponto em que tive que voltar atrás e fazer esse trabalho com, e ela agora acompanha, mas é uma menina que se tivesse em casa quem a ajudasse, quem se dispusesse a ajudá-la, ela era uma melhor aluna, mesmo assim o progresso dela é uma coisa assim muito grande, muito grande, e é uma menina que faz tudo para conseguir e isso é de valorizar mesmo.... E para ela o trabalho de casa é um bichinho de 7 cabeças, e diz-me “professora, eu não vou ser capaz” “Mas tu sabes”, mas como não tem a tal retaguarda.... E às vezes é só um apoio pequenino.... Ela vem e pede, e começa a fazer os trabalhos no recreio, na altura do recreio, para ter ali um pequeno apoio.... Ainda temos disso, e temos muito, e aqui não é tanto, tão visível, porque deve haver sítios em que seja bem pior.... A minha turma não é uma turma.... É uma turma um mediana pronto....

Entrevistador: Acho que o mesmo se aplica à educação física, não é?! Acho que há aqueles alunos que têm atividades extracurriculares e tudo mais, que têm essa possibilidade.... E os

outros que não têm nada, tem só aqui na escola, só aqui é que conseguem ter um bocadinho de atividades e daí a importância também....

Entrevistado: Também a educação física é boa nesse aspeto global, também lhes vai abrindo.... Eu tenho um menino que está no.... Que foi para o futebol, que joga futebol aqui na escola com os outros, e depois foi-se incentivado.... Os pais não podem pagar, mas há um clube aí que é gratuito, é gratuito e, portanto, é mesmo só para a formação.... E depois há aqueles que vão descobrindo conforme aqui.... Eu tenho outra menina que agora diz que anda na educação física, ela tem muito jeito para a dança, eu acho que ela tem muito jeito para a dança, até porque ela tem uma costela angolana, a mãe é angolana e eles não nascem, acho que com essa.... Eu dizia-lhe “tu devias ir para a dança”, porque ela é toda.... Agora anda na ginástica acrobática, e também acho que é bom para ela, porque ela é.... E pronto, mas também fui eu que comecei a dizer para ela dizer à mãe e pedir à mãe.... Só que também eles não têm como pagar e depois há sempre o reverso da medalha....

Entrevistador: Claro, é e por isso que é tão importante conseguirmos explorar aqui nas escolas essa parte....

Entrevistado: Pronto. Tenho um menino no atletismo, tenho outro que.... Tenho alguns na natação, alguns que não andavam, mas que as mães viram que eles gostavam e que pediram para se inscreverem e pronto, a educação física tem sempre os seus, a sua parte.... Os seus benefícios...

Entrevistador: Além do mais eles vão começar a inculcar hábitos, rotinas...

Entrevistado: Rotinas estruturadas, e eles têm que saber estar, outra coisa que não tem nada a ver com isso, mas também é um exemplo bom, é a música, a música também eles têm que treinar o ouvido, treinar a atenção... E na educação física é também a mesma coisa, também treinam a atenção, a concentração, o equilíbrio, a postura, e isso depois também os treina para as outras disciplinas, porque na matemática existe muito treino mental, exige muito raciocínio, concentração e atenção, que eles não têm.... É muito difícil conseguir a atenção deles, e se a gente utilizar essas estratégias mais com joguinhos com.... Sei lá,

outras coisas que estão ligadas a outras disciplinas, nomeadamente educação física, acho que é bom, é muito bom para eles...

Entrevistador: Como procura integrar educação física nas suas aulas? que estratégias a professor costuma usar?

Entrevistado: Com joguinhos, eles pedem muitas vezes os jogos, também faço aqueles exercícios de aquecimento, de alongamentos de.... Não sei muito bem dizer os nomes técnicos, mas é esse exercício que eles fazem alongamentos, fazem às vezes abdominais, que eles gostam de fazer, fazem um bocadinho de andar, correr, aquelas coisas....

Entrevistador: A professora também vai aceitando sugestões dos alunos, é isso?

Entrevistado: Sim, também aceito sugestões que eles possam dar, isso também é importante porque eles.... Nota-se que aí há uma colaboração maior, e eles gostam de colaborar e também aprendem quando é que podem.... Também já usei a estratégia de deixar um aluno dar a aula, a dizer quais os exercícios que vamos fazer, por exemplo, tenho uma menina que a mãe é professora de dança, aí ela já tem outras estratégias que claro, vai saber aplicá-las, pronto e eu faço isso e depois também não sei muito bem mais o que dizer...

Entrevistador: Pronto, aquilo que a professora aplica nas suas aulas, passa por aí, por trabalhar bloco de jogos, também para treinar aquela parte nós já temos vindo a falar, de trabalho de equipa, de cooperação....

Entrevistado: Da socialização, do saber estar, e fazerem cumprir regras, o saberem trabalhar em grupo....

Entrevistador: OK, já vimos também que as aulas não são dadas em regime de coadjuvação.

Entrevistado: Não, somos nós que damos. A única coisa que temos é a tal até parte em que estão os professores que estão lá na parte da nataçãõ, ou do atletismo, isso aí são eles.... Nós estamos só lá a ajudar naquilo que.... Na nataçãõ até nem fazemos nada.... Eu não sei nadar coitadinha de mim.... Mas os professores são muito bons, nós temos tido sorte.... Mesmo quem vem dar o atletismo, eu gostava muito da Manuela Machado.... Eu por acaso

tive pouca sorte, porque com a pandemia, depois foi sempre eu, mas eu já conhecia o trabalho dela de anos anteriores, eu acho.... Eu gosto.... Apesar de haver pessoas que dizem que ela não tem formação, e que não devia estar ali, mas ela sabe que está a fazer....

Entrevistador: Essa parte da coadjuvação, a professora acha que sentiria mais à vontade se existisse?

Entrevistado: Era importante se existisse um professor com formação específica para nos ir ajudando.... Eu acho que era importante numa aula de educação física, porque eles sabiam mais como direcionar isso, e depois não ficaram, até podia aprender outras coisas com eles, eu acho que é benéfico para os dois, seria para nós, para os alunos.... Até porque eu tirei o curso há 37 anos para aí, portanto naquela altura era bem diferente de agora, as coisas foram evoluindo e a gente eu sei que tivemos formação, tivemos, mas nunca é como se estivéssemos dentro da formação específica e nós temos que fazer formações....

Entrevistador: Mas se calhar a professora nunca fez nenhuma ligada à área da educação física...

Entrevistado: Não, nunca fiz nenhuma ligada à educação física, por isso é, lá está.... Nunca fiz nenhuma ligada, por exemplo, à música, nunca fiz às expressões plásticas.... Porque a maioria, a maior parte das que aparecem é mais ligado às disciplinas, às outras disciplinas, ao português à matemática.... Até a formação que eu acabei por fazer, eu inscrevi-me nelas, inscrevi-me na.... Havia lá uma que era mesmo parte de expressões, mas não entrei.... Entrei na matemática, e no português, não é que não goste, mas teria ficado com outra.... Que também fiquei com a matemática e o português, foi muito bom, mas não deu, não foi.... Mas essa parte acho que também era importante, mas eu não entrei, entrei na consegui.... Que se calhar até era mais exigente em termos académicos, mais desafiante, mas pronto foi o que eu consegui, mas é bom porque se acaba sempre por aprender outras coisas.... Aprendemos todos os dias.... E tem que haver sempre uma evolução, porque os alunos que nós tínhamos quando eu comecei a trabalhar não têm nada a ver com os alunos que existem, como estão agora, até porque quando eu comecei a trabalhar não havia Internet, não havia nada dessas coisas, não havia o e-mail, não havia.... Não havia fotocopiadoras nas escolas, era tudo copiado do quadro, havia uns tabuleiros com

glicerina... E a gente tirava as cópias assim.... Tirava cópias, escrevia tudo à mão, nada em computadores, e as fichinhas, que nós dávamos, era tudo escrito à mão, por nós, foi assim durante bastante tempo... E os meninos habituavam-se muito cedo a copiar tudo do quadro.... Eram muito mais sossegados, muito mais calmos, não havia tanta dispersão, não havia distrações, isto no início dos anos 90.... Era uma maneira de trabalhar muito diferente e houve evolução e a gente têm que se adaptar... A formação foi sempre boa.... Eles agora têm muito com que se distrair, muito com que se dispersar, brincar cá fora, está fora de causa, para muitos, porque agora há muitos perigos, os perigos são mais, os pais têm muito mais medo....

Entrevistador: Mesmo a questão do brincar na rua, muitas vezes vemos que há crianças que ainda não sabem saltar à escola, andar de bicicleta...

Entrevistado: Há crianças que não conhecem determinados animais, que têm medo de tudo... E a educação física, nesse aspeto, portanto é muito boa, porque vai colmatar essas, algumas destas falhas, pronto.... Agora a nível de estar na natureza, as aulas, às vezes, dadas ao ar livre que é muito, muito melhor, os alunos já passam muito tempo fechados.... Mas alguns meninos não sabem o que é dar um passeio... Não sabem o que é estar no campo...

Entrevistador: A professora chegou a explorar o bloco dos percursos na natureza?

Entrevistado: Isso dos percursos da natureza não, não.... E a dança também não, eu não tenho jeito, por isso, nunca cheguei a explorar... Por exemplo, a dança, eu acho muito bom, eles até podiam ter uma parte que fosse dança, que alguns até viam que tinham inclinação para isso, até poderiam estar a seguir, é o caso dessa menina que eu dizia que eu acho que ela tem mesmo jeito, mas também é.... Eu não tenho jeito, eu não sei dançar coisa nenhuma, também não vou ensinar alguma coisa que eu não sei.... Aqui nesta escola não, mas houve uma altura que a mãe de uma aluna me veio propor.... Folclore.... Era um projeto dela, que ela faz parte do grupo etnográfico da Areosa, ela é quem ensaia.... Ao princípio disseram sempre não, eu como não tinha terceiro ano, não era eu que mandava, não era a coordenadora da escola, porque lá não queria.... Mas depois eu cheguei ao terceiro ano, eu já estava um bocadinho cansada de lhe dizer sempre não, “bem eu vou fazer assim,

tenho que falar com a coordenadora da escola, mas o que era bom era que fosse ao nível da escola”, mas depois é interessante o que se passou a seguir, e agora já saiu até no jornal e tudo, já está nos meios de comunicação social.... Ela disse-lhe se não houver interesse da parte da colega do quarto ano, até a coordenadora da escola é que tinha que dar autorização.... E ficou como um projeto na minha turma, a coordenadora aceitou e pronto ficamos, e começou a fazer o terceiro e quarto ano, e foi muito bom, porque ela tem os conhecimentos, ela tem um grupo e ia lá o grupo, ela mostrou os trajes, como é que eram os trajes, ia lá mostrar instrumentos de sopros, instrumentos de cordas, depois fazia-se colaboração no canto, a cantar as janeiras, nas festinhas do final de ano, e eles iam dançar as coreografias do folclore, e, ao mesmo tempo, isso depois com o projeto da música, que a música também é, em princípio só começou quando eu tive primeiro ano, a primeira vez era só para o primeiro ano, sim.... Mas depois era isso do folclore e das tradições, então a professora de música, que é a Mariana, já na altura foi ela que começou com o projeto de música, aproveitou este facto e passou a estender-se a todos os anos o projeto da música, então incorporava o folclore na música. Todas as semanas havia aula do folclore, portanto já havia essa parte de dança, isso levou meninos a irem.... E eu tenho alunos que eram dessas turmas, que já estão nesse grupo, que tocam, que dançam, ou que cantam.... Estimula-os, leva-os para essas coisas e pronto, e esse projeto, nessa escola, continua a existir, já também integrado na música e aí até quando nós tínhamos essas audições, era o nível de agrupamento. E era muito interessante, e eles atuavam também com um bocadinho de folclore que aprendiam, as nossas tradições estão e era muito interessante e começou assim.... E continuou

Entrevistador: Até porque, para além daquilo que supostamente as pessoas acham que é o que deve ser.... Ser só matemática, ou o português.... E os alunos acham que por não saberem tanto aquilo que já piores alunos.... Não.... Cada um tem a sua vocação e isso é importante para eles perceberem que se calhar são muito bons noutra coisa....

Entrevistado: Exatamente, cada um tem a sua área em que são melhores e até.... Eu vou dizer mais uma coisa, o programa é tão exigente a nível do currículo da matemática, do português, que muitas vezes nós até tirámos um bocadinho às expressões, o que é muito mau, porque eles precisam disso.... A única forma de contornar é.... O programa tem que

ser menos extenso, algo que não parte de nós, parte de quem está lá mandar.... Todos os programas deviam ser um bocadinho menos, eu acho que era mais reduzido, eu fazia atividades com eles que não consigo fazer agora.... Tudo interligado às expressões e ao português, ou matemática, estudo do meio, fazíamos exposições, desenhos, cheguei a fazer livros.... Livros feitos por eles.... Tudo muito manual, tudo feito por eles, desenhado por eles.... Agora se nós nos pusermos a trabalhar isso.... Há outras coisas não podemos.... Acho que se perdeu algumas coisas.... Porque os programas tornaram-se tão extensos que não há tempo.... Eu acho muito bem que haja o professor de música, assim como devia haver o professor de educação física, que aí nós não podemos fugir, o professor é especializado, sabe o que está a fazer, é muito, muito enriquecedor, e o currículo torna-se muito mais apelativo para eles, muito mais.... Enriquece-nos a nós e a eles, enriquece-nos a nós e a eles.... Principalmente, a música foi uma coisa que já introduziram que já foi muito bom, mas foi ao nível da Câmara, juntamente com a escola de música, e são aquelas tais cooperações que existem, e o atletismo também, e a natação também, é já muita coisa boa nisto tudo, e podia haver ainda mais.... Interligar até a música e a educação física, nós na educação física podemos usar, por exemplo, as palmas.... O ritmo, para a corrida, por exemplo, ou para um determinado jogo que estamos a fazer, e com os sinais que fazemos pronto.... É muito bom.... E acaba por se perder um bocado isto, pela questão de não haver tempo.... E ainda mais, eles estiveram muito privados de saídas, com o confinamento, de atividades extra, fora da escola, as visitas ao museu, a visita ao barco que não foram, à casa dos nichos, qualquer atividade que surgisse fora do âmbito da escola, mas na mesma no trabalho da escola, porque eles depois falam sobre isso.... Foram ao cinema, foram ao teatro, e tudo isso é muito importante, mas são atividades que às vezes nós não fazemos por causa da extensão dos programas, que não tínhamos tempo de consolidar e de dar as matérias como deveria ser.... Mas essa parte também é muito bom, às vezes tira-se a essa parte, mas também faz parte do currículo, também enriquece o currículo.... Eu pelo menos fui tentando participar em tudo que podia....

Entrevistador: Sim, porque também é muito importante para eles, porque, para além do abstrato, eles podem ver concretamente que aquilo é mesmo real, não está só no livro...

Entrevistado: E aprendem muito mais, e muitos meninos, pelo menos na minha turma, alguns não têm oportunidade depois de ter determinadas experiências, como a ida ao teatro, os pais não vão teatro, ou a museus, ou fazer essas visitas....

Entrevistador: Pronto, professora. Acho que também já falámos um bocadinho do que é que a professora procura priorizar quando planifica as suas aulas, tem a ver com o trabalhar os jogos...

Entrevistado: Sim, pois trabalham a harmonia, o equilíbrio, essas coisas que podem.... O jogo dá para isso tudo treinar a atenção, a concentração, essas coisas.... É mais por aí.... Eu privilegio os jogos, mas também faço aqueles exercícios de treino de aquecimento, de corrida de.... Também faço isso.... Há sempre uma parte disso, mas eles depois pedem, eles próprios pedem, gostam muito.

Entrevistador: Obrigada, professora, e quais os maiores desafios para si, associados à implementação dos blocos?

Entrevistado: Às vezes é o eles sentirem-se mais motivados para determinado.... Porque os jogos e manipulação de objetos, com experiências de manipulação, os jogos com arcos com cordas, eles adoram, mas depois há outras coisas que eles não gostam tanto, e às vezes é um bocado difícil motivá-los para...

Entrevistador: O que é que eles não gostam tanto, tem ideia, professora?

Entrevistado: Sei lá.... Agora está-me a falhar.... Eles gostam de jogos tradicionais, mas por exemplo, se for jogos de repetição.... Jogos em que eles têm que repetir aquela.... Várias vezes.... Os jogos em que têm que estar à espera muito tempo... Coisas em que têm que esperar... Por exemplo quando estão em estações, é uma coisa que eles não gostam tanto e têm dificuldade em seguir as regras.... É difícil controlar, e quando eles têm que estar em vários grupos, e às vezes não se consegue visualizar muito bem, quando uns estão a fazer uma coisa, e outros estão a fazer outra, como é que nós vemos se que ele está a fazer direito e como é que nós vamos avaliar.... Não temos ninguém a ajudar.... Quando temos as várias estações, várias coisinhas, é difícil se não tivermos alguém a ajudar, é difícil....

Entrevistador: Pronto, professora. Se tiver mais algum comentário.

Entrevistado: Não, espero que tenha servido de alguma coisa.

Entrevistador: Claro que sim, muito obrigada.

Entrevista 5 – Participante Camila (nome fictício)

Dados Demográficos

1. Idade – 44 anos;
2. Género – feminino;
3. Formação – Licenciatura com variante de Educação Física, Mestrado em Promoção da Saúde;
4. Anos de Experiência – 22 anos;
5. Percurso Profissional – Ao longos dos 22 anos de experiência, a professora esteve 2 anos a dar aulas de educação física, no 2.º ciclo, e depois vinculou a dar aulas no 1.º ciclo até agora;
6. As aulas de educação física realizam-se quantas vezes por semana? – Realizam-se uma vez por semana, num bloco de 90 minutos.

Entrevistador: Boa tarde, professora. Muito obrigada por se ter disponibilizado a fazer esta entrevista para o meu estudo.

Entrevistado: De nada.

Entrevistador: Peço a sua autorização para gravar o som.

Entrevistado: Sim, sim, sem problema.

Entrevistador: O meu estudo centra-se em analisar as perceções dos professores do 1.º ciclo, relativamente ao programa de educação física, quais as estratégias, quais os desafios, associados aos diferentes blocos.... Pronto, dentro desse género de questões.

Entrevistado: Certo.

Entrevistador: Na sua perspetiva, como caracteriza o programa de educação física do 1.º ciclo, acha que ele se adequa ao 1.º ciclo, ou não? Porque sim, ou porque não?

Entrevistado: Eu, no meu caso, eu acho que o programa até está adequado, o principal problema é a forma como podemos implementar não é, porque estamos a falar de escolas que muitas vezes, apesar de agora, desde a história das provas de aferição, ter havido um esforço maior para apetrechar as escolas, principalmente a nível de material, o principal problema é a falta de um espaço, começamos logo por aí, nem todas as escolas têm um espaço onde efetivamente se pode desenvolver uma aula, com uma prática que realmente causa algum impacto nos meninos, porque não é a mesma coisa “arrumar as cadeiras e as mesas para o lado” e pô-los numa sala que seria uma sala de aula.... E o facto de as escolas não terem nem espaço, portanto em termos de instalações, nem em termos de materiais, apesar de, eu repito, estar cada vez.... Há um esforço por parte das câmaras para apetrechar as escolas, mas o principal problema.... O entrave é sempre esse e, uma coisa que no meu caso não é um entrave, é a falta de formação.... Eu acho que as pessoas acabam por ter algum receio de.... O programa.... O programa está ajustado.... Posso contar um ou outro bloco, eventualmente o bloco patinagem, porque senão temos colchões, muito menos teremos patins não é.... Pronto, exato.... Mesmo a questão, por exemplo, dos percursos da natureza, é muito complicado, ou seja, deveria estar mais ajustado para espaços que se pode fazer isso, para espaços.... Para percursos, mas no interior da escola, eles aprenderem a interpretar a própria planta da escola, quer do interior, quer do exterior.... Pronto, poderia estar um bocadinho mais vocacionado, se calhar, para a realidade, digamos assim.... O programa é o mesmo há dezenas de anos não é.... Mas eu não me parece que ele esteja desajustado, antes pelo contrário, tem as progressões pedagógicas, que eu acho que faz todo o sentido começarmos pelo mais simples e continuando para o mais complicado, determinados blocos, como a ginástica, só surge

depois da.... Dos deslocamentos e equilíbrios e depois das perícias e manipulações.... Os jogos igual.... Eu acho que o programa está bastante equilibrado, está ajustado à faixa etária.... Não está é se calhar ajustado à realidade não é.... E também não temos um professor especialista, não é.... Porque há sempre muito receio, por parte dos colegas no primeiro ciclo, precisamente por alegarem essa falta de formação, em desenvolver o programa... O que não quer dizer que não o façam, porque, mesmo sem formação, as pessoas vão até o ginásio, agora lá está, podem fazer uns jogos, por exemplo, que é aquilo que é mais fácil, uns dribles, uns lançamentos, pronto, agora realmente aquilo que exige, as ajudas, a postura correta, já têm dificuldade, mas eu acho que o programa está perfeitamente ajustado.... Na minha visão, como tenho a formação nesta área, acho que ele está perfeitamente ajustado e exequível e muito fácil até, inclusivamente, agora lá está, teríamos de ter tempo, teríamos também de ter um equilíbrio em termos de carga horária, porque apesar de nós termos no horário 2 horas por semana, temos depois as outras horas, que não quer dizer que as outras horas estejam desajustadas, estão é desajustados os programas, são programas extensíssimos, e nós sabemos muito bem quando chegamos ao final do período, o pai não está interessado em saber se menino faz bem o enrolamento à frente, ou atrás, está é interessado em saber se ele lê, ou não lê, e este peso que é dado, é que na minha perspectiva, é errado não é, dá-se muito.... Muito ênfase à matemática, ao português, e depois os conteúdos nunca mais acabam é um sem fim de conteúdos, não é.... E depois para nós cumprimos essa parte que no fundo é o que nos cobram não é.... As expressões são sempre.... Não é só o caso da educação física, são as expressões no geral, físico motora sim, mas as artísticas, idem aspas, precisamente porque há este peso excessivo nas disciplinas ditas não é.... Que eles dizem, ditas nucleares, que o são, não é, mas se houvesse um equilíbrio maior em termos de conteúdos, tudo se ajustaria, porque essa parte é tão importante para eles não é.... Claro que há sempre forma de se trabalhar articulado, mas há determinados conteúdos que é difícil trabalhar a parte física, é complicado....

Entrevistador: Obrigada, professora. Acha que os blocos presentes no programa permitem atingir as necessidades das crianças? Creio que por aquilo que já foi dizendo, é certo que sim.

Entrevistado: Sim, sim, sim, eu acho que sim, eu acho que elas estão perfeitamente estão.... Estão ajustadas ao que será o desenvolvimento motor deles não é, aquilo que é previsto naquelas idades, isso está mais do que ajustado.... E, precisamente, não saltar essas etapas, é fundamental cumprir mesmo o que lá está, porque há determinadas aprendizagens que têm timings para serem aprendidas não é.... E no primeiro ciclo desenvolvem-se aquelas competências que ali estão em termos motores, que irão servir depois de suporte para as outras competências que irão.... Que eles irão desenvolver no segundo e no terceiro.... Eh pá, é a mesma coisa como saltarmos conteúdos de matemática, ou português, é igual.... Irão ficar igualmente penalizados, há lacunas e se não aprenderem naquele momento, depois é muito complicado não é.... Isto em termos físicos também existe, apesar das pessoas não terem muito essa noção, mas existe também, mas se o programa for cumprido à risca, por muito poucos conteúdos, vamos imaginar as pessoas não se sentem à vontade não é, por exemplo, na ginástica, não se sentem à vontade, mas eles podem fazer a progressão, por exemplo, para os jogos, não é.... Para a corrida, para o lançamento, no drible, e se cumprirmos, se fizerem aquela progressão, os miúdos vão chegar ao final do quarto ano e vão dominar a parte dos jogos muito melhor do que se andarmos aqui a saltar etapas, não é.... E, pelo menos, em alguma coisa, os miúdos têm alguma experiência motora, que é a parte que é importante

Entrevistador: Sim, até porque muitos miúdos é esta a única experiência que eles têm de realizar educação física.... Muitos não têm mais oportunidades no exterior da escola....

Entrevistado: Não.... Não.... Aliás, a nossa realidade ali é diferente do que, por exemplo, uma escola mais central não é.... Uma escola mais central.... Não quer dizer que a nossa não seja, porque também é citadina, mas numa escola mais central, a maior parte dos miúdos têm atividades extracurriculares, e uma delas normalmente é um desporto, normalmente, seja o futebol, seja a natação, seja o que for, portanto em termos.... Em termos físicos, os miúdos vão fazer alguma coisa.... As escolas no interior, não há oferta sequer, portanto não há clubes, não há ninguém que dinamize, lá está, por isso, de facto, a única.... O único sítio onde eles poderão eventualmente trabalhar é mesmo na escola, por isso é uma pena se.... Se essa parte for descurada....

Entrevistador: E mesmo depois, já na vida adulta, para que tenham interesse e gosto em continuar a realizar a atividade física, é muito importante....

Entrevistado: Sim, sabemos que cada vez mais agora está ligada também à parte da saúde não é.... Quanto mais cedo começarmos, também conseguimos combater essas obesidades, esses sedentarismos, e essas coisas todas que depois aparecem sempre associados a maus hábitos alimentares, e depois é uma bola de neve e depois começam os miúdos cada vez mais cedo com.... Com patologias associadas precisamente a isso à falta de atividade física.... Uma forma de combater seria precisamente ter um ensino estruturado da educação física, mas é como digo o principal problema aí não está nos programas, mas está na falta de.... De especialistas, de pessoas especializadas, que podem colmatar as dificuldades que os colegas do primeiro ciclo sentem.... E a estrutura, ter uma estrutura na escola.... Haver um espaço físico fechado e adequado....

Entrevistador: Acha então que a parte da coadjuvação iria ajudar?

Entrevistado: Sim, a coadjuvação é sempre muito útil, pronto eu cheguei a fazer, no nosso caso pronto não era propriamente uma coadjuvação, não é.... O que eu fazia com a colega era uma espécie de troca, uma permuta, vamos imaginar estávamos na hora de português, ela vinha dar português à minha turma, e eu ia dar educação física à turma dela, pronto e também é uma forma trabalhar, é uma forma de.... De ter alguém especializado com uma turma, a trabalhar com uma turma.... Não havendo...Não havendo essa possibilidade, porque não há ninguém especialista na escola, ou quem existe, pode eventualmente ser como eu, que tem uma turma e não é muito fácil fazer essa gestão, os colegas do segundo ciclo era o ideal, porque por um lado, a coadjuvação permite não só um colega de educação física ganhar ali algum conhecimento e desconstruir um bocadinho a dificuldade do programa, não é.... Acaba por se sentir muito mais à vontade, porque tem aquele apoio e às vezes é o suficiente para depois a pessoa já conseguir... Eu tenho colegas minhas que tiveram coadjuvação durante algum tempo e depois mudaram de escola e “não já consigo dar sozinha”, porque houve a desconstrução, é uma mais-valia sem dúvida nenhuma... Por exemplo aqui no nosso agrupamento não há essa cultura, digamos assim... As pessoas servem-se um bocadinho do protocolo que temos com a Câmara, da nataçãõ e do

atletismo.... Pronto, como um semestre está assegurado, a coisa passa... O outro semestre a pessoa assegura, vai lá uma vez de vez em quando... Depois chega à altura do Natal, há umas festinhas, dá-se a parte de expressão.... Da dança.... E pronto.... E vai se contornando assim um bocadinho... Mas é uma pena, num agrupamento como o nosso não haver essa.... Essa coadjuvação.... E por exemplo, nas AECS, vai lá um professor especialista de educação física.... Só que, as AECS não são obrigatórias, nem todos os alunos conseguem.... Portanto, não sendo de frequência obrigatória, acaba por não ser para todos, não é uma forma de resolver....

Entrevistador: Pois, exato, muitos acabam por continuar sem ter essa experiência... Caso pudesse fazer alterações ao programa, faria alguma alteração?

Entrevistado: No programa de educação física.... Honestamente.... Honestamente, não sei.... Na parte da patinagem, honestamente, lá está, só com protocolos.... A questão da patinagem era viável com protocolos, porque era o que eu estava a dizer ao bocado, escolas sem colchões, sem tabelas de basquetebol, sem bolas sequer apropriadas, não é.... Portanto, se nem sequer as bolas são apropriadas, como é que é possível.... Comprar patins, não é.... Era uma questão de estabelecer protocolos com clubes, como nós aqui, que temos.... Eventualmente, estabelecendo ali um protocolo.... Ou então, honestamente, não estou a ver.... E depois também, sinceramente.... Pronto, há uma progressão no equilíbrio, não é.... Porque nós trabalhamos o equilíbrio no 1.º e 2.º ano e honestamente, para mim não é uma mais-valia, por exemplo, o bloco da patinagem.... Não, não é uma mais-valia, honestamente.... Acho que se calhar faria muito mais sentido, em vez desse bloco, os jogos ser um bloco.... Em que podemos pôr à parte basquetebol e chamar minibasquetebol.... Por exemplo, eles englobam os jogos em tudo.... E pôr à parte basquetebol, voleibol.... Acho que faria mais sentido por aí, do que ter o bloco de patinagem...

Entrevistador: A professora nunca deu?

Entrevistado: Patinagem, não. Aliás, a patinagem, no meu estágio, lá está, como foi na Pedro Barbosa, eu cheguei a fazer, uma altura, uma aula, mas que cada um, só tinha um patim, não havia patins para cada 2, portanto.... Consegui fazer ali uma aula assim, tipo uma aula experimental, porque era mais.... Era tipo uma semana cultural, e nessa semana

cultural, acabamos por dar-lhes uma série de desportos para eles conhecerem mais ou menos, e então estabelecemos ali algumas parcerias também, fizemos alguns desportos de combate, mas foi mais nesse sentido, ou seja, não foi desenvolver um bloco propriamente.... E mesmo o de percursos na natureza, por exemplo, em termos do 1.º ciclo, que é muito complicado, e mesmo a questão da orientação... Os miúdos são muito dependentes de nós para tudo, não é... Para apertar os cordões, por exemplo.... E, por muito que o espaço esteja devidamente identificado, até eventualmente cercado, para não haver perigo de fugas... Eu acho que os miúdos são muito imaturos, eu acho que deveria estar mais focado para a planta da escola, para fazer tipo paddy-pappers, e caças ao tesouro, e essas coisas, mas dentro do contexto de escola.... Parece-me muito difícil um professor de educação física, com 25 miúdos, sair cá para fora, honestamente.... É aquilo que à primeira vista me parece mais gritante em termos de coisas mais desadequadas, agora é claro se as turmas fossem mais pequenas, se fosse como no jardim que temos sempre uma auxiliar connosco, ou turmas com 15 ou 18 miúdos, com 2 pessoas encarregues, parece-me que ficava mais viável, para realmente tirar proveito em termos de orientação não é.... Se calhar trabalhar com o terceiro e quarto ano dentro da escola.... Porque mesmo o primeiro e o segundo anos, parece-me muito mais.... Ainda não têm aquele.... Aquela maturidade.... Ainda estão a aprender a ler e tudo.... Mesmo a interpretação de figuras.... É complicado e, portanto, já estar ali a dar dicas de orientação e de interpretação de mapas, não sei, se calhar, eu tirava.... Deixava mais para o terceiro e quarto anos, em ambiente de escola... Uma coisa é fazer peddy-papers, fora da escola, mas em grupos pequenos, e com uma série de adultos a vigiar, porque nos tempos que correm, não se pode facilitar, as condições de segurança têm de estar asseguradas, não é... Até porque não deixa de ser uma aula e a responsabilidade é do professor de turma...

Entrevistador: Exatamente, obrigada, professora. Como é que procura integrar a educação física nas suas aulas?

Entrevistado: Normalmente, não só a educação física, mas as expressões no geral, eu trabalho sempre numa lógica de multidisciplinariedade não é, sempre, ou seja, começo a trabalhar um determinado tema, seja de matemática, quer seja português, não há problema nenhum, por exemplo, coisas fáceis na.... Na matemática, com números,

números pares e ímpares, com centenas, com dezenas, por exemplo, é muito fácil integrar num jogo.... Normalmente, eu gosto de trabalhar por estações, é a minha forma preferida de trabalho... Trabalho muito, torna as aulas mais dinâmicas não é, torna as aulas mais dinâmicas.... Às vezes as pessoas olham, e parece uma confusão, mas eles sabem tudo, todos sabem o que estão a fazer e estão todos em atividade não é.... Se não se faz um de cada vez então vamos perder bastante tempo, tempo de empenhamento motor.... E então muitas vezes.... Muitas vezes acontece eles fazerem uma determinada, vamos imaginar, por exemplo, uma estação e chegando ao final de todos esses movimentos, ou atividades que eles tiverem de fazer, tem, por exemplo, um cartão e, chegando ao fim, têm de montar um puzzle, e descobrir a mensagem.... Depois juntam todas as mensagens e deu uma frase, e podemos partir daí, ou então, partir daí para ir para outras.... Para outros conteúdos, ou então.... Ser quase como a avaliação daquilo que eles estiveram a dar, eles serem capazes de, não é.... É muito fácil integrar, assim como as artísticas também podemos pôr.... Podemos pôr também a expressão plástica, a música, não é.... Também conseguimos, tudo isso de uma forma transversal, conseguimos trabalhar.... Agora tem é de ser uma coisa pensada, se calhar nem todos os conteúdos darão... Nem todos os conteúdos darão, não é, mas só o facto de contar os pontos, só o facto de chegar ao final e ter de construir algo, seja um desenho, ou seja, uma imagem, seja uma frase, uma mensagem, ou seja, vamos trabalhar várias áreas, depois contar o rítmico cardíaco e depois multiplicados por 10, vamos estar a trabalhar a matemática, às vezes são coisas tão simples, não é.... Mesmo a questão da lateralidade, por exemplo, muito fácil trabalhar, a direita e a esquerda, muito fácil, não é.... E então procuro sempre nessa lógica, numa lógica de.... Não é aquele conteúdo específico, é construir atividades que tenham precisamente esse objetivo, mas quer sejam transversais para o português, para a matemática, para o estudo do meio, não é...

Entrevistador: E como é que a professora costuma dar as instruções, costuma explicar cada estação primeiro?

Entrevistado: Sim, normalmente... Quer dizer, agora eles já são meus alunos desde o ano passado, agora basta dispor os materiais, que eles já sabem sim, mas no início claro, eu demonstrava, ou quando já os começava a conhecer, pegava num e dizia “faz aqui isto”,

mas eu.... Mas aquilo é tudo muito.... Muito intuitivo, que acaba por ser.... Depois acaba por ser mecânico.... Eles depois chegam lá e já conseguem ver, eles vêem.... Vêm os pinos e já sabem.... Eu tenho sei lá.... Um balde, para fazer de cesto, já sabem que têm de driblar e encestar, tenho duas linhas marcadas 2 pinos, já sabem que, em princípio, será para rematar.... Já sabem mais ou menos.... Eles já conseguem, agora já conseguem já....

Entrevistador: Obrigada, professora. O que é que a professora procura priorizar na planificação das aulas? Essa parte de existir a interdisciplinaridade...

Entrevistado: Sim, e acima de tudo, também o número de repetições, não é.... Ou seja, tentar que as aulas sejam o mais dinâmicas possível, porque não adiante ter uma aula muito bem planeada se no fim o miúdo fez 2 saltos quer dizer... Fez 2 saltos, fez 2 lançamentos, saltou duas vezes à corda, não é.... Isso não é o que me interessa.... É, ou seja, é aumentar o número de repetições, por exemplo, terem.... Para eles fazerem, porque é.... É como tudo, não é.... Aliás tenho de lhes dizer isso, tudo é treino, não é.... Como nas outras disciplinas, não é.... O português é igual, “quanto mais vocês lerem melhores vão ficar” A matemática igual... Na parte da educação física, igual, “quantas mais vezes vocês treinarem, melhores vão ficar”, portanto, o que eu tento priorizar, é precisamente o dinamismo das aulas, e fazer com que os tempos mortos, os tempos de pausa, sejam o menos possível, não é.... E por outro lado, que o número de repetições seja sempre grande.... Por isso é que eu gosto do trabalho em estações, precisamente por causa disso, porque com grupos mais pequenos consigo rentabilizar melhor o espaço e o tempo, colocando uma série de habilidades motoras ali, e eu sei que fazem uma série de vezes, não é.... Às vezes pode ser só 45 minutos, mas eu sei que consigo repeti, repetir, repetir, um bocadinho de explicação, mais um retorno à calma, mais um aquecimento, e eu sei que acabou por ser produtivo.... Muito mais do que se fosse uma fila gigantesca, e fazer um de cada vez, depois eles também começam a perder o interesse se estiverem ali à espera.... Isso e também a questão das lesões, não é, porque eles podem arrefecer, não é, nós temos um clima, portanto, que em tempo de aulas maior parte é no inverno e os miúdos têm que aquecer bem, se não ficam com frio, lesionam-se.... Pronto, é o mais dinâmico possível....

Entrevistador: A professora aí nessas estações vai trabalhar mais os blocos de perícias e manipulações e deslocamentos e equilíbrios, é isso?

Entrevistado: Sim, em termos de primeiro e segundo anos, sim, sim.... Privilegio isso, e depois normalmente no final fazemos um jogo, ou então esse jogo no início a fazer de aquecimento.... Mas acabo por trabalhar sempre, em todas as aulas, trabalho sempre os 3 blocos, perícias e manipulações e deslocamentos e equilíbrios, e jogos...

Entrevistador: Sim, certo. E quais os maiores desafios, professora, associados às diferentes implementações dos blocos?

Entrevistado: Pois.... É o tempo.... O tempo e a questão do material, porque.... Porque nós trabalhamos muito com a motivação na parte da educação física, eles são sempre super motivados, tudo o que nós pusermos à frente, aliás, dizer que vamos ao ginásio é o suficiente.... Às vezes até funciona ao contrário, estão hipermotivados e às vezes é preciso até baixar ali um bocadinho, até mesmo pela questão do cumprimento de regras e tudo, que às vezes eles ficam.... Mas.... Mas o desafio será sempre o tempo que tenho disponível, que tenho consciência que não é muito, não é.... E que eles façam o máximo de aprendizagem em termos motores, da aprendizagem em termos motores, que eu conseguir.... Por outro lado, não que está associado, não só na parte de educação física, mas em todas as disciplinas, é a parte do cumprimento de regras, pronto, porque nós sabemos que agora perde-se um tempo infinito para fazer uma fila.... É a mesma coisa que nós chegamos à sala e esperamos que todos se calem e estejam prontos para.... Os miúdos sofrem muito agora... Que estão sempre impacientes, estão sempre ansiosos querem sempre começar, mas esquecem-se que não conseguem ficar quietos, calados, em silêncio e a ouvir.... Isto é muito difícil, é muito difícil.... É um desafio mantê-los focados na aula, então ouvir, entender um movimento, não é.... Porque os feedbacks têm de ser também constantes, porque naturalmente que eles, não é fazer por fazer, não é.... Tem de ser bem feito, não é, pronto, portanto, os feedbacks, como chegar a todos, é desafiante, porque, muitas vezes, se nós temos uma estação, que oferece ali algum perigo, nomeadamente, por exemplo, os enrolamentos, ou então o pino de cabeça contra paredes, que nós temos de estar ali.... Por isso é que trabalho mais em estações.... E essa estação vou colocá-la

numa posição estratégica, não é.... Numa das pontas do ginásio, para conseguir tirar proveito, e pelo menos visualmente conseguir ver tudo.... Isso também é um desafio, não é.... E depois tentar corrigir.... Que eles são muitos, estão a fazer habilidades diferentes, não é.... E eu estou ali presa, é difícil.... Às vezes, uma estratégia que eu utilizo, conforme os conheço, por exemplo, uma estratégia, por exemplo, juntar um grupo mais forte, que eu sei que esse grupo consegue fazer tudo sozinho e quando esse grupo tiver naquela estação, eu já sei que me posso pôr a pé e posso ir aos outros, não é.... Claro que a repetição é importante, mas também se estiver a fazer 10 vezes mal, não interessa, não é.... Não vai aprender nada, o que também é um desafio com turmas grandes.... E os miúdos são todos.... Estão todos super ansiosos, super motivados.... Começamos, depois vem o material que e é outro desafio, é tentar focar, parar, “não, calma, vais ouvir, depois é que vais conseguir fazer”, basicamente, uma aula inteira é um desafio, não é, porque mantê-los organizados, calados, a ouvir, organizá-los, dar feedback, garantir as condições de segurança, porque nós sabemos que se estivermos muito afastados, a qualquer momento, alguma coisa pode acontecer. Cada aula é um desafio.... Eu agora até opto por dizer no final como é que eles vão estar organizados, porque se eu digo “vamos fazer 3 grupos de 5”, eles começam logo a olhar uns para os outros a tentar fazer as equipas e eu “não, sou eu que vou fazer as equipas, não vale a pena se estarem a pôr uns à beira dos outros” Mas essa é a preocupação deles, é ficarem uns à beira dos outros.... Agora os meus, que já estão comigo desde o ano passado, mesmo durante a pandemia, eles agora já sabem, quem faz os grupos, sou eu... Quando nós chegamos a uma turma nova é ir gerindo, apalpando terreno, aplicar estratégias, ver o que funciona, ou não.... Mas também por isso é que há na primeira fase uma avaliação diagnóstica, para percebermos em que ponto estão, para ir ajustando tudo....

Entrevistador: Agora que a professora falou na pandemia, acha que houve alterações nos miúdos, a nível motor?

Entrevistado: Sim, sim, sem dúvida, inclusivamente, havia coisas que eles já conseguiam fazer muito bem e que, entretanto, demoraram algum tempo a voltar a adquirir, ou seja, a aprendizagem estava lá, não havia era o treino, por exemplo, no enrolamento, antes de eles irem para casa, o enrolamento já estava, mais ou menos, adquirido, não é, mais ou

menos, a posição certinha, queixo no peito, essas pequenas coisas, que já estava adquirido.... Quando voltaram já tinham medo, tinham alguns receios já...

Entrevistador: Durante o confinamento a professora dava-lhes aulas também, ou dizia-lhes para eles para eles fazerem determinados exercícios?

Entrevistado: Sim, eles tinham também uma planificação com exercícios sugeridos, tinham tipo circuitos, que eles podiam escolher, com os pais, e dentro de casa, através de coisas como cadeiras, um sofá, os tapetes, ou seja, coisas que eles tinham que houvesse em casa, bolas e por aí fora, eles tinham uma série de exercícios propostos, que eles podiam fazer, ou fazer ao longo dos dias, por exemplo, ao longo da semana, ou então, por exemplo, tirar 1 hora e fazer tudo direitinho, mas eu compreendo, já foi muito difícil para alguns pais que estavam em teletrabalho, outros miúdos nem com os pais estavam.... Foi muito complicado fazer melhor.... Mas notou-se.... Notou-se, acima de tudo, essa falta de treino, a aprendizagem, depois com a continuação, eles lá foram conseguindo.... E, eu por acaso não verifiquei na minha turma casos de aumento de peso, mas eu tive colegas minhas em que nas turmas delas se verificou, principalmente no primeiro confinamento, que foi um período inteiro.... Alguns dos miúdos chegaram irreconhecíveis.... Eu com os meus pequeninos não notei nada, mas até essa questão aumento do peso foi evidente, sim.... Foi evidente e isto também prejudica a atividade física...

Entrevistador: Assim se vê também como as aulas são tão essenciais....

Entrevistado: Claro, acaba por controlar tudo... Tinha de haver alguma preocupação ao nível da alimentação e também uma tentativa de eles não se sentarem uma tarde inteira em frente à televisão.... Acabou por prejudicar muito...

Entrevistador: Professora, muito obrigada, tem mais algum comentário?

Entrevistado: Eu acho que vocês deviam, todos os que tem esta.... No mestrado em que fazem estes estudos... Eu gostava era que estes estudos realmente contribuíssem para... Isto depois é publicado, mas acho que as pessoas acabam por fazer ouvidos moucos, ou não lhes interessa, porque isto deveria chegar às autarquias, ou até mesmo às direções de agrupamentos, para chamar à atenção sobre... Nós temos tantos colegas nossos, com a

história do aumento dos alunos por turma.... As turmas são cada vez maiores e temos muitos professores com falta de carga letiva.... Distribuí-los e efetivamente pegar nessa parte da coadjuvação que é fundamental e investir nestes pequeninos, no 1.º ciclo, dar-lhes uma bagagem, porque acaba por ser.... É benéfico para todos, porque, eventualmente os colegas vão apanhá-los depois no 2.º ciclo, por exemplo... E vemos miúdos que não sabem correr, não sabem saltar à corda, nós temos meninos que descem as escadas, não é alternando os pés, e estão no segundo ano.... Eles não alternam os pés. Eles descem o direito, pousam o esquerdo.... Isto é muito grave nesta altura.... E toda a gente sabe que a prática da atividade física está intimamente ligada à qualidade de vida, toda a gente sabe que é tão importante os miúdos brincarem na rua.... E que agora não podem, ou pelo menos não podem como podiam, por perigos, ou outras coisas, então realmente a escola será o local de excelência para conduzir os miúdos e dar-lhes aquilo que é suposto...

Entrevistador: Acho que, infelizmente, por vezes, a educação física ainda é vista como uma brincadeira...

Entrevistado: Pois é... “Ah, eles vão às AECS”, não é a mesma coisa de forma nenhuma... Mas pronto, vamos esperar que os vossos trabalhos tenham eco em algum sítio...

Entrevistador: Esperemos que sim, professora. Muito obrigada, e continuação de bom trabalho.